



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – *CAMPUS X* – DEDC X
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL**

CARLOS HENRIQUE ALVES DOS SANTOS

**O DISCURSO DO OUTRO SOBRE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM
TEIXEIRA DE FREITAS (BA)**

TEIXEIRA DE FREITAS
2024

CARLOS HENRIQUE ALVES DOS SANTOS

**O DISCURSO DO OUTRO SOBRE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM
TEIXEIRA DE FREITAS (BA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação – *Campus X*, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na linha 1: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Décio Bessa da Costa.

TEIXEIRA DE FREITAS
2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

A474d

Santos, Carlos Henrique Alves dos.

O discurso do outro sobre pessoas em situação de rua em Teixeira de Freitas(BA) / Carlos Henrique Alves dos Santos. - Teixeira de Freitas, 2024.

164 fls.

Orientador(a): Décio Bessa da Costa.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Educação. Programa de Pós Graduação em Letras - PPGL,
Campus X. 2024.

1.Discurso. 2.Situação de rua. 3.Teixeira de Freitas. 4.Bahia.


CDD: 418

FOLHA DE APROVAÇÃO


O DISCURSO DO OUTRO SOBRE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM TEIXEIRA DE FREITAS (BA)

CARLOS HENRIQUE ALVES DOS SANTOS


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em LETRAS – PPGL, em 29 de maio de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **DECIO BESSA DA COSTA**
Data: 29/05/2024 19:25:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. DÉCIO BESSA DA COSTA
UNEB
Doutorado em Linguística
Universidade de Brasília

Documento assinado digitalmente
 **CRISTHIANE FERREGUETT**
Data: 29/05/2024 20:05:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dr.^a CRISTHIANE FERREGUETT
UNEB
Doutorado em Letras
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Documento assinado digitalmente
 **JOSE RIBAMAR LOPES BATISTA JUNIOR**
Data: 30/05/2024 00:06:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. JOSÉ RIBAMAR LOPES BATISTA JÚNIOR
UFPI
Doutorado em Linguística
Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a Deus e a todas as pessoas e instituições que tornaram possível a realização deste trabalho.

Primeiramente, agradeço à Universidade do Estado da Bahia – UNEB pelo ambiente acadêmico estimulante, pelos recursos oferecidos e pelo suporte ao longo deste processo de pesquisa.

Ao meu orientador, Décio Bessa da Costa, expressei meu profundo agradecimento pela orientação sábia, pelos *insights* e pela paciência demonstrada em cada etapa deste projeto. Sua dedicação e conhecimento foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação.

À banca examinadora composta pela Profa. Dra. Cristhiane Ferreguet e pelo Prof. Dr. José Ribamar Lopes Batista Júnior pelos valiosos comentários e sugestões que enriqueceram significativamente este trabalho. Também expressei minha gratidão à Profa. Dra. Marta Aguiar da Silva pelas contribuições durante a banca de qualificação.

À Profa. Dra. Cláudia Madalena Feistauer e ao Prof. Dr. André Ricardo Nunes Martins por terem aceitado ser suplentes.

À minha esposa, Maria Izabel da Silva Rocha, meu eterno agradecimento por ser não apenas minha companheira de vida, mas também minha companheira nesta jornada acadêmica. Obrigado por sua paciência infinita, pelas partilhas durante o período desta dissertação.

Minha sincera gratidão se estende, também, à minha família e amigos, cujo apoio incansável, compreensão e estímulo foram pilares fundamentais ao longo desta desafiadora jornada acadêmica. Quero expressar meu reconhecimento especial aos meus pais, Sônia Alves dos Santos e José Carlos Ramos dos Santos, e aos meus irmãos, Cauã Alves dos Santos e Caíque Alves dos Santos. Vocês foram a fonte constante de amor, incentivo e força que iluminaram o caminho durante todo o percurso.

Agradeço também aos meus colegas de pesquisa, cuja colaboração e troca de ideias contribuíram para uma experiência enriquecedora.

Gostaria de expressar meu profundo agradecimento aos programas de financiamento, em particular ao Programa de Iniciação Científica - PICIN da UNEB e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB, pelo suporte financeiro concedido ao longo de três anos de iniciação científica. Esse apoio, de maneira indireta, foi fundamental para viabilizar a realização desta pesquisa.

Agradeço aos participantes desta pesquisa, cuja contribuição foi fundamental para a viabilização e relevância deste estudo.

Um agradecimento especial vai para Adriana, Aline Maria, Aline Brito, Arolda, Bougleux, Carlos, Cecília, Celso Kallarrari, Celso Silva, Cleideni, Cleiton, Cristhiane, Crysna, Décio, Gabriela, Gean, Guilhermina, Fernando, Ivana, Janine, Josinéa, Juliana, Karina, Mourivaldo, Quitéria, Valci, Valdi e Valdete, que desempenharam um papel crucial em minha formação acadêmica e profissional.

À equipe técnica e administrativa do DEDC X / UNEB, reconheço o apoio essencial fornecido durante todo o processo.

Por fim, agradeço aos autores e pesquisadores cujo trabalho serviu de alicerce para esta dissertação.

Cada um de vocês desempenhou um papel significativo, e este trabalho é resultado de um esforço coletivo. O meu mais profundo agradecimento a todos.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a problemática social da situação de rua por meio da realização de entrevistas com comerciantes, moradores da cidade, estudantes e transeuntes que convivem com pessoas em situação de rua em Teixeira de Freitas (BA), buscando compreender relações linguístico-discursivas, perspectivas ideológicas e correlações com práticas sociais. Os seguintes trabalhos foram considerados na fundamentação teórico-metodológica: a abordagem dialético-relacional da Análise de Discurso Crítica (ADC) proposta por Fairclough (2001; 2003; 2015; 2016); o panorama feito por Wodak e Meyer (2016) sobre os Estudos Críticos do Discurso; os estudos de Silva (2009) sobre situação de rua; a teorização de Thompson (2011) sobre ideologia. Na metodologia, foram observadas as proposições de Flick (2009), considerando contextos e práticas sociais. A pesquisa empregou, como instrumento de geração de dados, entrevistas semiestruturadas (Gaskell, 2007). O entendimento do contexto onde vivem pessoas em situação de rua também faz parte deste trabalho. Os resultados, ao desenvolver uma Análise de Discurso Crítica (ADC) relacionada à situação de rua, revelam a capacidade desse paradigma de pesquisa em identificar formas linguísticas que moldam significados e ações relacionadas ao problema social em questão. A perspectiva crítica da ADC destaca as dinâmicas de poder nos discursos, expondo ideologia subjacente que exerce influência sobre políticas públicas, práticas sociais e a percepção da sociedade. Nos resultados desta pesquisa, em relação às práticas sociais, destaca-se uma inclinação para responsabilizar individualmente as pessoas em situação de rua, sugerindo que a recusa de ajuda é uma “escolha”. A estigmatização emerge ao simplificar a complexidade da situação de rua, atribuindo as dificuldades a decisões individuais, sem considerar fatores mais amplos. Quanto as categorias analíticas, o gênero discursivo entrevista semiestruturada propiciou versatilidade na geração de dados e relevância para a interação. A representação dos agentes sociais indicou, por um lado, uma lacuna de conhecimento sobre as ações do Poder Público em relação à situação de rua; por outro lado, afirmou-se que o mesmo deve ter responsabilidade nessa questão. A análise intertextual revela a ausência das vozes dos responsáveis pela implementação de políticas públicas, como políticos e governantes. Foram encontradas escolhas lexicais que reforçam estigmas e preconceitos, como “lixo social”, “bicho”, “ressocializar” e “ser da rua”. Contudo, a palavra “direito” apareceu de forma positiva. Por meio da análise interdiscursiva, observou-se que o discurso de escolha, o discurso de meritocracia e o discurso de violência são frequentemente legitimados e naturalizados, enquanto outros, como o discurso de igualdade e o discurso da justiça social, são menos proeminentes e, em alguns casos, silenciados.

Palavras-chave: Discurso; Situação de Rua; Teixeira de Freitas; Bahia.

ABSTRACT

This research aims to analyze the social problems of homelessness by conducting interviews with traders, city residents, students and passers-by who live with homeless people in Teixeira de Freitas (BA), seeking to understand linguistic-discursive, ideological perspectives and correlations with social practices. The following works were considered in the theoretical-methodological foundation: the dialectical-relational approach of Critical Discourse Analysis (CDA) proposed by Fairclough (2001; 2003; 2015; 2016); the overview made by Wodak and Meyer (2016) on Critical Discourse Studies; Silva's (2009) studies on homelessness; Thompson's (2011) theorization about ideology. In the methodology, Flick's (2009) propositions were observed, considering social contexts and practices. The research used semi-structured interviews as a data generation instrument (Gaskell, 2007). Understanding the context where homeless people live is also part of this work. The results, when developing a Critical Discourse Analysis (CDA) related to homelessness, reveal the ability of this research paradigm to identify linguistic forms that shape meanings and actions related to the social problem in question. The critical perspective of CDA highlights power dynamics in discourses, exposing underlying ideology that influences public policies, social practices and society's perception. In the results of this research, in relation to social practices, there is an inclination to hold homeless people individually responsible, suggesting that refusing help is a "choice". Stigmatization emerges when simplifying the complexity of homelessness, attributing difficulties to individual decisions, without considering broader factors. As for the analytical categories, the semi-structured interview discursive genre provided versatility in data generation and relevance for interaction. The representation of social agents indicated, on the one hand, a gap in knowledge about the actions of the Public Power in relation to homelessness; on the other hand, it was stated that he must be responsible in this matter. The intertextual analysis reveals the absence of the voices of those responsible for implementing public policies, such as politicians and government officials. Lexical choices were found that reinforce stigmas and prejudices, such as "social trash", "animal", "resocialize" and "being from the street". Nevertheless, the word "right" appeared in a positive way. Through interdiscursive analysis, it was observed that the discourse of choice, the discourse of meritocracy and the discourse of violence are often legitimized and naturalized, while others, such as the discourse of equality and the discourse of social justice, are less prominent and, in some cases, silenced.

Keywords: Discourse; homeless people; Teixeira de Freitas; Bahia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de figuras

Figura 1 – Estratégias gerais de pesquisa e vínculos teóricos	19
Figura 2 – Rede de sistema da Representação de Agentes Sociais	27
Figura 3 – Foto de notícia sobre situação de rua durante a pandemia da Covid-19.....	45
Figura 4 – Mapa da cidade de Teixeira de Freitas/BA	48
Figura 5 – Divisão político-administrativa do Território de Identidade Extremo Sul.....	62
Figura 6 – Localização de Teixeira de Freitas na Bahia	63
Figura 7 – Centro de Abastecimento Temoteo Alves de Brito	64
Figura 8 – Título e foto de notícia sobre situação de rua durante a pandemia.....	67
Figura 9 – Estudos Críticos do Discurso como um processo	75

Lista de quadros

Quadro 1 – Modos de operação da ideologia.....	32
Quadro 2 – Modos e meios	69
Quadro 3 – Roteiro de entrevista.....	72
Quadro 4 – Convenções de transcrição	76
Quadro 5 – Roteiro de abordagem inicial com os participantes da pesquisa.....	79
Quadro 6 – Entrevista semiestruturada (características e estrutura)	81
Quadro 7 – Cadeia de gêneros.....	82
Quadro 8 – Comunicação bidirecional e unidirecional.....	84

LISTA DE SIGLAS

ADC	Análise de Discurso Crítica
ADTO	Análise de Discurso Textualmente Orientada
CadÚnico	Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal
CAPS AD	Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas
CENTRO POP	Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CETAD	Centro de Pesquisa e Tratamento do Abuso de Drogas
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CNS	Conselho Nacional de Saúde
EBES	Estado de Bem-Estar Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Iniciação Científica
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LC	Linguística Crítica
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
MDS	Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MNPR	Movimento Nacional da População de Rua
MS	Ministério da Saúde
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
SEAS	Serviço Especializado em Abordagem Social
SMAS	Secretaria Municipal de Assistência Social
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TI	Território de Identidade
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UFBA	Universidade Federal da Bahia
VIS DATA	Visualizador de Dados Sociais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-DISCURSIVOS E DE IDEOLOGIA	17
2.1 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA (ADC): CONSOLIDAÇÃO DOS ESTUDOS E PARADIGMA DE PESQUISA	17
2.2 PRÁTICAS SOCIAIS, EVENTOS SOCIAIS E ESTRUTURAS SOCIAIS	22
2.3 DISCURSO	23
2.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE	25
2.4.1 Gênero discursivo	25
2.4.2 Representação de agentes sociais	26
2.4.3 Intertextualidade	29
2.4.4 Significado de palavras	29
2.4.5 Interdiscursividade	30
2.5 IDEOLOGIA	31
3 SITUAÇÃO DE RUA: NOÇÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS	34
3.1 PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA	34
3.2 SITUAÇÃO DE RUA NO MUNICÍPIO DE TEIXEIRA DE FREITAS – BA	42
3.3 CIDADÃS E CIDADÃOS EM SITUAÇÃO DE RUA: POLÍTICAS PÚBLICAS E DIREITOS	49
4 METODOLOGIA	59
4.1 PESQUISA QUALITATIVA	59
4.2 CONTEXTO DE PESQUISA: TEIXEIRA DE FREITAS – BA	61
4.3 CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE PESQUISA	67
4.3.1 Dados gerados	68
4.4 ENTREVISTAS	70
4.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	73
5 ANÁLISES	78
5.1 ENTREVISTAS	78
5.1.1 Gênero discursivo	80
5.1.2 Representação de agentes sociais	84
5.1.3 Intertextualidade	89
5.1.4 Significado de palavras	91
5.1.5 Interdiscursividade	98

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICES	126
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ...	127
ANEXOS	129
ANEXO A – ENTREVISTA 1 – MARIA (COMERCIANTE)	130
ANEXO B – ENTREVISTA 2 – PEDRO (COMERCIANTE)	135
ANEXO C – ENTREVISTA 3 – JULIANA (TRANSEUNTE)	140
ANEXO D – ENTREVISTA 4 – FRANCISCO (TRANSEUNTE)	144
ANEXO E – ENTREVISTA 5 – JOSÉ (MORADOR DA CIDADE)	148
ANEXO F – ENTREVISTA 6 – CAMILA (MORADORA DA CIDADE)	152
ANEXO G – ENTREVISTA 7 – MARCOS (ESTUDANTE)	158
ANEXO H – ENTREVISTA 8 – ANA (ESTUDANTE)	162

1 INTRODUÇÃO

A situação de rua é uma problemática social grave que tem crescido e persistido no Brasil. As discussões sobre o tema foram ampliadas com a aprovação da Política Nacional para a População em Situação de Rua (Decreto n.º 7.053, de 23 de dezembro de 2009), que reforça a importância do cumprimento dos direitos fundamentais a cidadãos e a cidadãs em situação de rua. Em fevereiro de 2023, a última “Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil”, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), mostrou que o número de pessoas em situação de rua no país passou de 204.660, em 2019, para, 281.472, em 2022, o que representa um crescimento expressivo de 38% nesse período. Dentre os motivos, o estudo aponta para a crise econômica, o aumento do desemprego e da pobreza nos últimos anos como principais fatores, além de considerar, também, o efeito da pandemia (Natalino, 2023). A pobreza, o desemprego, os vínculos familiares interrompidos, entre outros fatores, lançam luz à complexidade da situação de rua e à necessidade de considerar aspectos sociais, históricos, políticos e econômicos que a envolvem (Brasil, 2008, p. 7).

Na mais recente e aprimorada estimativa do quantitativo da população em situação de rua, baseada nos dados do Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) de agosto de 2023 e também conduzida pelo IPEA, foram registradas 227.087 pessoas em situação de rua. A aparente diminuição no número total não representa uma redução real, mas sim decorre de uma alteração no método de pesquisa. Este novo método, que utiliza o novo sistema do CadÚnico, difere do anterior ao não considerar aqueles que já estiveram em situação de rua e deixaram essa condição (Natalino, 2024).

Esta pesquisa tem como objetivo geral: Analisar a problemática social da situação de rua por meio da realização de entrevistas com comerciantes, moradores da cidade, estudantes e transeuntes que se encontram nas imediações onde há pessoas em situação de rua em Teixeira de Freitas (BA), buscando compreender relações linguístico-discursivas, perspectivas ideológicas e correlações com práticas sociais.

Os objetivos específicos são:

- 1) Investigar o que comerciantes, moradores da cidade, estudantes e transeuntes que convivem com a problemática social em que vivem cidadãs e cidadãos em situação de rua em Teixeira de Freitas (BA) tem a dizer sobre o problema;

- 2) Interpretar e explicar dados linguístico-discursivos, considerando as perspectivas ideológicas e práticas sociais;
- 3) Identificar elementos intertextuais e interdiscursivos presentes nas entrevistas;
- 4) Descrever e analisar escolhas lexicais e o gênero discursivo.

Assim, pretende-se, por meio deste estudo, analisar o discurso do outro sobre pessoas em situação de rua no atual contexto teixeirense. Entre os principais estudos linguístico-discursivos aplicados estão: a Análise de Discurso Crítica (doravante ADC) na perspectiva de Fairclough (2001, 2003, 2015, 2016); as considerações de Wodak e Meyer (2016); a Representação dos Atores Sociais de van Leeuwen (1997)¹ e a teorização de Thompson (2011) sobre ideologia.

A metodologia é qualitativa, cujos aspectos serão focados na interpretação dos dados. A técnica de geração de dados é a entrevista semiestruturada que é aquela em que o entrevistador tem maior autonomia para explorar dados, pois as perguntas formuladas podem ser abertas, a fim de evitar respostas curtas “sim” e “não”. As entrevistas foram realizadas no período de 1 ao dia 31 do mês de outubro de 2023 com oito pessoas (4 do sexo feminino e 4 do sexo masculino) que não estejam vivendo em situação de rua, sendo: 1 – dois comerciantes; 2 – dois moradores da cidade; 3 – dois estudantes; 4 – dois transeuntes. Para melhor atendimento dos objetivos propostos, foram entrevistadas pessoas que tenham entre 18 e 50 anos e que tenham suas rotinas nas proximidades dos lugares em que há a presença de pessoas em situação de rua no município. A entrevista do tipo semiestruturada foi escolhida pela liberdade concedida para o participante. Buscou-se interpretar dados que foram gerados por meio da realização de entrevistas gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

Este estudo tem vinculação com o projeto de pesquisa “Discurso e Situação de Rua”, do Prof. Dr. Décio Bessa, desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus X*, que investiga representações relacionadas à situação de rua. A participação neste projeto de pesquisa durante o período de graduação, como bolsista de Iniciação Científica (IC), foi o que motivou o interesse por este trabalho. Foram executados três subprojetos nos respectivos Territórios de Identidade da Bahia: Extremo Norte, Chapada Diamantina e Sisal (ago./2016-ago./2019). Esta pesquisa também está associada ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas do Departamento de Educação do *Campus X* da UNEB, também vinculado ao projeto anterior apresentado, em

¹ No original, van Leeuwen (1997) utiliza “Atores Sociais”.

que foram realizadas entrevistas com pessoas em situação de rua atendidas por um Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP), com a devida aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNEB) no ano de 2019.

Os resultados desses trabalhos indicaram que esta problemática vem crescendo também nos pequenos e médios centros urbanos. Ao lançar o olhar sob esta atual realidade e estudá-la, foi possível perceber mais de perto o estado de vulnerabilidade dessas pessoas nas ruas. Sendo assim, o enfoque desta pesquisa é conversar com pessoas que residem ou transitam nas redondezas de locais onde há pessoas em situação de rua na cidade de Teixeira de Freitas – BA e analisar discursivamente dados gerados.

As motivações pessoais para esta pesquisa emergiram a partir de observações regulares durante o percurso para a universidade, onde constantemente deparava com a realidade das pessoas em situação de rua. As observações diárias, aliadas acúmulo de conhecimento, instigaram ponderações e uma conscientização em relação às questões que permeiam essa problemática social. O desejo de compreender melhor as perspectivas, as experiências e as dinâmicas discursivas desses indivíduos e daqueles que interagem com eles impulsionou o engajamento nessa pesquisa.

Sabendo que, em qualquer comunicação, utilizamos a linguagem para interagir com o outro e que tal uso é essencial para que as relações humanas aconteçam, considera-se que o estudo da língua tem papel importante na investigação da sociedade, das relações de poder e de ideologia. O quadro de invisibilidade e agravamento da situação de rua mostra a necessidade de estratégias políticas que discutam maneiras de tratar adequadamente a situação ou resolver tal problema. Embora muitas políticas públicas tenham sido pensadas e planejadas a partir de discussões como as endossadas por esta pesquisa, foi dada ênfase aos aspectos discursivos que se relacionam a essa problemática. A pesquisa pode gerar conhecimentos que contribuam para que pessoas (vinculadas ou não à situação de rua) tenham uma percepção diferente diante dos fatos que envolvam cidadãos e cidadãs em situação de rua. A propagação de conhecimentos e apreciação do tema é fundamental para combater o preconceito enfrentado por essas pessoas em situação de rua, bem como combater a banalização do problema.

Portanto, analisar esses relatos é importante para identificar discursos, as dimensões ideológicas em práticas sociais, o que favorece o processo de visibilidade do problema social. Há relevância científica neste estudo, uma vez que contribui para o acúmulo de conhecimento

em Análise do Discurso Crítica (ADC) no Brasil. Essa contribuição se alinha com outras pesquisas previamente conduzidas no país, incluindo aquelas realizadas pela Rede Latino-Americana de Análise de Discurso Crítica e Pobreza (REDLAD). Essa rede é um espaço que reúne pesquisadoras/es e estudos em análise discursiva e social há mais de quinze anos.

Diversas pessoas, no Brasil e no mundo, têm sido afetadas por questões sociais complexas que colocam em risco a qualidade de vida. Alguns não poupam esforços na busca por uma condição básica humana que supra as necessidades de sobrevivência, ao mesmo tempo em que são impactados pelo aumento do desemprego, da violência e da falta da efetivação de políticas públicas.

Ao abordar acerca da relevância dos estudos em ADC, Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 30) pontuam que esta perspectiva teórica permite analisar diversos aspectos que se encontram no plano social, ou seja, aqueles voltados à vida diária dos indivíduos, ao significado das experiências e ao imaginário dos participantes de pesquisa.

Com relação aos estudos sobre situação de rua, utilizaremos trabalhos como o de Silva (2009), que ao fazer uma contextualização histórica, diz que a revolução industrial, que teve início na Inglaterra (século XVIII) e depois se expandiu pela Europa Ocidental e Estados Unidos (século XX), causou profundas consequências, como a desigualdade social, exploração e violência contra trabalhadores, pois houve transformação das relações sociais na época. Entende-se que o início da situação de rua, tal qual conhecemos hoje, remete a este momento. Os dados da Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de Rua (Brasil, 2008) também estão considerados. Esses dados serão empregados na contextualização e na compreensão das perspectivas geradas nas entrevistas, oferecendo uma visão embasada sobre a situação de rua.

Este é um estudo em ADC, portanto, da forma que se estrutura, centra-se na formulação de questões de pesquisa. Assim, não é habitual que se faça, neste tipo de estudo, o levantamento de hipóteses. As questões de pesquisa utilizadas neste trabalho são as seguintes: Que discursos circulam socialmente sobre a problemática social da situação de rua no município de Teixeira de Freitas BA? Como comerciantes, moradores da cidade, estudantes e transeuntes de Teixeira de Freitas BA entendem esse problema social? Quais são os dados linguístico-discursivos (semióticos) e de que maneira aparecem em práticas sociais? Quais elementos intertextuais, interdiscursivos, escolhas lexicais e de gênero discursivo estão presentes nas entrevistas?

Acredita-se que com este estudo será possível identificar de que forma os participantes de pesquisa percebem um problema que os cerca; também poderá contribuir ao levantar características atuais da situação de rua na cidade, além de gerar conhecimentos pouco discutidos e observados pela comunidade geral para maior clareza acerca da problemática. Esta pesquisa também pode propiciar contribuições para a assistência social no âmbito municipal, bem como para eventuais políticas públicas destinadas a este segmento populacional.

Esta dissertação é composta de seis seções. Na Seção 2, discutimos sobre a ADC como um paradigma de pesquisa que propicia reflexão sobre discurso em relação às práticas sociais para a mudança social, com base nos trabalhos de Fairclough (2001, 2003, 2016); Wodak e Meyer (2009, 2016); Chouliaraki & Fairclough (1999). Na Seção 3, recuperamos alguns percursos históricos sobre a situação de rua e apresentamos o que gera a situação de rua, bem como o processo de implementação de políticas públicas no Brasil, na Bahia e no local de pesquisa, Teixeira de Freitas. Também serão apresentados dados de pesquisas. A Seção 4 fala da pesquisa qualitativa, metodologia utilizada neste trabalho, onde serão apresentadas as técnicas de geração de dados, delimitação da triangulação das entrevistas e as categorias analíticas. A Seção 5 é destinada às análises das entrevistas que serão feitas; apresentaremos a análise de cada categoria em todas as entrevistas.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-DISCURSIVOS E DE IDEOLOGIA

Nessa seção, falaremos sobre a Análise de Discurso Crítica (ADC) enquanto programa de pesquisa que contribui para a identificação de aspectos semióticos em práticas sociais para a mudança social, buscando, para tal, o apoio de trabalhos de Fairclough (2001, 2003, 2015, 2016); Wodak e Meyer (2016); Chouliaraki e Fairclough (1999). A subseção *Práticas Sociais, Eventos Sociais e Estruturas Sociais* irá demonstrar como outros elementos sociais se relacionam à semiose. A seguinte é sobre o discurso e a ordem de discurso. Em seguida, as categorias analíticas escolhidas e aplicadas posteriormente. Na última subseção, a ideologia será tratada na perspectiva de Thompson (2011).

2.1 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA (ADC): CONSOLIDAÇÃO DOS ESTUDOS E PARADIGMA DE PESQUISA

A Análise de Discurso Crítica (ADC)² é um paradigma de pesquisa composto por diferentes versões (Wodak; Meyer, 2016)³. Diferentes estudos a antecederam e a influenciaram, cuja existência se deu do interesse de investigar o discurso e o seu funcionamento na linguagem. Discursos são históricos e entendê-los depende do contexto. A noção de contexto está ligada a fatores sociais, psicológicos, políticos, históricos e ideológicos. Sendo assim, o processo para sua análise é interdisciplinar (Wodak; Meyer, 2016, p. 19).

Assim, os estudos discursivo-críticos têm base na retórica, linguística de texto, antropologia, filosofia, psicologia social, ciência cognitiva, estudos literários, linguística aplicada, sociolinguística e pragmática. Posteriormente, a base se estende para as ciências sociais. A ADC se origina de uma diversidade de métodos e objetos de investigação constituídos também de novas disciplinas linguísticas de pesquisa: semiótica, psicolinguística, etnografia da fala, análise da conversação e estudos do discurso (Wodak; Meyer, 2016, p. 2).

² Utilizaremos como tradução de Critical discourse analysis (CDA) de Fairclough (2010).

³ A autora e o autor empregam o termo Estudos Críticos do Discurso (ECD).

Ainda segundo os autores, nesse momento, foi importante estudar o discurso e a linguagem em seu uso, com foco em unidades de análise além de palavras e frases, com enfoque na ação e interação. Houve extensão também aos aspectos semióticos, multimodais, visuais da interação e comunicação. Da mesma forma, houve o estudo das funções sociais, culturais, de situação e cognitivas dos textos e do uso da linguagem, como forma de analisar aspectos dos textos e do discurso.

A ADC é relativamente recente e remonta à década de 1990, após realização de um simpósio em Amsterdã. Esse paradigma de pesquisa é institucionalizado quando Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak se reuniram para discussão de seus interesses de pesquisa. Sua realização permitiu o confronto entre diferentes teorias, metodologias e abordagens que já vinham sendo sistematizadas e utilizadas por seus autores (Wodak; Meyer, 2016, p. 4).

De acordo com Wodak e Meyer (2016, p. 2), a diversidade de teorias possibilita a relação da ADC com diferentes estudos, visto que muitos deles trouxeram contribuições para a ADC; a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)⁴ e a Linguística Crítica (LC) são alguns deles. A LC teve seu desenvolvimento a partir dos anos 1970 na Universidade de East Anglia, Inglaterra, como proposição dos linguistas Fowler, Hodge e Kress, tendo, também, como base a LSF.

O conjunto desses estudos tem algumas características em comum, como o interesse no uso da linguagem real pelos falantes da língua. As unidades linguísticas continuam sendo vistas como importantes, mas não são foco central, pois pretende-se, a partir de unidades de palavras e frases isoladas, tratar de segmentos maiores. Em vista desse interesse de estudo, outras unidades básicas de análise foram consideradas, como textos, discursos, conversas, atos de fala e eventos comunicativos. Assim, para além da gramática de sentença, houve o estudo da ação e interação, no qual os aspectos não verbais e o estudo das funções sociais, culturais e cognitivas, na perspectiva do uso da linguagem, foram considerados.

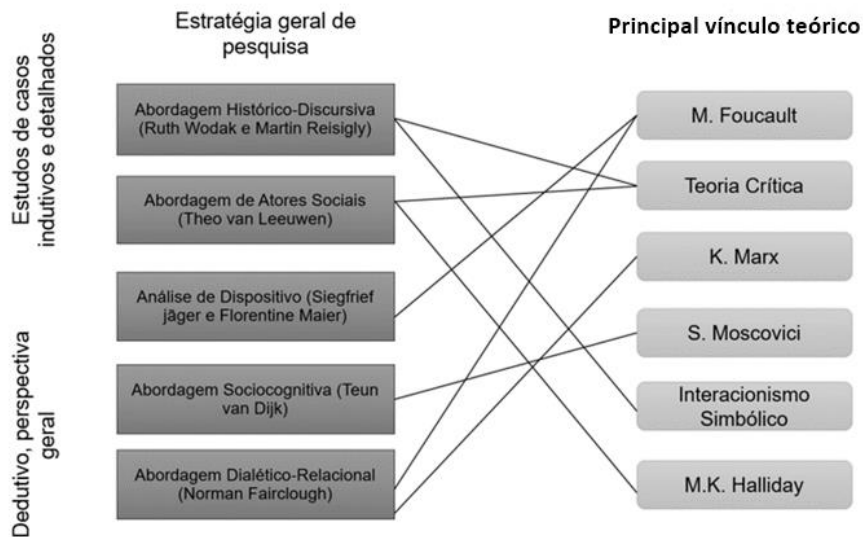
Ainda de acordo com Wodak e Meyer (2016), a existência de diversos princípios teóricos gerais dos estudos discursivos indicam a variedade de abordagens da ADC que

⁴ A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por Halliday (2004), oferece um sistema de organização textual e destaca como a linguagem desempenha diversas funções comunicativas em contextos sociais. A LSF foi uma contribuição significativa para a ADC, ao possibilitar a análise da linguagem em sua interação com o contexto social.

incluem abordagens discursivas, pragmáticas, sociolinguísticas, entre outras. As abordagens assumem formas dedutivas e indutivas. A primeira forma, assume uma perspectiva geral. A segunda forma, é voltada aos estudos de caso e coleta de dados, partindo de dados mais específicos e detalhados. A respeito disso, Fairclough (2003, p. 8) diz que existem diferentes perspectivas em ADC, em vista da distinção de proposições entre as abordagens de pesquisa.

Na figura a seguir, temos as principais abordagens e seus respectivos autores:

Figura 1 – Estratégias gerais de pesquisa e vínculos teóricos



Fonte: Wodak e Meyer (2016, p. 18, tradução nossa).

Na figura 1, a abordagem trabalhada por cada autor baseia-se no constructo teórico de outros autores que a influenciaram. Por esse motivo, cada abordagem oferece diferentes recursos que poderão ser explorados na análise de textos. Na Abordagem de Atores Sociais, por exemplo, há o vínculo teórico com a perspectiva de M. K. Halliday e da Teoria Crítica. Sendo assim, tais abordagens podem dialogar de maneira transdisciplinar com perspectivas teóricas, linguísticas, discursivas e sociais para análise de “textos como elementos do processo social”⁵ (Fairclough, 2003, p. 8, tradução nossa). Isso porque elas surgiram pela combinação de teorias sociais e linguísticas; e, por isso, a ADC deve ser vista como um

⁵ No texto original: My approach to discourse analysis (a version of critical discourse analysis) is based upon the assumption that language is an irreducible part of social life, dialectically interconnected with other elements of social life, so that social analysis and research always has to take account of language.

paradigma de pesquisa que implementa a interdisciplinaridade de diferentes formas. Nesse sentido, a sistematização de abordagens é necessária devido aos interesses específicos e questões de pesquisa que variam de autor para autor (Wodak; Meyer, 2016, p. 19).

Entre as abordagens apresentadas para esta investigação, será utilizada a abordagem dialético-relacional de Fairclough. Esta abordagem compartilha proposições de Karl Marx, bem como se baseia no conceito de ordens de discurso de Michel Foucault. Há uma relação dialética entre elementos da dimensão semiótica (também constituída por textos) com outros elementos sociais, ou seja, não é possível se reduzir a apenas um deles, mas um sempre será compreendido na relação com o outro (Fairclough, 2016, p. 86, tradução nossa).

Para Fairclough (2003, p. 206, tradução nossa), a “ADC é a análise das conexões dialéticas entre discurso (incluindo linguagem, mas também outras formas de semiose, por exemplo, linguagem corporal ou imagens visuais) e outros elementos das práticas sociais”⁶. Nesta perspectiva, o autor define que o interesse está em analisar o discurso na sua correlação com aspectos da vida social.

Entende-se que as pesquisas em ADC estudam a relação entre linguagem, sociedade e relações de poder, com vista à mudança social, na perspectiva de Fairclough (2001, 2003). A unidade base de análise é o texto, ou seja, é realizada uma Análise de Discurso Textualmente Orientada (doravante ADTO). A ADC é uma versão de análise de discurso, em vista disso, sua base está vinculada a outros estudos discursivos com algumas proposições em comum. Entre eles, destacamos a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Michael Halliday (2004) que privilegia a interpretação de textos, do sistema e de demais elementos que compõem a estrutura linguística; a Linguística Crítica (LC) que analisa como as relações de desigualdades sociais são manifestas por meio da linguagem.

A abordagem dialética e relacional se vale da análise linguística para então debater sobre questões sociais que afetam determinados grupos da sociedade (a violência, o racismo, a miséria são algumas delas). Os aspectos linguísticos e sociais são dialeticamente relacionados, podendo servir para a pesquisa social. Segundo Fairclough (2003, p. 3, tradução nossa), “um modo produtivo de fazer pesquisa social é feito por meio da linguagem”⁷.

⁶ No texto original: *CDA is analysis of the dialectical relationships between discourse (including language but also other forms of semiosis, e.g. body language or visual images) and other elements of social practices.*

⁷ No texto original: *This means that one productive way of doing social research is through a focus on language[...].*

Fairclough (2003) desenvolve seus estudos a partir de três significados: o acional (gêneros), que se caracteriza pelo estudo de gêneros discursivos como modos de ação e interação; o representacional (discursos), no qual há a construção e representação de aspectos do mundo social, físico e mental via discursos; e o identificacional (estilos), que se refere à construção de identidades sociais em textos.

Dessa forma, tem-se como objetivo compreender como as relações de poder estão envolvidas na linguagem e, ao procurar compreendê-las, os conceitos de ideologia tornam-se relevantes. A indissociabilidade entre linguagem e sociedade é compreendida na relação dialética entre diferentes elementos. Para mostrar isso, Fairclough (2003, p. 28) propõe os conceitos de práticas sociais, eventos sociais e estruturas sociais.

As ‘práticas sociais’ são formas de atuação no tempo e no espaço por meio do emprego de recursos materiais ou simbólicos no mundo (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 21, tradução nossa). Dessa forma, realizar pesquisa em ADC é mais do que descrever estruturas linguísticas; é analisar e explicar elementos linguísticos e sociais figurados em práticas sociais. Por exemplo: práticas sociais da política podem envolver descaso com saúde e educação ao ser aprovada em um ‘evento social’, na Câmara de Deputados, a PEC⁸ 241 para congelamento de verbas por 20 anos dentro de uma ‘estrutura social’ de política neoliberal.

Assim, tanto os aspectos discursivos quanto os não discursivos são aplicados em práticas sociais, evidenciando que nem todo elemento da prática social é discurso, tendo em vista que também é constituída por elementos não discursivos. Alguns desses elementos são: mundo material, relações sociais, poder, instituições, crenças e valores culturais (Fairclough, 2003, p. 11). Outro aspecto importante na ADC é conduzir a pesquisa para a crítica, analisando as fontes e causas de problemas sociais e apontando possibilidades de mudança social. Por isso que todas as abordagens são orientadas para analisar e explicar problemas sociais, como injustiça, desigualdade, falta de liberdade, que também são advindas de relações de poder desiguais: dominação, marginalização e exclusão (Fairclough, 2016, p. 87, tradução nossa). Além disso, espera-se ainda que o pesquisador tenha autocrítica em relação ao seu próprio lugar no mundo.

⁸ Proposta de Emenda à Constituição (PEC). A PEC 241 é uma emenda constitucional aprovada no contexto de crise econômica em 2016 na qual se prevê um teto para gastos públicos por 20 anos. A decisão gerou repercussão por ser uma forma de diminuir o investimento em saúde e educação, de acordo com especialistas (DIEESE, 2016).

Quanto à análise, nesta pesquisa, algumas categorias linguísticas e discursivas foram empregadas: gênero discursivo, significado de palavras, intertextualidade, representação de agentes sociais e interdiscursividade. A determinação específica dessas categorias foi orientada pelos dados resultantes da pesquisa.

2.2 PRÁTICAS SOCIAIS, EVENTOS SOCIAIS E ESTRUTURAS SOCIAIS

Na ADC, o processo social é observado. Deve-se observar a interação entre as práticas sociais, eventos sociais e estruturas sociais. Estes são os três níveis da realidade social importantes para entender a relação dialética entre o discurso e os elementos sociais. Fairclough (2016) considera a prática social como a intermediação entre estruturas e eventos sociais. A prática social ocorre no âmbito de instituições, organizações e do cotidiano em geral, onde pessoas, por meio do uso da linguagem, compartilham discursos. O autor descreve a prática como sendo possível de ser associada a diferentes discursos.

Segundo Fairclough (2003, p. 27), as estruturas sociais são abstratas e estão relacionadas à ideia de estruturação de práticas sociais, podendo pensar na estrutura econômica, de classe social, de sistema de castas ou de uma língua. Estas esferas sociais podem ser consideradas dentro de uma estrutura. Estruturas sociais são significativas, Fairclough (2003) enfatiza o fato de que para cada evento concreto, há estruturas abstratas.

Em comparação com as estruturas sociais, os eventos sociais são particulares, concretos e podem ser relativamente moldados por rede de práticas sociais. Podemos indicar textos como um dos elementos desses eventos. Tais eventos são compostos por pessoas que se relacionam socialmente, ao mesmo tempo que possuem e compartilham atitudes, desejos e valores, conectando textos (Fairclough, 2003, p. 31).

Ainda segundo o autor, gêneros são considerados formas de agir e interagir, como notícias, entrevistas, reportagens, editoriais, entre outros. Conjuntos distintos de gênero estão associados a diferentes atividades. Quanto aos discursos, ainda descreve que “são formas semióticas de construir aspectos do mundo (físicos, sociais ou mentais)”⁹ (Fairclough, 2016,

⁹ No texto original: *Discourses are semiotic ways of construing aspects of the world (physical, social or mental).*

p. 88, tradução nossa). Aos estilos estão associadas as identidades ou “formas de ser” em seu aspecto semiótico.

Fairclough (2003) esclarece:

Uma das maneiras de agir e interagir é por meio da fala ou da escrita, assim discurso figura primeiramente 'como parte da ação'. Podemos distinguir diferentes gêneros como diferentes maneiras de (inter) agir discursivamente – entrevista é um gênero, por exemplo. Em segundo lugar, o discurso figura nas representações que sempre são partes de práticas sociais – representações do mundo material, de outras práticas sociais, representações próprias reflexivas da prática em questão¹⁰ (p. 27, tradução nossa).

Portanto, as práticas sociais mediam a relação entre a estrutura e seus respectivos eventos, onde acontecem as ações, e isso também envolve os elementos semióticos e sociais que relacionam-se e influenciam-se. A maneira pela qual a semiose se relaciona com outros elementos de práticas sociais e eventos sociais é pelos três aspectos de significado nos textos: ação, representação e identificação, o que corresponde a outras três categorias semióticas: gênero, discurso e estilo. Embora sejam, em análise, tratados separadamente, relacionam-se dialeticamente (Fairclough, 2016, p. 88).

2.3 DISCURSO

Wodak e Meyer (2016) apontam para o fato de que discursos estão ligados a contextos históricos, políticos, ideológicos e sociopsicológicos. O estudo do discurso requer referência ao seu contexto, sendo possível entender o discurso em seu movimento com tais noções, enquanto fatores amplos. Tal amplitude torna os estudos críticos do discurso um paradigma de pesquisa que assume postura transdisciplinar, garantindo interdisciplinaridade, conforme apresentado na seção anterior referente às diferentes abordagens.

¹⁰ No texto original: *One way of acting and interacting is through speaking or writing, so discourse figures first as part of the 'action'. We can distinguish different genres as different ways of (inter)acting discursively — interviewing is a genre, for example. Secondly, discourse figures in the representations which are always a part of social practices — representations of the material world, of other social practices, reflexive self-representations of the practice in question.*

Fairclough (2003, p. 136) descreve o termo “discurso” e “discursos”, um no singular e outro no plural. Em “discurso”, verifica-se o emprego de modo abstrato como um dos elementos das práticas sociais. Os “discursos” são modos de representar aspectos do mundo. O autor ressalta que eles não apenas representam o mundo da forma que é, mas, também, possibilitam projetar mundos possíveis, imaginários sobre determinada realidade.

Estes discursos podem surgir dentro de um campo ou instituição particular. Pode-se dizer que o discurso econômico neoliberal, por exemplo, é atribuído dentro de um contexto de economia acadêmica e dos negócios. Eles podem ser recontextualizados, isso indica a recontextualização, bem como a “apropriação” de discursos, portanto, os discursos podem incorporar outros discursos (Fairclough, 2016, p. 89). Os discursos se constituem dialeticamente na relação com formas de agir, interagir e de ser. Os aspectos semióticos da realidade social estão presentes no discurso, operacionalizados e materializados de diferentes formas. O conjunto da dimensão semiótica em redes de práticas sociais que formam instituições e organizações sociais são ordens de discurso (Fairclough, 2016).

Os processos e as relações que estabelecemos com o mundo material, mental, dos sentimentos e das crenças ocorrem por meio de discursos que os representam, estão ligados a diferentes perspectivas que se tem do mundo e são conduzidas por pessoas de acordo suas posições, identidades sociais e pessoais. O que ocorre, dessa forma, são as interações entre diferentes discursos podem “complementar-se, competir entre si, um pode dominar o(s) outro(s), e assim por diante”¹¹ (Fairclough, 2003, p. 124, tradução nossa).

A análise textual permite entender os discursos como elementos que criam sentidos. Porém, não é possível discutir essas compreensões somente com a análise de textos, a observação das interpretações desses textos deve ser considerada, buscando entender como textos são representados no âmbito particular da vida social. A análise exige a desconstrução de ideologias por meio da análise semiótica, sendo realizadas também análises de como as relações de poder são estabelecidas por meio de redes de práticas sociais e estruturas (Fairclough, 2003, p. 21).

Embora a descrição de textos seja relevante para a análise, ela, sozinha, não determina todos os aspectos explícitos e implícitos que podem estar presentes em um texto. A

¹¹ No texto original: *The relationships between different discourses are one element of the relationships between different people — they may complement one another, compete with one another, one can dominate others, and so forth.*

investigação textual parte, também, da concepção do social, enxergando a análise social e crítica como noções significativas para a análise. Correlacionar descrição e crítica social envolve aplicar categorias analíticas adequadas para a análise de textos. Por meio dessas categorias é possível perceber processos e relações sociais incorporadas em aspectos das práticas sociais, e discutir textualmente questões sociais pensando em percepções e conclusões que ajudem a compreender ações e posições ideológicas.

2.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Fairclough (2001, 2003) propõe categorias de análise que são empregadas e consideradas relevantes para a análise de textos em um viés linguístico-discursivo, tais como as utilizadas nesta pesquisa: intertextualidade, gênero discursivo, representação de agentes sociais, significados de palavras e interdiscursividade. Breves considerações sobre essas categorias são apresentadas a seguir.

2.4.1 Gênero discursivo

O gênero é responsável pela ação e interação de elementos discursivos por meio de textos, os quais englobam um conjunto de práticas sociais que definem esses modos de agir e interagir, tais como charge eletrônica, notícia, entrevista, dentre outros. Nesta perspectiva, constata-se que os gêneros podem ser determinados pelas práticas sociais, e, conseqüentemente, mudanças nas práticas vão acarretar mudanças nos gêneros (Fairclough, 2003, p. 36).

Segundo ponderação apresentada por Bessa (2009), vários estudiosos se basearam nas contribuições teóricas de Bakhtin que é um dos principais teóricos que trata de gênero discursivo. Bessa (2009) ainda apresenta mais uma questão: podemos especificar o termo ‘gênero’ como ‘gênero discursivo/textual’, que é o gênero que estamos tratando nesta seção e ‘gênero social’, relacionado à sexualidade. Fairclough apoiou-se não só em Bakhtin, mas também considerou as contribuições de Halliday, de Swales, entre outros. Fairclough (2003)

também considera dois pontos importantes sobre os gêneros discursivos. O primeiro relaciona-se à variação do gênero discursivo; tendo em vista sua estabilização, os gêneros sempre variam, alguns são mais estabilizados e outros bem flexíveis. A segunda questão é quanto à moderação que se deve ter ao nomear gêneros, pois dentro de determinado gênero podem estar presentes diversas atividades e características de outros gêneros.

Considera-se que gêneros são realizados nos diversos modos de ação e formas de um texto. Em outras palavras, entende-se que acontece a mescla de gêneros dentro de um único gênero, resultando em gêneros híbridos. Os gêneros discursivos, segundo Fairclough (2003), podem ser divididos em três níveis de abstração: pré-gêneros, gêneros fragmentados ou desencaixados e gêneros situados. O conceito de pré-gêneros corresponde a categorias com maior abstração, que se sobressaem às redes particulares das práticas sociais. São exemplos de pré-gêneros: a narração, argumentação, conversação e descrição. Os gêneros desencaixados dizem respeito à deslocação de contexto de um determinado gênero (como exemplo, os diversos tipos de entrevistas). Os gêneros situados configuram-se como gêneros menos abstratos, pois fazem parte da rede de práticas sociais específicas, o gênero da entrevista política seria um exemplo (Fairclough, 2003, p. 240).

2.4.2 Representação de agentes sociais

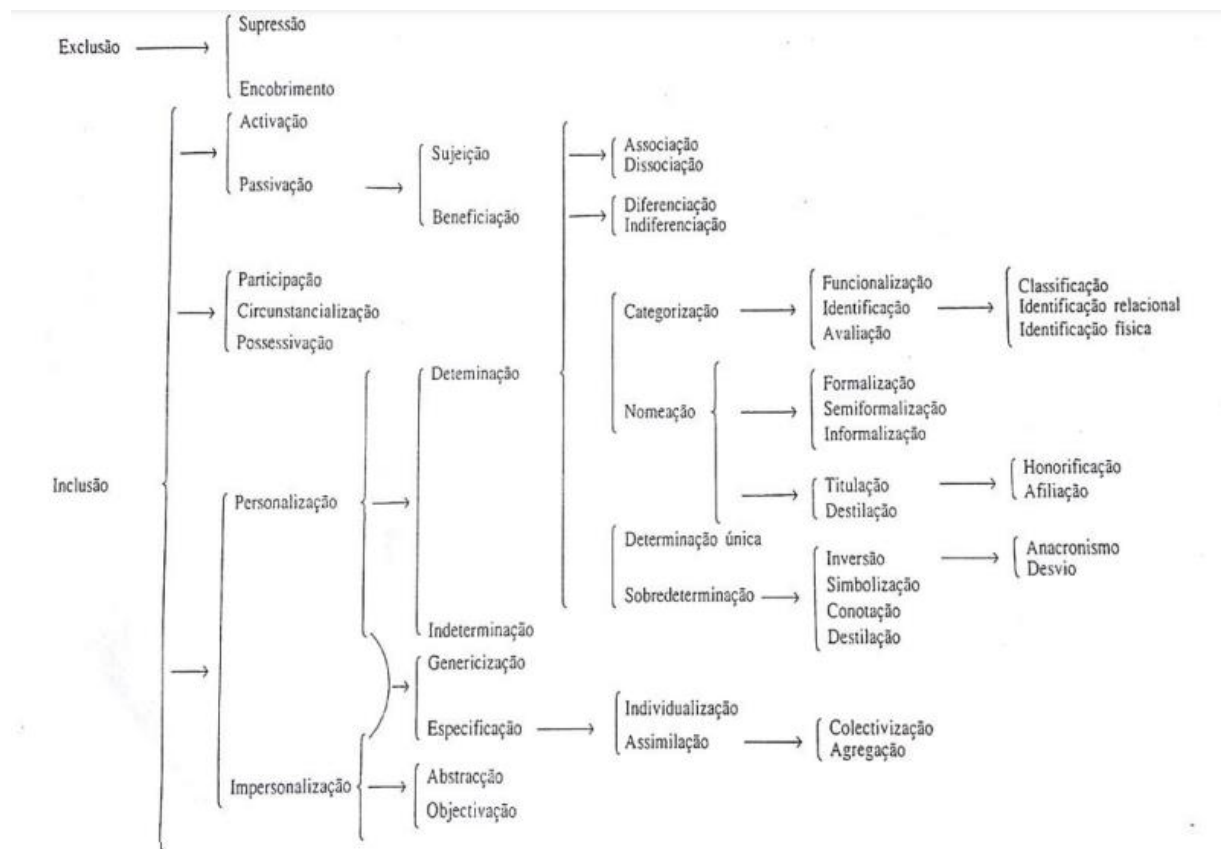
A representação dos agentes sociais¹² é uma categoria que analisa de que maneira agentes se envolvem nos eventos sociais. É uma abordagem em ADC que tem como seu principal representante Théo van Leeuwen. Esta categoria parte do pressuposto que a agência, enquanto conceito social, é importante para a análise de discurso crítica. Da mesma forma que Bessa (2009), optamos por usar a designação “agentes sociais” por dois motivos. O primeiro é pela ação humana empreendida por pessoas. Em relação aos textos, todas possuem um papel e são consideradas agentes. O segundo é no sentido de evitar o uso do masculino genérico "atores sociais".

Assim sendo, podem ser verificadas as maneiras que agentes sociais são representados em textos. São retratados como ‘agentes’ ou ‘pacientes’? Pronomes possessivos são utilizados

¹² A tradução “Representação de Agentes Sociais”, empregada por Bessa (2009), destaca a ação social das pessoas. Nesta pesquisa, será mantida a tradução convencionalmente utilizada.

para ativar determinado agente social? Nessa perspectiva, van Leeuwen (1997, p.169) faz um esboço de um inventário sócio-semântico mostrando os modos pelos quais os agentes sociais podem ser designados (ou não designados, ou ausentes) em textos. Nesse sentido, van Leeuwen apresenta 50 possibilidades de representação inseridas nesta rede de sistemas. Dentre elas, destacam-se: inclusão e exclusão; distribuição de papéis ativos e passivos; generalização e especificação; nomeação e categorização. A figura 2, a seguir, apresenta tal classificação das formas de representação:

Figura 2 – Rede de sistema da Representação de Agentes Sociais



Fonte: Van Leeuwen (1997, p. 219).

Ao pensar em inclusão e exclusão, devemos focalizar no fato que “representações incluem ou excluem actores sociais para servir os seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem” (van Leeuwen, 1997, p. 180). A exclusão é vista como um processo que pode acontecer de forma inconsciente, quando se supõe que o interlocutor já

conhece determinado agente em diferentes situações comunicativas, e a outra questão é o fato de que agentes podem ser excluídos de forma proposital. Uma exclusão bem radical é aquela que não deixa marcas na representação, pois excluem tanto os agentes sociais, como suas atividades. Dessa maneira, agentes sociais podem ser incluídos em determinadas práticas sociais e excluídos em outras.

Já a distribuição de papéis ativos e passivos revela os papéis que são atribuídos a agentes sociais em representações, que contribuem para redistribuição e organização de relações sociais entre os integrantes. Na ativação, o agente social é representado de forma ativa em relação à determinada atividade. Já na passivação, agentes sociais são representados como receptores de determinada atividade. Vale destacar que, na representação, por passivação agentes sociais podem ser representados como sujeitos à atividade, e beneficiários, enquanto usuários ou receptores da atividade. A partir da possessivação, pode-se ativar agentes sociais usando pronomes possessivos. É exemplo disso, o emprego do pronome possessivo “nossa” em “nossa formação”.

Com relação a generalização e especificação, é preciso perceber que os agentes sociais podem ser assimilados ou individualizados. Então, aqueles envolvidos na produção de textos fazem escolhas. Os jornais dirigidos à classe média tendem a se referir a agentes especialistas envolvidos com as questões do governo de forma específica e os “indivíduos comuns” por generalização. No caso de jornais voltados à classe trabalhadora as “pessoas comuns” são referidas por especificação. Assim, a individualização acontece quando os agentes sociais são referidos como indivíduos, ao passo que a assimilação ocorre quando são referenciados como grupos (Van Leeuwen, 1997, p. 194-195).

A nomeação caracteriza-se pela identificação por nome e a categorização baseia-se na designação por meio de identidades ou funções. Van Leeuwen (1997) destaca que a categorização pode acontecer por funcionalização; agentes sociais são referenciados em termo daquilo que fazem (trabalho ou função); e, por identificação, que é quando agentes são referidos por aquilo que são. Outra forma de identificar agentes sociais é por meio da identificação física; as características físicas, como a idade ou sexo são os traços utilizados para identificar esses agentes sociais. Quanto à diferenciação, ressalta-se que pessoas referidas em representações podem ser diferenciadas de outras por meio de duas maneiras: “pessoa própria” (agente) de “outra”, ou entre “nós” e “eles”.

2.4.3 Intertextualidade

A intertextualidade permite notar que qualquer texto remete a outros textos e, conseqüentemente, a outras vozes incluídas ou excluídas em textos. Portanto, intertextualidade é a presença de aspectos materiais de outros textos externos presentes dentro de um só texto (Fairclough, 2003). Isso acontece, por exemplo, quando determinado texto encontra-se citado em outros textos, ou quando esses outros textos aparecem resumidos nesse texto. As marcas relacionadas a outros textos podem ser citadas por relato direto e indireto. O relato direto inclui o que é citado de forma autêntica ao texto original (por exemplo: Ele disse: conte com meu apoio para a tramitação desse processo.) e o relato indireto refere-se ao que é citado de forma indireta, ou seja, uma reformulação do que foi dito (Ele disse que vai dar todo apoio para a tramitação do processo).

Dessa forma, as marcas intertextuais presentes em um texto podem ser analisadas a partir das seguintes indagações: quais são os textos e vozes incluídas ou excluídas? Quais ausências significativas existem? (Fairclough, 2003, p. 212). As marcas intertextuais podem aparecer implícitas ou explícitas; portanto, é preciso estar atento ao fato de que a presença de determinadas vozes em vez de outras atendem a determinados interesses. Além disso, muitos textos inferem algumas coisas (dito) e deixa de dizer outras (não-dito); outros, intencionalmente, dão ênfase em determinados aspectos. Fica evidente que as marcas de intertexto e o “destaque” de alguma palavra, agente, instituição ou discurso, pretendem tornar visíveis alguns sentidos e não outros (Fairclough, 2001).

Quando se observa a relação entre o que é relatado e o texto original ou a relação do que é relatado com o restante do texto, percebe-se que acontece uma recontextualização, pois as palavras e seus sentidos mudam de contexto.

2.4.4 Significados de palavras

Falar de significado de palavras implica, conforme apresenta Fairclough (2001), tratar também de quais escolhas lexicais os textos fazem. O autor chama a atenção para o fato de que, textualmente, há o uso de algumas palavras e não outras. Algumas escolhas provocam

sentidos positivos ou negativos, como a diferenciação de sentido que há entre o uso de “ocupar” e “invadir”; percebe-se que “invadir” atribui significado negativo à ação. Quando uma pessoa em situação de rua é identificada como “mendigo” em notícias; tal denominação deixa transparecer o preconceito que há em relação a essas pessoas. Assim, destaca-se a importância dessa categoria para a pesquisa social.

Portanto, quando se analisa um texto considerando o significado de palavras, observa-se escolhas que são feitas e como essas escolhas ou representações contribuem para a realização de alguns sentidos e não outros. Para Fairclough (2001, p. 230), “as palavras têm tipicamente vários significados, e estes são ‘lexicalizados’ tipicamente de várias maneiras”. Deste modo, outro foco da ADC é entender os sentidos da palavra, tendo em vista que esses sentidos assumidos em determinados contextos entram em conflito dentro de lutas hegemônicas¹³.

As palavras podem ser analisadas de várias maneiras, não só enfocando o texto em si, mas também o aspecto discursivo, pois as palavras assumem vários sentidos dentro de um texto político, crítico, humorístico ou irônico, por exemplo. Além disso, as escolhas que os produtores de texto fazem não são absolutamente individuais, os significados desses itens lexicais podem variar e serem contrariados socialmente (Fairclough, 2001, p. 122-123).

2.4.5 Interdiscursividade

Os discursos se relacionam com outros discursos e sempre estabelecem relação de conformidade, disputa ou oposição entre eles. Esse tipo de relação entre discursos define-se como interdiscursividade (Fairclough, 2003).

Discursos podem ser nomeados: discurso capitalista, discurso da corrupção, discurso feminista são exemplos de como essa nomeação acontece. Analisar a interdiscursividade em

¹³ Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento (Fairclough, 2001, p.122)

um texto é apontar práticas sociais que indicam diversas formas de relações e posições das pessoas no mundo.

É possível pensar sobre o grau de estabilidade de um discurso, bem como questionar discursos específicos que são tratados com mais importância em relação a outros, isso pode causar práticas discursivas desiguais, uma vez que alguns tipos de discursos não serão abordados.

2.5 IDEOLOGIA

Thompson (2011) dá ênfase ao estudo de ideologia, avaliando as concepções que se consolidaram ao longo da história, propondo uma nova perspectiva de trabalho com o conceito, o que não invalida a importância das anteriores. No primeiro momento, o autor discute “concepções neutras” que estão relacionadas à forma de descrever fenômenos como ideológicos, sem dizer se estes acontecimentos são enganadores, ilusórios ou vinculados a interesses de categorias particulares. Apresenta também “concepções críticas” que consistem em apontar fenômenos descritos como ideológicos e enganadores, ilusórios ou parciais.

A *posteriori*, Thompson (2011) afirma que essa formulação da concepção de ideologia tem base em algumas proposições de Marx e diz propor modificar algumas questões a partir do critério de negatividade, pois fenômenos não precisam ser necessariamente, enganadores, ilusórios ou parciais para serem ideológicos. São possibilidades relativas e não características próprias da ideologia. Thompson (2011) tem seu trabalho focado nas formas simbólicas. As formas simbólicas estão relacionadas a falas, ações, imagens, textos elaborados ou executados por indivíduos como construções significativas, ou seja, a própria linguagem.

A partir das questões apontadas pelo autor, podemos dizer que não é elementar que as formas simbólicas sejam errôneas ou ilusórias para serem ideológicas. Retomando a reformulação, o autor ressalta que a sua concepção de ideologia difere da de Marx por vários motivos, mas, falando de maneira sintetizada, o marxismo se prende às relações de classes para formular a concepção de ideologia e, com base nisso, defende que as relações de dominação são os principais meios de constituição da desigualdade, dominação e exploração. Isso para Thompson é considerável, mas as relações de classe não são a única forma de

dominação e subordinação. O elo entre ideologia e dominação de classe não é algo necessário, de acordo o autor existem outros tipos de dominação, bem como “as relações sociais estruturadas entre homens e mulheres, grupo étnico e outro, ou estados-nação hegemônicos e outros estados-nação localizados à margem do sistema global” (Thompson, 2011, p.78).

Apresentando o seu conceito, Thompson observa alguns modos de operação da ideologia, além disso, esclarece que esses não são os únicos, outros modos podem existir ou surgir. O seu objetivo é mostrar as estratégias, no sentido de exemplificar e não apresentar categorias de forma exaustiva. Ainda ressalta que em momento algum afirma que essas estratégias típicas de construção simbólica são absolutamente ideológicas. Pois, para compreender se uma construção simbólica é ideológica, é preciso entender a forma simbólica a partir do contexto (circunstâncias particulares).

Apresenta-se no Quadro 1, a seguir, os cinco modos de operação da ideologia propostos por Thompson (2011):

Quadro 1 – Modos de operação da ideologia

Modos Gerais	Estratégias de construção simbólica
Legitimação	Racionalização Universalização Narrativização
Dissimulação	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
Unificação	Estandarização Simbolização da unidade
Fragmentação	Diferenciação Expurgo do outro
Reificação	Naturalização Eternalização Nominalização/passivização

Fonte: Thompson (2011, p. 81).

No que diz respeito à ideologia, os modos de operação mencionados serão considerados na análise dos dados gerados durante a pesquisa. A legitimação envolve a representação de relações de dominação como justas, utilizando estratégias simbólicas como racionalização, universalização e narrativização. A dissimulação refere-se à ocultação do poder sustentado por meio de relações sociais, utilizando estratégias como deslocamento, eufemização e o uso de tropos. A unificação busca criar uma identidade coletiva através de estratégias como padronização e uso de linguagem e símbolos unificadores. A fragmentação, por sua vez, sustenta relações de poder sem unificar as pessoas, utilizando diferenciação e a construção de inimigos como estratégias. Finalmente, a reificação mantém as relações de poder ao retratar situações transitórias como permanentes, utilizando estratégias como naturalização, eternalização e nominalização ou passivização. Cada estratégia é discutida em termos de sua aplicação e impacto na construção ideológica.

Nesta seção contextualizamos como se concebe a ADC, apresentando os estudos que a antecederam e a influenciaram, também observando noções que constituem esse paradigma de pesquisa: discurso, práticas sociais, abordagens e ideologia. Foi destacada a abordagem dialético-relacional de Norman Fairclough.

Na seção seguinte, será feita uma contextualização histórica sobre a situação de rua. Além disso, serão apresentados fatores que geram a situação de rua, bem como o processo de implementação de políticas públicas no Brasil, na Bahia e na cidade de Teixeira de Freitas, local da pesquisa. Também serão apresentados dados de pesquisas sobre situação de rua.

3 SITUAÇÃO DE RUA: NOÇÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS

Esta seção trata do tema “situação de rua”, apresentando conceitos, dados de pesquisas e discussões para melhor compreendermos o problema a partir de uma perspectiva mais crítica, tendo em vista diferentes aspectos envolvidos e que nem sempre são levados em consideração. Na subseção 3.1, alguns percursos históricos relacionados à situação de rua são abordados, sobretudo com base em Silva (2009). Depois, apresenta-se uma breve contextualização da situação de rua em Teixeira de Freitas/BA. Por fim, o processo que envolveu a implantação de políticas públicas para as pessoas em situação de rua no Brasil é destacado, além dos seus direitos garantidos por lei.

3.1 PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

As pessoas em situação de rua, nomeadas muitas vezes como moradores de rua, vivem uma das mais graves problemáticas sociais. A estimativa da população em situação de rua no Brasil, com referência a agosto de 2023, revelou uma grande quantidade de pessoas sem moradia no país, totalizando 227.087 indivíduos, conforme dado já indicado na introdução deste trabalho. A crise econômica, o desemprego e o efeito da pandemia da Covid-19 são apontados como fatores que influenciaram esse resultado (Natalino, 2024).

O tema merece mais atenção, sobretudo do poder público, pois políticas públicas em relação a essa problemática trazem perspectiva de mudança na vida dessas pessoas.

A luta de classes é observada desde a Revolução Industrial. Em sua dissertação, *As Mudanças recentes no Mundo do Trabalho e o Fenômeno População em Situação de Rua no Brasil entre 1995 e 2005*, Maria Lucia Lopes da Silva (2009), fundamentando-se em Karl Marx, afirma que a força de trabalho foi recrutada pelos capitalistas como uma forma de obter lucros para a acumulação de capital.

Precisamos entender a engrenagem que move o sistema capitalista. Silva (2009), com base em Marx, indica que tal sistema é constituído pela força de trabalho e pela propriedade dos meios de produção. Nas palavras da autora: “a produção capitalista só aparece quando as

condições para transformar o dinheiro em capital estão dadas, isto é, quando o possuidor dos meios de produção e de subsistência pode encontrar o trabalhador livre no mercado vendendo sua força de trabalho” (Silva, 2009, p. 93).

Se o trabalhador, que é aquele que possui a força de trabalho necessária para a produção do capital, tem função determinante nessa dinâmica capitalista, tal classe teria que ter condições justas para fazê-lo, o que não acontece. Observando a história, verifica-se que os possuidores do capital são as pessoas que sustentam um sistema que, na maioria das vezes, menospreza o interesse dos trabalhadores e destina o acúmulo do capital para uma pequena classe rica.

Silva (2009) trata sobre quais condições histórico-culturais a situação de rua surgiu e como se deu sua expansão na sociedade capitalista. O sistema capitalista posto hoje é uma estrutura que utiliza da força de trabalho assalariada para a movimentação do mercado. A sua consolidação não se deu de maneira estruturada, organizada e planejada, pronta para vir à sociedade. O seu surgimento se consistiu na destruição de um sistema social para a imposição de outro, pela burguesia que se ordenava para obter um capital monopolista.

Silva (2009, p. 93) reconhece o fato de que

a libertação da servidão e da coerção corporativa foi um dos movimentos históricos que transformou produtores rurais e camponeses em assalariados. Mas eles só começaram a vender sua força de trabalho no mercado depois que lhes foram roubados todos os meios de produção e foram privados das garantias e seguranças que as instituições feudais afiançavam à sua existência.

O que é conhecido como *capitalismo* ou *sistema econômico capitalista*, um modelo econômico que dá condições para as entidades privadas obterem meios de produção e acumular capital, é resultado de uma extorsão em massa de diversos produtores rurais e camponeses. Naquela época, os camponeses que trabalhavam na agricultura possuíam habitação na própria terra do senhor feudal, bem como uma área para cultivo próprio. As instituições feudais forneciam alguma forma de sustento aos camponeses, assegurando condições mínimas de sobrevivência, o que não era possível no modelo econômico em vigor.

De acordo com Marx (1988), a era capitalista surge no século XVI, porém, dois séculos antes (XIV e XV), o autor já indica a existência da produção capitalista em cidades mediterrâneas. Além do confisco de terras dos camponeses e de suas respectivas instituições feudais, houve também o confisco dos bens da Igreja Católica, que “era proprietária feudal de grande quantidade de terras e nelas trabalhavam moradores hereditários pobres, que por lei tinham direito a uma parte do dízimo da igreja” (Silva, 2009, p. 94). Todo esse processo é denominado por Marx como expropriação, a qual gerou diversas consequências. Paralelamente a esse momento, ocorria na Inglaterra o aumento da manufatura e dos preços da lã. Isso intensificou a expropriação, que acontecia de maneira violenta.

Esse modelo econômico capitalista não apenas aconteceu. Na verdade, uma agenda deliberada foi seguida para romper com o sistema econômico que existia e deixar um novo e diferente em seu lugar. O movimento de expropriação se expandiu a partir da privatização das terras da Coroa e do Estado, sendo “presenteadas, vendidas a preços insignificantes ou mesmo roubadas mediante anexação a propriedades de particulares” (Silva, 2009, p. 94-95). Isso significa que todos os trabalhadores rurais foram expulsos de suas terras e que todas essas pessoas foram obrigadas a vender a força de trabalho para as indústrias que começavam a surgir, momento que remonta à Revolução Industrial no início do século XVIII.

Silva (2009) argumenta que o fenômeno da população em situação de rua está relacionado às mudanças ocorridas no campo do trabalho, impulsionadas pela disseminação do capitalismo contemporâneo. Quando analisamos a situação de rua, estamos diante de uma questão com origens históricas. O seu surgimento deu-se desde a Revolução Industrial na Europa, no início do século XVIII, quando o progresso do capitalismo e a expansão das indústrias passaram a compor os cenários das cidades.

Com o surgimento das indústrias, diversas pessoas tiveram que lidar com a exploração da mão de obra, com as más condições de trabalho e com baixos salários. Diversos indivíduos migraram do campo para a cidade em busca de oportunidades de trabalho, mas o elevado número populacional da Inglaterra e a falta de estrutura adequada faz com que essas pessoas adotem a rua como um local de abrigo e de sobrevivência. O capitalismo é o resultado da separação entre os trabalhadores e os proprietários dos meios de produção, sendo que a produção capitalista só se dá após a obtenção de dinheiro e a garantia da transformação do dinheiro. Sendo assim, o fim da servidão e a coerção corporativa contra os que moram em áreas rurais transformou trabalhadores rurais em camponeses assalariados (Silva, 2009).

Nesse período, foram surgindo indústrias nas grandes metrópoles, o que deu origem aos princípios do sistema capitalista. Em seguida, os trabalhadores rurais não foram bem-sucedidos na nova indústria, uma vez que alguns não tinham capacidade para lidar com a nova forma de trabalho ou não se adaptaram ao cenário fabril. Aqueles que não foram absorvidos pela indústria passaram a viver nas ruas ou a praticar ações criminosas diante das circunstâncias. Por causa da expropriação, esses trabalhadores, que apesar de se apresentarem disponíveis, permaneceram ineficazes, “seja pela incapacidade da indústria, seja pela dificuldade de adaptação repentina a um novo tipo de disciplina de trabalho” (Silva, 2009, p. 95).

Estamos focalizando não a pobreza de modo geral, mas uma forma específica de marginalidade social, que envolve indivíduos desprovidos de propriedades e desvinculados do trabalho assalariado, encontrando-se fora das relações de dependência pessoal com os proprietários e, portanto, alheios à estrutura escravocrata. Essa marginalidade está centralizada, sobretudo, no contexto do trabalho livre, com raízes que ultrapassam as características individuais, revelando condições preexistentes. Essa análise sugere uma abordagem crítica à compreensão da marginalidade e suas origens históricas. Essa abordagem é discutida por Rodrigues *et al.* (2020, p. 25).

Segundo Rodrigues, Fernandes, Delgado e Valle (2020, p. 34), o surgimento da população em situação de rua, decorrente da expansão urbana, e da redução da estigmatização do vagabundo são primariamente resultado da liberação de mão de obra devido a mudanças na esfera produtiva. A escassez de oportunidades de trabalho não qualificado no mercado formal, aliada à falta de necessidade legal ou moral de restringir esses indivíduos ao trabalho, contribui para essa transformação. A criminalização da “vadiagem”, embora inicialmente estabelecida como contravenção penal, gradualmente cai em desuso, deixando de ser aplicada pelos tribunais a partir da década de 1950 sugerindo uma evolução nas percepções e políticas relacionadas a essa questão.

Pode-se traçar genealogicamente a presença da população em situação de rua no Brasil como um algoritmo cujas raízes remontam à era do Império, embora as dinâmicas dessa relação tenham evoluído ao longo do tempo, refletindo mudanças nos contextos históricos e sociais. Nesse contexto, as categorias do vadio; doido; varrido; morador de rua; sem teto e pessoa em situação de rua emergem como narrativas entrelaçadas, representando processos

sociais, políticos e culturais que refletem formas históricas específicas de estruturação urbana e papel na sociedade (Rodrigues *et. al.*, 2020, p. 41).

Conforme argumentado por Rodrigues *et al.* (2020, p. 41), a compreensão dos marcos referenciais e das transformações associadas a eles requer a consideração da dimensão de poder intrínseca ao sistema de classificação social. Os laços e outros fatores cruciais que determinam a inclusão de um indivíduo no grupo X em vez de Y são entendidos não como intrínsecos, mas como construções sociais. Da mesma forma, a relação que vai além do indivíduo e o conecta a um referencial é concebida como uma construção social. Aqueles que atribuem esse referencial a uma posição específica na estrutura social estão, assim, relacionados aos processos históricos de dominação e distribuição de poder.

Quando compreendemos a importância da investigação da origem do que se denomina hoje como população em situação de rua do ponto de vista de seu possível crescimento dentro da sociedade capitalista, entendemos que tal problemática foi algo gerado e está intimamente ligada às crises econômicas e suas consequências. A ideia principal de Silva (2009, p. 96), a partir de seu estudo, é que

foram essas as condições histórico-estruturais que deram origem ao fenômeno do pauperismo, ao que se vincula o que hoje se denomina população em situação de rua. Têm como base a expropriação dos produtores rurais e camponeses e sua transformação em assalariados, no contexto da chamada acumulação primitiva e da indústria nascente. Portanto, o fenômeno população em situação de rua surge no seio do pauperismo generalizado vivenciado pela Europa Ocidental, no final do século XVIII, compondo as condições históricas necessárias à produção capitalista.

O surgimento dessa população ocorreu em momentos críticos da história da humanidade, em estados altamente violentos, em momentos de perigo, em situações e circunstâncias novas e inesperadas em que a ida para as ruas se tornou a única forma de sobrevivência; em momentos em que tudo lhes foi tirado e nada lhes foi dado. Assim, tendo como referência esse momento registrado na história, podemos dizer que a problemática da situação de rua hoje se configura da mesma forma como aconteceu na Europa Ocidental, observado como *pauperismo*. Os seus determinantes agora estão relacionados com a crise econômica, com o desemprego e com a desigualdade social.

O conceito de pauperismo, que foi formulado por Marx (1888) e bem descrito pelo estudo de Silva (2009), está relacionado aos trabalhadores que foram expulsos de suas terras no regime feudal, perdendo suas condições de subsistência e sendo obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver. A autora complementa: “A condição de trabalhadores que só dispunham de sua força de trabalho para vender – e nem essa foi absorvida pela produção capitalista – compeliu essa população à situação de absoluta pobreza e degradação humana” (Silva, 2009, p. 97).

No que diz respeito à caracterização da população em situação de rua, Silva (2009, p. 105-122) descreve seis aspectos: 1) *suas múltiplas determinações*; 2) *distinção da problemática como uma expressão radical da questão social na contemporaneidade*; 3) *sua localização nos grandes centros urbanos*; 4) *o preconceito como marca do grau de dignidade*; 5) *valor moral atribuído pela sociedade às pessoas atingidas pelo fenômeno*¹⁴; e 6) *tendência à naturalização do fenômeno*.

No primeiro aspecto, há as múltiplas determinações da situação de rua. O que se deve saber aqui é que não se trata somente de um fator, mas de muitos, e isso é claramente apontado pela literatura, bem como pelo debate que se tem sobre o tema. Para começar, há os fatores estruturais: ausência de moradia, inexistência de trabalho e renda, mudanças econômicas e institucionais de forte impacto etc. Silva (2009, p. 105) descreve as causas estruturais como aquelas que se vinculam

à estrutura da sociedade capitalista; sua produção e reprodução têm suas bases nos processos imanentes à acumulação do capital, no contexto de produção da superpopulação relativa ou exército industrial de reserva, excedente à capacidade de absorção do mercado de trabalho no capitalismo.

Em segundo lugar, estão os fatores biográficos: rupturas dos vínculos familiares, doenças mentais, consumo frequente de álcool e outras drogas, infortúnios pessoais – mortes de todos os componentes da família, roubos de todos os bens, fuga do país de origem *etc.* A autora dá destaque para os vínculos familiares e comunitários, a inexistência de trabalho regular e a ausência/insuficiência de renda como os principais fatores da problemática de

¹⁴ Silva (2009) utilizou o termo "fenômeno" para abordar a problemática da situação de rua, uma associação que este trabalho busca evitar, afastando-se da conotação relacionada aos fenômenos naturais.

acordo com a literatura disponível. Somam-se a esses pontos o “uso frequente de álcool e outras drogas e problemas atinentes às situações de desabrigo” (Silva, 2009, p. 105). Em terceiro lugar, estão os fatos da natureza ou desastres, como terremotos, inundações etc. Os aspectos abordados pela autora estão em consonância com as principais causas e percentuais identificados na Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua: uso de álcool e/ou drogas (35,5%), desemprego (29,8%) e conflitos familiares (29,1%). (Brasil, 2008, p. 7).

Essa é uma questão complexa e, portanto, não deve ser explicada apenas por um único fator. Há razões que se destacam entre as múltiplas determinações e que podem estar ligadas a pontos específicos de uma determinada região ou época.

Outro ponto que a autora apresenta está relacionado à distinção da problemática como uma expressão radical da questão social na atualidade. Esse ponto é analisado a partir de uma *nova questão social*, como aponta Castel (1998) e Rosanvallon (1998). Pensando na atualidade, a questão social está ligada ao crescimento acelerado do desemprego, além do surgimento de novas formas de pobreza, o que, em consonância com Castel (1998), Silva (2009) chama de *crise da sociedade salarial*. Outro aspecto diz respeito aos métodos antigos usados para gerir o social, que não se enquadram em uma sociedade que enfrentou a crise do Estado de Providência nos anos 1970. A utilização do termo *questão social* é diferente do usado na Inglaterra nos anos de 1830, indicando condições sociais e históricas distintas. Essa ideia não aponta para uma *nova questão social*, mas sim para a renovação de uma *velha questão social* que se apresenta de outras maneiras (Silva, 2009, p. 106).

Um terceiro aspecto característico da situação de rua está relacionado à grande quantidade de pessoas desabrigadas nos grandes centros urbanos. Essa característica pode ser percebida a partir de algumas particularidades de uma metrópole, das quais a mais relevante seria a intensa circulação de capital. A localização de pessoas em situação de rua em capitais surge quando a possibilidade de trabalho e de renda de forma independente e não governamental se revela ser possível nesses lugares. Com condições de subsistência mínimas, as pessoas em situação de rua conseguem sobreviver da forma que podem. A permanência delas também é possível porque essas áreas têm uma grande concentração de atividades econômicas, o que facilita o recebimento de doações ou a obtenção de trabalho informal, como guarda de carro, catador de recicláveis, serviços de engraxates, por exemplo (Silva, 2009, p. 116-117).

Ainda neste aspecto, a Pesquisa Nacional de 2008 indica que a população em situação de rua, em sua maioria, é composta por trabalhadores, com 70,9% exercendo alguma atividade remunerada. As ocupações mais comuns incluem catadores de materiais recicláveis (27,5%), flanelinhas (14,1%), e trabalhadores da construção civil (6,3%). Apenas 15,7% dependem do pedido de dinheiro como principal meio de sobrevivência, desmistificando a ideia de que são predominantemente mendigos ou pedintes. Cerca de 58,6% afirmaram ter alguma profissão, com destaque para atividades na construção civil (27,2%) e no comércio (4,4%). No entanto, a maioria está na economia informal, com apenas 1,9% trabalhando formalmente. Muitos nunca tiveram emprego formal (47,7%), e entre os que já tiveram, a maioria foi há muito tempo (50% há mais de cinco anos). A pesquisa também mostrou que a presença de pessoas em situação de rua também é constante em médias e pequenas cidades.

O tratamento discriminatório com relação às pessoas em situação de rua é um quarto aspecto. Diversos termos são utilizados para se referir a essas pessoas, tais como mendigos, vagabundos, maloqueiros, bandidos, sujos, loucos, que revelam o preconceito social existente. Além disso, há ações higienistas sobre essas pessoas e que mostram a falta de consideração da situação de rua como uma questão social. Na maioria das vezes, essas ações são inclusive organizadas pelo poder público, envolvendo retirada forçada dessas pessoas de determinados locais em grandes metrópoles. Esse tipo de política demonstra o preconceito que as pessoas em situação de rua sofrem e também ignora a gravidade do problema.

Além das características comuns à situação de rua em diferentes lugares, há outras que estão ligadas ao território em que o problema se apresenta. São particularidades que surgem dos hábitos, dos valores e das características socioeconômicas, culturais e geográficas predominantes no local. Essas diferenças se refletem no perfil socioeconômico, no tempo de permanência nas ruas e nas formas de subsistência utilizadas pelas pessoas em situação de rua.

A naturalização da situação de rua é o sexto e último aspecto característico apresentado por Silva (2009). Nesse aspecto, parece que há um desejo de esconder a questão, sem tratá-la de forma adequada. A falta de pesquisas que levantem informações sobre o problema é um aspecto que ganha força se observarmos a quase ausência desses estudos. Isso tende a fazer com que as pessoas não a encarem como uma questão grave, mas sim como algo natural da sociedade moderna.

Dessa forma, o objetivo é acobertar o problema, como se tudo isso não estivesse ligado à ordem burguesa e não fosse consequência de uma sociedade que opera a partir de valores capitalistas. Assim, é comum manter o sistema em funcionamento, em vez de admitir que a questão seja causada pela produção capitalista. Além disso, é uma forma de responsabilizar a própria pessoa para livrar a sociedade capitalista.

Silva (2009) discute sobre a situação de rua incluindo as características gerais das pessoas desabrigadas. Além dos aspectos acima mencionados, podemos pensar em outros que, de certa forma, estão relacionados à problemática. Vários estudos mostram a diversidade dessa população. Logo, é preciso dar atenção às diversas perspectivas que surgem nessa questão. É preciso saber que as pessoas em situação de rua têm origens, interesses, relações sociais e perfil financeiro diferentes.

A compreensão dessa problemática social requer o estudo dos diversos fatores que a envolvem, o que torna mais claro que falar sobre a situação de rua significa compreender os contextos de vida. Muitos dos fatores que levam à utilização da rua como espaço de abrigo e sobrevivência estão relacionados à pobreza extrema, aos vínculos familiares interrompidos e à inexistência de moradia regular (Brasil, 2008).

3.2 SITUAÇÃO DE RUA NO MUNICÍPIO DE TEIXEIRA DE FREITAS/BA

A cidade de Teixeira de Freitas/BA surgiu a partir de uma mudança drástica nas vivências e nos espaços ocupados pela população, que repentinamente teve que se adaptar à chegada das madeiras, das empresas agropecuárias e de outros setores do comércio sob justificativa de crescimento. Essa é uma cidade que não foi planejada para lidar com o crescimento urbano desordenado que se deu nos últimos anos, assim como a consequente desigualdade social que daí se desenvolveu.

A respeito dessa questão histórica, vejamos:

Daí a ênfase de suas histórias nos símbolos do progresso, e na década de 70 e 80 do século XX um destes símbolos eram as rodovias, as estradas que ligavam os interiores as [sic] capitais, que possibilitariam o escoamento dos

produtos agrícolas, o contato com a modernidade e com o progresso. Situações essas dignas de ocupar lugares de memória, de estarem escritas nos espaços públicos e serem homenageadas como elementos de uma História Grande. Os silêncios podem constituir indícios de fissuras, vivências que indicam conflitos ou mesmo a tentativa de não revelar aquilo que pode, no tempo presente, ser avaliado como algo menos importante, ignóbil, não digno de entrar para a história de uma cidade (Gomes, 2015, p. 6).

De alguma forma, não houve preocupação com as possíveis consequências da nova forma como o sistema político-econômico da cidade seria administrado. A cidade cresceu de tal forma que a pobreza se espalhou, pois muitos provavelmente não se adaptaram ao novo modelo econômico. Houve a expansão de indústrias que se instalaram nas redondezas da cidade, mas, por outro lado, o aumento da pobreza também se deu nas áreas periféricas. É possível notar de forma mais grave, nas ruas de Teixeira de Freitas/BA, um grande número de pessoas desabrigadas, problema que pode estar ligado à falta de políticas públicas específicas que poderiam ajudar na não persistência dessa situação no município.

No *site* da prefeitura, há as políticas públicas disponíveis para essa população. De acordo com as informações, as pessoas em situação de rua estão sendo atendidas no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP). Criado em 2009 devido à necessidade de assistência social para pessoas em situação de rua, essa instituição, prevista no Decreto nº 7.053/2009, tem como meta prestar serviço assistencial especializado especificamente para a população em situação de rua. O Centro POP oferece espaço de referência para o convívio em grupo, além de oficinas e cursos profissionalizantes para desenvolver relações de solidariedade, respeito e afetividade. Além disso, busca contribuir com esses desabrigados, incentivando-os a participar, organizar e mobilizar-se socialmente.

Em comparação entre os anos de 2021 e 2022, o atendimento realizado pelo Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua beneficiou 497 pessoas no ano de 2021, incluindo 178 residentes em Teixeira de Freitas. No ano de 2022, o atendimento aumentou para 758 pessoas, das quais 66 eram residentes em Teixeira de Freitas. Os dados do Centro POP de Teixeira de Freitas revelam informações significativas sobre os públicos atendidos pelo serviço. Em 2022, atendeu 22 idosos, 40 pessoas em situação de refúgio/imigração, 11 pessoas com diferentes tipos de deficiência, 81 pessoas com transtorno mental, 612 pessoas com dependência de álcool e/ou outras drogas, 22 pessoas egressas do sistema prisional, 20

pessoas da população LGBT, 4 pessoas de povos indígenas e 2 pessoas de outros povos e comunidades tradicionais (quilombolas, ciganos, ribeirinhos, extrativistas etc.).

Ao analisar os dados, destaca-se que o público principal atendido é composto por pessoas com dependência de álcool e/ou outras drogas, totalizando 612 atendimentos em 2022. Esse grupo representa uma parcela significativa do público assistido, indicando a importância de programas e serviços direcionados a questões relacionadas ao uso de substâncias psicoativas. O atendimento a pessoas com transtorno mental também é notável, somando 81 casos, ressaltando a necessidade de abordagens específicas para lidar com desafios de saúde mental nessa população.

Embora tenha sido feita uma tentativa de acesso a dados mais atualizados, como os de 2023 e 2024, não foi possível obtê-los. O Centro Pop, responsável por essas informações, alegou que os dados só poderiam ser disponibilizados por outro setor interno da prefeitura. Apesar dos esforços para entrar em contato e solicitar acesso aos dados, não houve resposta, o que resultou na impossibilidade de obtenção das informações desejadas.

No Centro POP, eles têm direito a refeições, ao banho e a outros cuidados, mas apenas durante o dia. Numa postagem¹⁵ no *site* da prefeitura sobre o atendimento de pessoas em situação de rua pelo Centro POP, o chefe do setor afirma que o órgão trabalha em conjunto com o Consultório na Rua, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e unidades de saúde para implementar as estratégias de garantia de saúde e abordagem social.

Outra forma de assistência é a caridade. Voluntários e estudantes participam de projetos, como o Projeto Amar, que atua diretamente com essa população, conforme indica a notícia comentada a seguir. Um *site* da cidade, *O Sollo*, publicou uma notícia em março de 2020 informando que, no início da pandemia, as instituições de assistência especializada foram fechadas. De acordo com as informações as entidades estavam apenas distribuindo alimentos.

¹⁵ Disponível em: <https://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/centro-pop-atende-pessoas-em-situacao-de-rua-em-teixeira-de-freitas/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

Figura 3 – Foto de notícia sobre situação de rua durante a pandemia da Covid-19



Fonte: *O Sollo* (2020)¹⁶.

Durante o início do período pandêmico, as pessoas que viviam nas ruas ficaram temporariamente sem proteção devido ao quadro infeccioso que se instalava. Dessa forma, os poucos direitos garantidos no município, como saúde e assistência social, ficaram por um tempo suspensos, conforme relata voluntários.

Com base em dados levantados por Santos (2023, p. 59) em sua dissertação sobre análise de discurso-crítica de notícias sobre a situação de rua na cidade, foi constatado que durante o período de pandemia houve medidas protetivas contra a Covid-19 para pessoas em situação de rua, além do estabelecimento de equipes, serviços e programas de atendimento. A Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) informou que a suspensão temporária dos serviços de convivência, incluindo os do Centro POP, inicialmente por 15 dias, foi em cumprimento ao Decreto municipal 388/2020, que estabeleceu medidas de proteção. Durante esse período, foram realizados esforços para oferecer abrigo e atendimento adequado, em conformidade com as diretrizes de distanciamento social exigidas.

O decreto de medidas de prevenção ao contágio e enfrentamento da epidemia de Covid-19 no município foi publicado em 18 de março de 2020. Já em 25 de março, uma

¹⁶ Disponível em: <https://osollo.com.br/teixeira-pessoas-em-situacao-de-rua-ficam-expostas-ao-perigo-do-coronavirus/>. Acesso em: 21 fev. 2023.

notícia publicada pelo *O Sollo*¹⁷ informava que um abrigo provisório havia sido criado. Apesar do curto período de exposição ao vírus, conforme as informações disponíveis, populares relataram que a população em situação de rua estava sem atendimento dos serviços públicos especializados há alguns dias, causando comoção na comunidade.

Embora existam instituições de assistência em Teixeira de Freitas/BA, ainda há muito que deve ser feito, como a construção de uma casa de passagem, albergues, casas de pernoite e repúblicas para que essas pessoas possam dormir e minimizar o risco de usar a rua como espaço de sobrevivência. Mesmo com o crescimento da problemática no município, as políticas públicas de assistência não têm se ampliado da forma que deveria.

Outra questão é a falta de estudos no município que caracterizem essas cidadãs e esses cidadãos que vivem desabrigados. É crucial que se tenha o maior número de dados possíveis sobre essa população para que as políticas públicas sejam aprimoradas, o que favorecerá a discussão da questão no município e fará com que as necessidades desse público possam ser atendidas de forma mais adequada a fim de garantir os direitos sociais.

Numa pesquisa que analisou a violência e o medo em Teixeira de Freitas/BA, Lima (2016, p. 78), na tentativa de caracterizar o espaço urbano da cidade, aponta para a dificuldade de se obter dados para o estudo:

Fazer um levantamento de informações sobre a referida cidade foi o nosso maior desafio. Além dos escassos trabalhos sobre a cidade em instituições de ensino, em sites de pesquisa na internet, encontramos uma série de dificuldades quando recorremos à essas informações junto ao poder público. Uma entrevista com o superintendente de desenvolvimento econômico da Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas, no dia 19/05/2015, evidenciou tais dificuldades.

Em conversa com o superintendente de desenvolvimento da Prefeitura Municipal, o entrevistado disse que a dificuldade de disponibilizar registros documentais, históricos e físicos por parte dos órgãos públicos municipais é um problema recorrente em todas as comarcas da região. Apesar da clareza da lei em divulgar as informações, tornando-as

¹⁷ Disponível em: <https://osollo.com.br/sensibilidade-abrigo-provisorio-e-criado-para-pessoas-em-situacao-de-rua-em-teixeira/>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

acessíveis a todos, a falta de investimentos nesse aspecto é perceptível, havendo muito o que ser feito para a organização de documentos públicos.

Lima (2016, p. 79), então, chegou à seguinte conclusão em relação à caracterização do espaço urbano da cidade:

Por se tratar de uma cidade que cresceu sem planejamento urbano, permanecendo ainda com precárias condições de saúde e crise para fortalecimento de sua identidade, onde as promessas de progresso e o ideal economicista se sobrepuseram às políticas públicas includentes e à cidadania, a cidade convive diariamente com dilemas. Teixeira de Freitas conseguiu se destacar como polo regional, através de um comércio dinâmico e serviços diversificados, ao mesmo tempo em que seu crescimento se deu de forma desordenada, com políticas sociais ineficientes que não contemplaram/contempla [sic], em muitos casos, saneamento básico, habitação, nem acesso a serviços essenciais, aspectos sociais que comprometem a qualidade de vida de sua população.

A cidade de Teixeira de Freitas/BA apresenta uma grande demanda em termos de políticas públicas devido ao seu elevado crescimento populacional e, conseqüentemente, à elevação da pobreza, o que torna a desigualdade social ainda mais evidente. Seja nos amplos bairros periféricos ou no centro, com a crescente presença de pessoas em situação de rua, é possível notar que as condições mínimas de bem-estar social estão comprometidas na cidade, como mencionado pelo autor. Muitas pessoas ainda enfrentam problemas de saneamento básico, habitação, dentre outros aspectos essenciais, o que de certa forma está ligado à ineficiência das políticas públicas existentes.

De acordo com os dados disponíveis no portal Visdata3¹⁸, com referência a fevereiro de 2024, observa-se que a quantidade total de famílias em situação de rua inscritas no CadÚnico em Teixeira de Freitas é de 123 pessoas. Além disso, o número de famílias de baixa renda registradas no CadÚnico na cidade totaliza 9.788. Esta cifra é somada à quantidade de famílias com renda total mensal até 1 salário mínimo, que é de 57.134, e às famílias com renda entre 1 e 2 salários mínimos, que alcança o valor de 18.715.

¹⁸ O Visualizador de Dados Sociais (VIS DATA) oferece uma plataforma para acessar indicadores dos principais programas do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS). Por meio dessa ferramenta, os usuários podem baixar dados, visualizar informações detalhadas e até mesmo mapear os dados disponíveis. Disponível em: <https://aplicacoes.cidadania.gov.br/vis/data3/data-explorer.php>.

Notavelmente, a soma desses grupos ultrapassa metade da população total, evidenciando a vulnerabilidade econômica presente na localidade.

A deficiência do sistema de assistência social público aliada às questões territoriais, sociais e políticas requer a oferta de políticas públicas que garantam a eliminação da pobreza, e da desigualdade social e regional, assegurando o bem-estar de todos os cidadãos. Para compreender melhor o contexto em que vivem pessoas em situação de rua em Teixeira de Freitas/BA, é necessário mostrar um pouco sobre o seu espaço urbano. O crescimento da cidade e sua grande expansão, sobretudo comercial, demandaram empenho no setor para atender ao aumento de serviços no ramo. O mapa da cidade apresenta os seus bairros, ruas e avenidas.

Figura 4 – Mapa da cidade de Teixeira de Freitas/BA



Fonte: *Google Maps* (2019).

O centro apresenta o maior número de lugares com pontos de aglomeração de pessoas em situação de rua. Para que sejam obtidas informações mais exatas da presença dessas pessoas na cidade, é preciso fazer um mapeamento desses locais, o que ainda não foi realizado pelo município. Como não há abrigo, é possível ver essas pessoas nas ruas principalmente à noite.

3.3 CIDADÃS E CIDADÃOS EM SITUAÇÃO DE RUA: POLÍTICAS PÚBLICAS E DIREITOS

A partir do que foi apresentado até aqui sobre, é importante também pensar em quais políticas públicas estão sendo destinadas às pessoas em situação de rua e se os seus direitos estão sendo assegurados. A falta de conhecimento da lei é algo que implica a falta de atenção ao seu cumprimento. Isso dificulta o exercício dos direitos, bem como a sua efetivação por parte do Estado. A Constituição brasileira de 1988 tem como objetivo assegurar a todos os cidadãos as condições mínimas de existência, que compreendem os direitos fundamentais à saúde, à educação, ao trabalho, à alimentação e à moradia.

Esses direitos sociais estão registrados nos artigos 5º e 6º da Constituição Federal, conforme segue:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados (Brasil, 1988).

O texto apresentado corresponde aos princípios fundamentais e direitos sociais. Essa constituição é conhecida como a "Constituição Cidadã", pois consolidou importantes avanços no que diz respeito aos direitos individuais e sociais.

O Artigo 5º destaca o princípio da igualdade perante a lei, proibindo qualquer forma de discriminação. Ele assegura a todos, brasileiros e estrangeiros residentes no país, a inviolabilidade de direitos fundamentais, como o direito à vida, liberdade, igualdade, segurança e propriedade. Esses são pilares essenciais para a garantia da dignidade humana.

Já o Artigo 6º enumera os direitos sociais, reconhecendo a importância de garantir condições mínimas para a vida. Esses direitos incluem a educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, transporte, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância, além da assistência aos desamparados. Esses direitos refletem o comprometimento do Estado em promover o bem-estar e a justiça social. No entanto, vale ressaltar que, apesar

dos avanços, o desafio permanece na efetiva implementação e garantia desses direitos para toda a população.

De acordo com Wanderley Junior e Silva (2016), os direitos fundamentais estabelecidos na Constituição brasileira são fundamentados nos direitos humanos universais, que se estendem não somente aos direitos civis e políticos, mas também aos direitos sociais, econômicos e culturais. Como são direitos fundamentais de ordem nacional e internacional, é necessário exigí-los junto ao Estado brasileiro na ordem interna, bem como na ordem internacional. A população em situação de rua é um dos grupos com maior risco social, pois a grande maioria não tem acesso aos direitos fundamentais, como saúde, educação, trabalho, alimentação e moradia (Wanderley Junior; Silva, 2016, p. 66).

Os direitos sociais destacados na Constituição Federal do Brasil, especialmente aqueles mencionados no Artigo 6º, possuem uma relevância crucial para pessoas em situação de rua. A garantia de um espaço digno para viver é fundamental. Essa população muitas vezes enfrenta condições de saúde precárias. O acesso à saúde é vital para garantir tratamento médico, prevenção de doenças e promoção do bem-estar físico e mental. Oferecer oportunidades de emprego e programas de capacitação profissional pode ajudar essas pessoas a reconstruir suas vidas e superar a condição de vulnerabilidade.

É perceptível que as condições histórico-culturais que explicam a origem do problema da população em situação de rua na Europa, como apresentado no início desta seção, não são muito diferentes das que ocorrem no Brasil. A partir dos anos 1970, a economia sofreu um ajuste estrutural para garantir a reprodução do capital. Há uma grande preocupação com a crise do capitalismo nesse período, que ameaçava o crescimento econômico do país. A financeirização do capital, a recomposição da produção e a reorientação do papel do Estado são princípios fundamentais para a ocorrência do “milagre econômico brasileiro”, que colocou o Brasil como oitava economia mundial. Esse processo causou mudanças no mundo do trabalho, aumento do desemprego, precarização no vínculo e nas condições de trabalho, diminuição da renda e elevação da pobreza da classe trabalhadora.

De acordo com Buarque (2003), a sociedade brasileira é dividida em dois grupos distintos e caracterizados pela diferença e desigualdade social. A apartação racial na África era uma característica que se originava da separação racial entre brancos e negros. No entanto, o autor adaptou o conceito, demonstrando que a apartação ocorre entre pobres e ricos. O

principal problema é que esses grupos começam a se desenvolver separadamente, pois a economia brasileira funcionava por meio da relação entre o grupo pobre, que oferece mão de obra sem qualificação, e o grupo rico, que oferece capital e trabalho qualificado. A economia dependia dessa dualidade e a desigualdade era necessária para gerar riqueza.

Esse cenário começa a mudar e, a partir dos anos 1960, a economia entra em crise. As grandes empresas não conseguem empregar todos os que migram do campo para as metrópoles e os produtos dessas companhias não conseguem compradores. Diante da situação, seria possível tomar duas medidas para resolver o problema: a implantação de reformas que eliminassem essa dualidade, criando uma economia única, sem grupos excluídos; ou a continuidade desse processo. A elite brasileira, em 1964, continua a dualidade por autoritarismo, que define o rumo do sistema econômico e o modelo de sociedade do Brasil (Buarque, 2003).

A adoção de tal medida transformou o que seria uma economia dual numa economia da apartação (Buarque, 2003). Há uma grande quantidade de pessoas vivendo nas grandes metrópoles do país nesse período, muitas delas com suas famílias em situação de extrema pobreza, passando a habitar as ruas desses centros urbanos.

Bursztyn e Araújo (1997) identificaram que as pessoas em situação de rua poderiam ser classificadas em diversos grupos. A classificação foi elaborada a partir dos tipos de trabalhos, estratégias de subsistência, vinculações sociais, expectativas e visão de mundo. Os grupos foram divididos em: catadores de lixo seco; trabalhadores de rua (flanelinhas); albergados; catadores nômades; sem-lixo e sem-teto; sem-lixo e sem-teto errantes; catadores complementares; andarilhos; pivetes; foras-da-lei; hippies; e pedintes de Natal.

Nos anos 1950, a região de Brasília foi um destino de migrantes, pois muitos deles vinham trabalhar em obras da cidade. Esse processo envolveu migrantes do Nordeste, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, que buscavam independência financeira na capital. Da mesma forma que na Europa na época da Revolução Industrial, muitas pessoas ficaram em situação de rua, mas passaram a sobreviver da coleta de materiais recicláveis. É interessante notar pelos resultados que o que motivou a migração foi a falta de condições de sobrevivência e não moradia, uma vez que 85% dos migrantes confirmaram que estavam passando fome e 78% não estavam trabalhando de forma estável na região de origem.

Rosa (1999) aponta que, nos anos 1970, diversas notícias sobre a população de rua foram publicadas na cidade de São Paulo. Os temas dos textos indicavam que muitas pessoas estavam em situação de rua devido ao alto índice de desemprego. Nesses casos, foi possível notar que o tema era recorrente em diferentes veículos de comunicação ao longo de um período de tempo (Rosa, 1999 *apud* Bessa, 2009, p.85). Durante esse período, a questão da população em situação de rua tornou-se um tema recorrente em diversos veículos de comunicação, refletindo a preocupação e o interesse da sociedade sobre essa realidade. As notícias veiculadas na cidade de São Paulo nos anos 1970 destacavam o alto índice de desemprego como uma das principais causas dessa problemática.

Ao analisar os motivos que levam à situação de rua, Vieira, Bezerra e Rosa (1992, p. 18) destacam que o trabalhador que enfrenta as dificuldades para sustentar sua família, buscando provê-la, representa um aspecto crucial. Nesse contexto, a carteira de trabalho se torna um símbolo de honestidade e dignidade para o trabalhador.

A análise sugere que, no sistema capitalista, a dignidade muitas vezes é vinculada ao trabalho remunerado, embora outras formas de contribuição para a sociedade existam além do emprego assalariado. A valorização exclusiva do trabalho remunerado pode ser limitada, pois há indivíduos de alta renda que não dependem do trabalho para sustento próprio, mas ainda são socialmente reconhecidos e valorizados. Isso indica que o reconhecimento está mais relacionado à posse de dinheiro do que ao emprego em si. A falta de emprego pode ter consequências graves para o indivíduo: um pai de família que está desempregado não consegue mais arcar com as despesas básicas da casa e, conseqüentemente, começa a consumir bebidas alcoólicas para esquecer a situação atual, o que pode resultar na ruptura do vínculo familiar. Sem ter capacidade de lidar com a situação, a família deixa a pessoa se afastar e ela acaba indo parar nas ruas.

Logo, a falta de oportunidades também pode ser um fator que influencia a situação de rua. Buarque (2003, p. 229) salienta, em relação ao neocapitalismo, que as empresas têm como objetivo principal aumentar os seus lucros, o que requer aumento do número de funcionários, redução do preço do produto e redução do salário dos trabalhadores. Se a empresa decide aumentar o salário, aumenta o produto, mas reduz o número de empregados, o que tem um impacto significativo no índice de desemprego.

É inegável que existem esferas desiguais em um sistema capitalista. Giorgetti (2007, p. 21) aponta que a história do Brasil é marcada pela desigualdade social, que resulta em conflitos entre as classes sociais, além de vítimas da violência e invisibilidade.

Rosa (2005, p. 123) analisa entrevistas em que pessoas em situação de rua relatam as suas experiências de vida, revelando o relato de um cidadão que demonstra grande preocupação em conseguir emprego, uma vez que não deseja ser visto como um vagabundo ou um João-ninguém, como o próprio entrevistado descreve. A ideia de que o trabalho deve ser considerado uma atividade de honestidade se torna um ideal desejado, mas a criação desse estereótipo não permite analisar a posição desse indivíduo em um contexto sócio-histórico, econômico e cultural.

De acordo com a autora, uma grande parcela das pessoas em situação de rua atribuiu ao consumo de álcool ou de substâncias ilícitas a “eliminação” dos problemas, uma espécie de afastamento psicológico. Essa situação degradante é geralmente percebida sob a perspectiva da escolha, sendo o indivíduo nessa situação visto como dependente químico que não deseja modificar esse quadro e, inclusive, sendo considerado perigoso. Dessa forma, é possível notar uma perspectiva reducionista direcionada por um viés pejorativo, sem levar em conta a relação entre o indivíduo e o sistema social.

Em 2005, é criado o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), apoiado pelo antigo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e pelo Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. A Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua entre 2007 e 2008 e a criação da Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua em 2009 foram também relevantes.

A Lei Ordinária nº 12.947, de 10 de fevereiro de 2014, que instituiu a Política Estadual para a População em Situação de Rua na Bahia, apresentou diretrizes fundamentais para abordar os desafios enfrentados por esse segmento da sociedade. A legislação buscou garantir a proteção e promoção dos direitos dessa população, estabelecendo medidas que visavam a inclusão social, a oferta de moradia digna, a atenção à saúde, a capacitação profissional e a inserção no mercado de trabalho. Além disso, a lei destacou a importância da participação ativa da população em situação de rua na construção e implementação das políticas, reconhecendo suas vozes como fundamentais no processo de formulação de estratégias eficazes. Dessa forma, a legislação de 2014 na Bahia representou um marco na promoção da

cidadania e na garantia de direitos essenciais para aqueles que se encontram em condição de vulnerabilidade nas ruas do estado.

O Decreto nº 23.836, de 22 de março de 2023, marca um avanço significativo ao instituir a política municipal para a população em situação de rua em Salvador, Bahia. O documento estabelece diretrizes abrangentes para enfrentar os desafios enfrentados por essa parcela da sociedade, destacando a importância da atuação intersetorial por meio do Comitê específico. Ao criar um Comitê intersetorial, o Decreto reconhece a necessidade de uma abordagem colaborativa entre diferentes setores governamentais e sociedade civil para enfrentar de maneira efetiva as complexas questões relacionadas à população em situação de rua em Salvador, consolidando um compromisso com a proteção e promoção dos direitos desses indivíduos.

Diante do histórico do tratamento da temática da situação de rua no Brasil, marcado por políticas públicas instituídas, leis e discussões, foi possível construir uma definição de população em situação registrada no Decreto 7.053 de 23 de dezembro de 2009, temos:

grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

A rua se torna um local de abrigo e sobrevivência para aqueles que não têm acesso a recursos financeiros para o sustento. Wanderley Junior e Silva (2016) observam que poderes públicos promovem ideias e projetos para combater a problemática, mas há uma lacuna entre o que é proposto e a realidade dessas pessoas. O aumento e o agravamento da situação de rua estão cada vez mais presentes. Em resposta a isso, o Estado tem visto como necessidade ações violentas para atender aos interesses estéticos das cidades. Isso está de acordo com o discurso preconceituoso de uma parcela considerável da sociedade que vê como solução a retirada dessas pessoas desabrigadas e não os fatores que as causam o desabrigamento (Wanderley Junior; Silva, 2016, p. 69).

Os autores acrescentam que a pessoa em situação de rua é ignorada como pessoa, além de sofrer com o preconceito e a discriminação, pois se defende que esse grupo precisa viver longe das cidades e não como seres humanos que necessitam de apoio, ajuda, compreensão e solidariedade.

A Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, realizada pelo Instituto Meta entre agosto de 2007 e março de 2008, conforme mencionado, também foi um importante passo para a instituição das políticas públicas, pois forneceu dados relevantes sobre esses desabrigados. Foram pesquisados ao todo 71 municípios do país. O levantamento mostrou, na época, que 31.922 habitantes das cidades pesquisadas viviam em situação de rua. As principais áreas ocupadas por essas pessoas foram praças, parques, viadutos, prédios abandonados, lixões, depósitos, além de permanecerem em abrigos, albergues e casas de apoio.

Na pesquisa, a maioria das pessoas entrevistadas é composta por homens, que representam um percentual de 82%. Em termos de dados socioeconômicos, a renda é baixa. 52,6% das pessoas recebem entre R\$20,00 e R\$80,00 por semana. 74% sabem ler e escrever, apesar da maioria ter o primeiro grau incompleto. Para mais, é importante notar que 35,5% das pessoas estão na rua por conta de problemas com alcoolismo e drogas; 29,8%, por desemprego; e 29,8%, por desentendimentos familiares. Esses motivos podem estar relacionados entre si ou um ser consequência do outro.

Vale salientar que grande parte das pessoas em situação de rua eram da mesma cidade, de municípios do mesmo estado ou de regiões próximas, o que mostra que essa população não é originária de um deslocamento ou migração do campo para a cidade.

O diagnóstico publicado em agosto de 2023 (Brasil, 2023), fundamentado em dados e informações extraídas de registros administrativos e sistemas do governo federal, revelou-se notavelmente interessante ao fornecer uma visão atualizada do perfil das pessoas em situação de rua. Em 2022, o CadÚnico registrava a presença de 236.400 indivíduos em situação de rua no Brasil, representando uma proporção de 1 para cada 1.000 pessoas no país. O perfil predominante das pessoas em situação de rua cadastradas no país revela uma maioria do sexo masculino (87%). 55% estão na faixa etária de 30 a 49 anos. Além disso, a maioria é composta por indivíduos negros, somando 68%, dos quais 51% são pardos e 17% são pretos.

90% dessas pessoas em situação de rua possuíam habilidades de leitura e escrita, enquanto 68% já haviam experimentado emprego formal com carteira assinada (Brasil, 2023).

Destaca-se o significativo percentual de pessoas em situação de rua com deficiência, atingindo 15%, sendo a deficiência física a mais prevalente entre elas. Os fatores predominantes que contribuíram para a condição de pessoas em situação de rua em 2022 foram, principalmente, conflitos familiares, responsáveis por 44% dos casos, seguidos por desemprego, com 39%, e problemas relacionados ao alcoolismo e/ou uso de drogas, com uma incidência de 29%. Embora as mulheres constituíssem apenas 13% da população em situação de rua em 2022, elas foram alvo de 40% dos casos de violência registrados durante o mesmo período. O diagnóstico ainda revela que a Bahia é o terceiro estado com o maior número de notificações de violência contra pessoas em situação de rua, totalizando 11%, superando o Rio de Janeiro, que registra 4% no mesmo período (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023).

Conforme mencionado na introdução, a mais recente estimativa de agosto de 2023 indica que 227.087 pessoas estão em situação de rua no Brasil, com base nos dados do CadÚnico. Esta estimativa representa uma das primeiras análises que empregam o CadÚnico após uma modificação no sistema, o qual agora exclui da base de dados aqueles que já estiveram em situação de rua, mas que atualmente não se encontram nessa condição. Tal atualização não era viável com os métodos anteriores, como aquele proposto pelo MDS até 2022 por meio do Formulário PopRua (Natalino, 2024, p. 13).

Com relação às causas da situação de rua, o atual diagnóstico mantém os mesmos fatores e sua ordem de importância, com a adição do fator "perda de moradia" e outros. As causas são: problemas com familiares ou companheiros (47,3%); desemprego (40,5%); uso abusivo de álcool e/ou outras drogas (30,4%); e perda de moradia (26,1%). Com relação aos demais acrescenta-se: ameaça/violência (4,8%); distância do local de trabalho (4,2%); tratamento de saúde (3,1%); preferência/opção própria (2,9%); outro motivo (11,2%)¹⁹. Embora os percentuais tenham sido ajustados, a natureza e a ordem das causas permanecem consistentes em relação aos levantamentos anteriores (Natalino, 2024, p. 20).

De acordo com a discussão apresentada por Natalino (2023), há um consenso sobre a complexidade e as causas associadas à situação de rua, que englobam dinâmicas individuais,

¹⁹ Os motivos contidos nesse percentual não foram detalhados na pesquisa.

interpessoais e socioeconômicas. A densidade populacional de uma localidade tende a estar diretamente relacionada à incidência de pessoas em situação de rua, refletindo-se em uma maior proporção desse grupo em áreas urbanas populosas. Além disso, a centralidade e o dinamismo econômico de um município podem atrair populações de baixa renda em busca de oportunidades de emprego precário, muitas vezes sem acesso a moradias próximas aos locais de trabalho, o que pode contribuir para a condição de rua.

O segundo fator é a pobreza, que está ligada a situações de privação econômica e social. A força ou fragilidade dos vínculos sociais é fundamental para compreender a situação de rua, o que inclui diferentes tipos de conexões, como vínculos familiares, vínculos sociais eletivos (como amizades e participação em associações) e vínculos de trabalho. As causas da situação de rua no Brasil, conforme destacado por Natalino (2023, p. 16), podem ser organizadas em três dimensões:

- i. Exclusão econômica, que engloba insegurança alimentar, desemprego e déficit habitacional nos grandes centros urbanos;
- ii. Fragilização ou ruptura de vínculos sociais, especialmente vínculos familiares e comunitários, que poderiam fornecer suporte em momentos de dificuldade;
- iii. Problemas de saúde, principalmente relacionados à saúde mental, embora não se restrinjam a isso.

A situação de rua no Brasil é influenciada por uma série de fatores econômicos, sociais e de saúde. A pobreza, o desemprego e a escassez de moradias acessíveis são elementos fundamentais nesse contexto, levando muitas pessoas a buscar sustento nas ruas das grandes cidades. Além disso, a fragilização dos laços familiares e comunitários, juntamente com os efeitos negativos da pandemia, contribuíram para a vulnerabilidade dessas pessoas, muitas vezes resultando em conflitos familiares e violência doméstica. (Natalino, 2023).

A saúde mental também desempenha um papel significativo, com o uso abusivo de álcool e/ou drogas como uma forma de escapar das dificuldades enfrentadas. A falta de proteção trabalhista para grande parte da população economicamente desfavorecida torna-os ainda mais vulneráveis, já que uma doença ou acidente pode resultar na perda de meios de subsistência (Natalino, 2023).

Conclui-se que é necessário diversos conhecimentos para compreender a situação de rua. Iniciando com uma análise dos percursos históricos, conforme apresentado por Silva (2009). Essa seção registrou uma compreensão mais profunda das raízes dessa problemática social, contextualizando-a em uma perspectiva temporal e identificando padrões que persistem ao longo do tempo.

A posterior contextualização da situação de rua em Teixeira de Freitas/BA adiciona uma dimensão local ao estudo, reconhecendo que as realidades específicas de determinadas regiões podem influenciar significativamente os desafios e as oportunidades enfrentados pelas pessoas em situação de rua. A discussão sobre a implementação de políticas públicas destinadas às pessoas em situação de rua no Brasil e a garantia de seus direitos legais destaca a importância do compromisso governamental para lidar com essa questão complexa. O reconhecimento desses direitos não apenas ressalta a necessidade de medidas práticas, mas também enfatiza a importância da sensibilização e conscientização social.

A abordagem crítica adotada ao longo da seção destaca que a situação de rua não é apenas um problema individual, mas um problema complexo enraizado em fatores históricos, sociais e econômicos. A compreensão desses aspectos é essencial para a formulação de estratégias eficazes, tanto em nível local quanto nacional, visando abordar as causas fundamentais e não apenas os sintomas visíveis.

A próxima seção deste trabalho se concentrará nos objetivos, abordagem e procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa. Serão apresentados detalhes sobre a natureza da metodologia empregada, contexto da pesquisa, a construção e delimitação do *corpus*, bem como a metodologia de análise dos dados, incluindo a utilização de categorias específicas para analisar os dados coletados.

4 METODOLOGIA

A presente seção está dividida da seguinte forma: a subseção 4.1 apresenta a natureza da metodologia desta pesquisa, que é qualitativa; seguida da subseção 4.2, com o detalhamento da construção e delimitação do *corpus* pela geração de dados: por meio de entrevista semiestruturada, bem como o contexto de pesquisa; na última subseção, é discutida a metodologia de análise dos dados e a utilização de categorias de análise.

4.1 PESQUISA QUALITATIVA

Este estudo faz uso da abordagem qualitativa de pesquisa. A pesquisa qualitativa parte da interpretação dos dados, explorando características de indivíduos e cenários, está preocupada em dizer o que são as coisas, portanto não privilegia os dados numéricos (Gaskell, 2007). Nessa pesquisa, especificamente, o foco é na coleta de dados de natureza verbal. Para tanto, o meio utilizado é a gravação de áudio. Antes de realizá-la, cabe ao pesquisador ir a campo, observar os indivíduos e o contexto de pesquisa. Portanto, os procedimentos empregados consistirão em uma pesquisa de campo.

Busca-se, nesta pesquisa, interpretar dados gerados por meio da realização e transcrição de entrevistas. Os propósitos deste estudo se alinham com objetivos de natureza exploratória, descritiva e explicativa. Tal escolha também se deve à importância da pesquisa qualitativa para o tratamento de relações sociais em suas diferentes esferas, o que possibilita ao pesquisador a produção do conhecimento em diferentes contextos (Flick, 2009, p. 20-21).

A pesquisa qualitativa pode ser desenvolvida em várias perspectivas. Flick (2009, p. 23) a descreve da seguinte forma:

os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa [...] consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos.

A investigação qualitativa pode ser definida como interpretativa, ela utiliza a compreensão dos pesquisadores; dos participantes e dos leitores da pesquisa. Estes últimos, em caso de inclusão de procedimentos de validação de dados para fins de avaliação da

pesquisa, seguido de possíveis reformulações nas análises a serem examinadas pelo pesquisador. Em consonância com a definição descrita acima, Stake (2011) considera o pesquisador como sujeito mais importante na pesquisa qualitativa, cuja relevância é reconhecida pela participação de seres humanos, escrevendo: “Na pesquisa qualitativa, os seres humanos têm muitas tarefas, como planejar o estudo, providenciar as situações a serem observadas, entrevistar as pessoas, avaliar as informações, reunir os fragmentos de ideias, escrever os relatórios” (Stake, 2011, p.46). A variedade de abordagens e métodos propiciada pela pesquisa qualitativa amplifica as perspectivas. Isso abre caminho para inúmeras interpretações que correspondem ao próprio comportamento humano. Também é um processo que inclui o que as pessoas pensam, veem e ouvem (Stake, 2011, p.47).

A relevância da pesquisa qualitativa para o estudo das relações sociais é notável “devido à pluralização das esferas de vida” (Flick, 2009, p. 20). Assim, criar compreensão narrativa e de teoria implica considerar determinantes locais, temporais e situacionais. Existe um vasto terreno da vida social a ser explorado após a vida cotidiana ter passado por diversas modificações na sociedade moderna e pós-moderna. Flick (2009, p. 21) ainda comenta sobre o assunto: “A mudança social acelerada e a consequente diversificação das esferas de vida fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos e perspectivas sociais”.

O foco deste tipo de pesquisa é “estudar o conhecimento e as práticas dos participantes” (Flick, 2009, p. 24). Isso demanda a reflexão sobre os dados por meio da interpretação de acordo com o que se pretende analisar. Assim, o pesquisador precisará lidar com o campo das subjetividades, de modo a considerar a sua própria comunicação e a do participante de pesquisa. A pesquisa qualitativa é conhecida por evitar números e centrar na interpretação de aspectos da realidade social (Bauer; Gaskell; Allum, 2007).

Tendo definido que será feita uma análise textual qualitativa, é preciso estabelecer também as formas de geração de dados e análise. O delineamento da pesquisa, a coleta e o tratamento analítico dos dados são alguns dos procedimentos. A realização de entrevistas para conseguir dados é um método de coleta de dados, podendo ser escolhido de maneira independente dentro do processo de pesquisa. A pesquisa social busca analisar dados sobre o mundo social (Bauer, Gaskell; Allum, 2007).

4.2 CONTEXTO DE PESQUISA: TEIXEIRA DE FREITAS – BA

A cidade de Teixeira de Freitas – BA é um dos 13 municípios que compõem administrativamente o Território de Identidade (doravante TI) Extremo Sul. Ela tem uma população estimada de 164.290 habitantes e uma área territorial de 1.165,622 km² (IBGE, 2021). Os municípios do TI são: Alcobaça, Caravelas, Ibirapuã, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Prado, Teixeira de Freitas e Vereda. O clima do território é relativamente bom, devido à média apropriada de chuva, o que favorece a implantação de lavouras. Portanto, é uma área geoambiental bastante demandada. Em Teixeira de Freitas e Vereda, por exemplo, há aptidão para implantação de lavouras por ser composta por Argissolos Vermelhos, além de outras regiões que são propícias ao cultivo de cacau, silvicultura de eucalipto, minério, dentre outros (Bahia, 2015).

As principais cidades em que há a extração de minerais, como o granito e rocha, são: Ibirapuã, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Teixeira de Freitas e Vereda. A mineração é necessária para a ornamentação e a construção civil, como o uso do granito. Também é importante para revestimentos, pisos e outras estruturas da construção, além da água-marinha para joias. Outros minerais presentes no TI são o gnaïsse, a argila, a grafita e a areia (Bahia, 2015, p. 209).

A atividade industrial no território tem servido à implantação de empresas que, em 2015, totalizavam 17. A maior parte dessas indústrias centram-se em Ibirapuã, Itanhém, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa e Teixeira de Freitas. As atividades estão associadas “à produção de álcoois, celulose e papel e calçados, dentre outras” (Bahia, 2015, p. 209).

A Figura 5, a seguir, mostra a divisão político-administrativa do TI Extremo Sul:

Figura 5 – Divisão político-administrativa do Território de Identidade Extremo Sul



Fonte: Adaptado de SEI (2013).

O TI Extremo Sul possui características peculiares pela sua localização na divisa com o nordeste do estado de Minas Gerais e norte do Espírito Santo. Dessa forma, é evidente que tal região sofra influências socioeconômicas, sociais e sobretudo culturais destes estados circunvizinhos. Geograficamente está distante da capital do estado, Salvador, porém ainda assim possui centralização por meio da BR-101.

Quanto ao registro histórico de Teixeira de Freitas, embora seja uma cidade nova em relação aos povoados mais destacados no século XVIII: Caravelas (1700), Alcobaça (1772) e Prado (1765), tornou-se o município mais povoado e desenvolvido economicamente do TI Extremo Sul. A área foi delimitada nos anos de 1970, quando ainda era distrito de Caravelas e Alcobaça, até 1985, bem recentemente, ano de sua emancipação (Bahia, 2015, p. 212). Em 1940, o território onde se localiza atualmente a cidade de Teixeira de Freitas – BA era um caminho frequentado por comerciantes devido ao escoamento e abastecimento de fazendas da região: Nova América, Conceição, Água limpa, Cascata e Japira. Époça em que, na Fazenda Cascata, havia uma farinheira, além da casa de propriedade de Joaquim Muniz, local

apresentado como ponto central pela presença de uma mercearia em que as pessoas compravam produtos industrializados (Rocha, 2015).

O mapa abaixo mostra a localização de Teixeira de Freitas – BA, local de pesquisa, dentro do estado:

Figura 6 – Localização de Teixeira de Freitas na Bahia



Fonte: Rafael Lorenzeto de Abreu (2006)²⁰

De acordo com a história publicada no *site* da Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas – BA²¹, apesar da centralização de povoados nas mediações do rio Itanhém, foi nas proximidades da praça conhecida hoje como “Praça dos Leões” que se iniciou o processo de urbanização da cidade. Há relatos de que antes mesmo do início da urbanização, em 1950, já havia bastante movimento de moradores na região. Durante um tempo, as atividades da Igreja Católica já eram realizadas em uma capela construída na fazenda de José Felix Correia no ano de 1923. A fazenda Nova América tornou-se um ponto de encontro para as propriedades vizinhas por realizar eventos, como casamentos, missas e batizados. Antes da sua emancipação, também existiam atividades comerciais nesses locais (Rocha, 2015).

²⁰ Mapa escolhido por melhor mostrar a localização da cidade dentro do estado. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bahia_MesoMicroMunicip.svg. Acesso em: 21 de fevereiro de 2023.

²¹ Disponível em: <https://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/historia/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2023.

A empresa Euleuzibio Cunha iniciou o cultivo e aproveitamento da madeira na região, patrocinando a construção de uma estrada em Barcelona, distrito de Caravelas, em direção à Santa Luzia. Atualmente, essa cidade é conhecida como Nova Viçosa, localizada no estado da Bahia. Devido ao grande número de madeireiros que passavam pelo local, Francisco Silva e Manoel de Etelvina criaram o “Comércio dos Pretos”. Mais tarde, em 1957, surgiu o povoado, no entroncamento das rodovias, denominado “Teixeira de Freitas” em referência à Mário Augusto Teixeira de Freitas, reconhecido como estatístico baiano (Rocha, 2015).

Assim, Teixeira de Freitas surge em meio a uma circulação de riqueza significativa, provocada pelo surgimento de companhias madeireiras e agrícolas, pelo conseqüente afluxo de habitantes de outros estados. Portanto, os atuais aspectos socioeconômicos do município foram construídos ao longo da história.

De acordo com a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI (2015, p. 212), Teixeira de Freitas é a cidade com maior crescimento econômico no TI Extremo Sul, participando com 78,5% do produto bruto de todo o território. Algumas das atividades comerciais que dão impulso ao setor industrial da região são: produção agrícola de cana-de-açúcar, café e atividade industrial de papel e celulose. A BR-101 também deu grande contribuição ao crescimento da cidade; foi inaugurada nos anos 1960, ligando o litoral brasileiro. Abaixo, um dos principais pontos de comércio da cidade:

Figura 7 – Centro de Abastecimento Temoteo Alves de Brito



Fonte: Bahia Extremo Sul²²

²² Disponível em: <https://www.bahiaextremosul.com.br/construcao-da-cobertura-da-parte-externa-do-mercadao-tem-inicio>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2023.

A pesquisa será realizada nas proximidades desse local, o Centro de Abastecimento Temoteo Alves de Brito. A sua escolha é estratégica e está intrinsecamente ligada à metodologia da pesquisa, pois visa explorar as dinâmicas sociais e discursivas relacionadas ao comércio e às interações com as pessoas em situação de rua naquela área específica. Ao conduzir entrevistas e observações nesse contexto, a pesquisa busca capturar as perspectivas, experiências e opiniões de diversos grupos que frequentam o Centro de Abastecimento, incluindo comerciantes, consumidores, transeuntes e outros atores relevantes.

O planejamento estratégico para o fluxo comercial no TI Extremo Sul inclui o mapa rodoviário, onde se destaca a importância da BR-101, uma via central que corta o território e conecta Itamaraju e Teixeira de Freitas. Além disso, o mapa abrange outras rodovias cruciais que ligam as principais cidades da região, como a BR-489 para Prado, a BR-418 para Caravelas e a BA-290, que proporciona acesso aos municípios de Alcobaça, Ibirapuã, Itanhém, Medeiros Neto, Lajedão e Vereda (Bahia, 2015, p. 212).

Teixeira de Freitas ainda conta com o funcionamento de um aeroporto, inaugurado em 1990. Atende todo o território, nordeste de Minas Gerais e norte do Espírito Santo. Dessa forma, a cidade se sobressaiu como um dos principais municípios do TI, com uma excelente logística de mercado devido à BR-101 (como discutido na seção anterior). Isso se deve, principalmente, às condições benéficas para o mercado nacional e internacional que se instauraram.

No entanto, essas realizações que trouxeram o que foi apresentado como “novos desenvolvimentos” serviram para atender propósitos particulares. Por sua vez, a própria emancipação do município e as medidas de políticas econômicas implantadas serviram para fins políticos e dispensaram a vivência de sujeitos históricos que já estavam no local. Gomes (2015, p. 5) argumenta que tais medidas nas décadas de 1970 e 1980 apresentavam-se como “progresso”, prometendo desenvolvimento e modernidade. Na época, para servir a este propósito, os chamados pela autora de “símbolos do progresso” eram implantados; a construção de rodovias e estradas para o escoamento de produtos agrícolas foi um desses símbolos. Esses fatos indicam os ditos e não ditos dessa história.

Gomes (2015, p. 7-10) diz que os habitantes da área que hoje é Teixeira de Freitas perderam suas atividades de comércio, porque o poder passou a dominar esse setor e, em muitos aspectos, as mudanças eram para atender o capitalismo. Portanto, é importante

registrar que o progresso da cidade também se deve ao esforço de famílias pioneiras, como as negras no chamado “Comercinho dos Pretos”. No entanto, em algum momento da história, isso foi apagado, atrelando este desenvolvimento tão somente ao surgimento dos setores madeireiros e agropecuários no município. Dessa forma, é preciso pensar: como Teixeira de Freitas se tornou o lugar em que é hoje – tão diferente do que era antes dos anos 1950? Estas mudanças estruturais na economia do município simplesmente aconteceram?

A resposta é: não. Tudo indica que uma agenda deliberada foi seguida para que a cidade tivesse impacto direto nos setores da indústria, favorecendo aos interesses do mercado e dos políticos da elite local que eram coniventes à criação de mais uma comarca na região. Esta agenda também estava alinhada com os objetivos do regime militar que era o contexto da época (Gomes, 2015, p. 10).

Devemos ter consciência de que o crescimento dos setores de serviços e indústria não incentivou de forma expressiva e ampla a diminuição das vulnerabilidades; a distribuição de benefícios, como a eventual criação de empregos. Apesar da cidade ter se tornado um grande centro comercial, com alto fluxo de pessoas e mercadorias, a situação de rua é indicativa de vulnerabilidade social no município. Dados do Relatório Anual do Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS)²³, no município, mostraram que em 2019 foram abordadas quatorze pessoas em situação de rua no Mercado Municipal, dez na Rodoviária e cento e um na Praça da Bíblia. A pandemia de Covid-19 foi um agravante para a situação de rua em Teixeira de Freitas – BA. A Figura 8 representa uma visão da situação de rua durante a pandemia, oferecendo um vislumbre das condições enfrentadas por aqueles sem moradia durante esse período.

²³ Esse relatório anual foi elaborado em 2019 pelo SEAS de Teixeira de Freitas/BA para uso interno da própria instituição, portanto, não há publicação desses dados.

Figura 8 – Título e foto de notícia sobre situação de rua durante a pandemia

Teixeira: Pessoas em situação de rua ficam expostas ao perigo do coronavírus

Por Elizeu Portugal/O Sollo - 24 de março de 2020 - 20:02



Fonte: O Sollo²⁴

A notícia indicada acima fala sobre a falta de intervenção pública imediata para viabilizar melhores condições às pessoas em situação de rua que estavam expostas ao vírus em março de 2020. A condição dessas pessoas, que já é de extrema vulnerabilidade, somada ao fator pandemia, ficou ainda mais grave. Dessa forma, a cidade possui uma infraestrutura que favorece o comércio, ao mesmo tempo em que é possível ver os efeitos da desigualdade social.

4.3 CONSTRUÇÃO DO *CORPUS* DE PESQUISA

A designação *corpus* tem base etimológica no latim plural *corpora*, referindo-se à coleção de textos nas ciências históricas (Bauer; Arts, 2007, p.45). O *corpus* linguístico inclui materiais escritos ou falados, partes integrantes de uma análise linguística. O *corpora* é resultado de uma coleção de dados, podendo ser estruturados também por parâmetros temáticos. Esta noção nos ajuda a pensar a construção do *corpus* desta pesquisa e, conseqüentemente, a organização desses dados para a análise.

²⁴ Disponível em: <https://osollo.com.br/teixeira-pessoas-em-situacao-de-rua-ficam-expostas-ao-perigo-do-coronavirus/>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2023.

É indicado que estes dados sejam organizados considerando os princípios da relevância, homogeneidade e sincronicidade (Barthes, 1967 *apud* Bauer; Arts, 2007). Primeiramente, o assunto analisado precisa ter um grau de importância considerável e é indicado que o material de composição do *corpus* esteja recortado sob um foco temático específico. Em outras palavras, o material a ser analisado precisa fazer alusão ao tema tratado. Outro ponto relevante diz respeito a homogeneidade dos dados para que não haja a mistura de materiais diferentes. Se, em uma pesquisa, opta-se em trabalhar com transcrições de entrevistas individuais e grupais, as mesmas precisam ser tratadas separadamente, por exemplo. Bauer e Arts (2007) ainda complementam que imagens, textos e entrevistas individuais e grupais “podem ter a ver com partes do mesmo projeto de pesquisa; mas devem, contudo, ser separados em *corpora* diferentes para comparação” (p. 56). A sincronicidade refere-se à escolha dos materiais relevantes e homogêneos que devem ser selecionados dentro de um ciclo: sincrônicos. Como um dos exemplos disso, é citado o fato das opiniões que têm um ciclo de dias ou semanas.

Em uma pesquisa qualitativa, o pesquisador irá lidar com o campo das representações. Ao discutir sobre o tamanho do *corpus*, Bauer e Arts (2007) diz que quanto mais representações o autor explorar sobre um tema específico, maior terá de ser o *corpus*. Desse modo, o *corpus* configura-se como uma compilação de escritos que podem ser descritos, organizados, selecionados e, por fim, explicados ou analisados. Bauer e Arts (2005) apontam para a distinção entre dois tipos de *corpora*. Um *corpus* abrangente que pode ser considerado como aquele que comporta uma amplitude maior de questões de pesquisa, então o material linguístico proporciona o tratamento de vários propósitos, estando em uma perspectiva mais geral. Enquanto que, ao utilizar um *corpus* chamado de *corpus* tópico, o pesquisador faz uma projeção, visando atender um único tema de pesquisa. Os autores ponderam que as pesquisas sociais que fazem análise de textos ou entrevistas seguem este último modelo de *corpus*, o que se alinha aos pressupostos desta pesquisa.

4.3.1 Dados gerados

Bauer, Gaskell e Allum (2003, p. 19) mostram a geração de dados como uma das quatro dimensões do processo de pesquisa que inclui entrevista individual, questionário,

grupos focais, registro de sons, entre outros. Ainda, os autores apontam para distinção entre dados informais e formais. Os dados informais não precisam, necessariamente, atender regras de competência, enquanto os dados formais são altamente especializados (Bauer, Gaskell; Allum, 2003, p. 21). O dado informal caracteriza-se por não se limitar a regras, uma vez que as pessoas podem falar de forma espontânea. Em contrapartida, no formal prevalece a competência comunicativa especializada, no sentido de exigir algum tipo de competência própria ao modo. A entrevista, técnica utilizada para gerar os dados desta pesquisa, situa-se dentro da comunicação informal, conforme mostra o quadro 1 a seguir:

Quadro 2 – Modos e meios

Meio-modo	Informal	Formal
Texto	Entrevistas	Jornal, programas de rádio
Imagem	Desenhos de crianças Rabiscos feitos ao telefonar	Quadros Fotografias
Sons	Cantos espontâneos Cenários sonoros	Escritos musicais Rituais sonoros
Relatos “distorcidos” “falsos” ou encenados	Ruídos estratégicos	Afirmações falsas sobre uma representação

Fonte: Adaptado de Bauer, Gaskell & Allum (2007, p. 21).

Os dados informais são gerados, tendo em vista a ênfase ao conteúdo das falas a respeito do tema tratado, sem considerar as regras de competência e capacidade de escrever um texto ou ação comunicativa formal (Bauer, Gaskell; Allum, 2007).

A escolha dos participantes de pesquisa é feita a partir dos objetivos, no sentido de registrar dados que melhor representam o tema que se queira pesquisar (Bauer, Arts, 2007). Em consonância com estas discussões, faz-se pertinente delimitar a triangulação desta pesquisa. Sobre tal, Magalhães (2006, p. 185 *apud* Bessa 2007, p. 75) reafirma a triangulação como fator de validação da interpretação do pesquisador; ela nada mais é que “a combinação de diferentes tipos de amostragens”. Assim, a prática de triangulação contribui para a sustentação das análises (Bessa, 2007, p. 125).

A amostragem pode ser organizada em diferentes gêneros ou separadas de diversas maneiras em um único gênero. Por exemplo, a triangulação nesta pesquisa é entre os seguintes participantes: comerciantes, moradores da cidade, estudantes e transeuntes.

Pretende-se identificar compreensões atribuídas por tais participantes ao problema, possibilitando compreender perspectivas das pessoas entrevistadas em relação aos cidadãos e às cidadãs em situação de rua. Desse modo, por meio desta pesquisa, será possível perceber representações da realidade social nos discursos, com foco, como dito, na percepção de como o tema é tratado. Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 33), consideram que “o método desenvolvido pela ADC se situa na tradição da pesquisa qualitativa, em virtude do foco na análise detalhada de textos e discursos”.

4.4 ENTREVISTAS

Por meio da entrevista qualitativa é possível que se tenha acesso a aspectos do contexto de vida dos entrevistados, pois espera-se que o meio social em que essas pessoas estão apareça representado nas descrições. Segundo Bauer, Gaskell e Allum (2007, p. 67), “A entrevista qualitativa fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação”. No que se refere à preparação ao planejamento das entrevistas, é indicado que toda a investigação esteja guiada por um referencial teórico e conceitual. Nesta perspectiva, dois aspectos centrais se apresentam como essenciais antes de realizar qualquer forma de entrevista: a especificação do tópico guia e a seleção dos entrevistados (Bauer; Gaskell; Allum, 2007).

O método de geração de dados desta pesquisa é a entrevista semiestruturada, citada por Flick (2009) como semipadronizada; é aquela que dá acesso à opinião subjetiva dos entrevistados por meio de perguntas abertas e traz em sua estrutura questões ligadas às hipóteses e às questões de pesquisa de acordo o assunto tratado (Flick, 2009, p. 196). Dessa forma, a entrevista semiestruturada concede mais liberdade para o/a entrevistado/a. Por isso, a preparação e o planejamento dessas entrevistas são importantes para manter o tom de uma conversa comum, um simples diálogo/interação sobre o tema pesquisado. A técnica de *rapport* visa minimizar relações de poder entre o/a pesquisador/a e a pessoa entrevistada no momento de condução das entrevistas. Por exemplo, recomenda-se que o entrevistador se

sente ao lado do entrevistado na sua mesma posição. Isso contribui para viabilização de uma conversa menos tensa. As perguntas abertas são formuladas de forma a evitar respostas “sim” e “não”, além da definição de tópicos guias que são previamente elaborados em conformidade com as orientações de Gaskell (2007).

Quanto à seleção dos entrevistados, entende-se que “o pesquisador necessitará levar em consideração como este meio social pode ser segmentado com relação ao tema” (Bauer, Gaskell; Allum, 2007, p. 68). Assim, as entrevistas foram realizadas com oito pessoas que não estavam vivendo em situação de rua: dois comerciantes; dois moradores da cidade; dois estudantes; dois transeuntes. Para melhor atendimento dos objetivos propostos, foram entrevistadas pessoas que tinham entre 18 e 50 anos e que tinham suas rotinas nas proximidades dos lugares em que há a presença de pessoas em situação de rua no município.

Para garantir a participação dos entrevistados, os objetivos da pesquisa e a contribuição essencial dos participantes foram comunicados de maneira clara, enfatizando como suas experiências e perspectivas seriam fundamentais para abordar as questões em análise. Os participantes foram referenciados por pseudônimos para preservar a identidade, assegurando privacidade e confidencialidade. Ademais, buscou-se estabelecer relações de confiança, evidenciando empatia, respeito e sensibilidade em relação às experiências individuais dos participantes.

Considera-se que o tópico guia (roteiro de entrevista) é uma ferramenta relevante para realização das entrevistas e é por conta disso que é um dos destaques nesta seção. A elaboração das perguntas a serem feitas no momento das entrevistas precisa ter em vista os objetivos de pesquisa, observando as peculiaridades do campo de pesquisa e dos participantes ali inseridos. Uma linguagem apropriada, com interação adequada subsidia a geração de dados.

A pesquisa incluiu um conjunto de questões que serão utilizadas durante as entrevistas:

Quadro 3 – Roteiro de entrevista²⁵

- 1- *Você já observou se aqui em Teixeira de Freitas tem pessoas que vivem nas ruas? Que dormem nas ruas? Conte um pouco sobre isso.
- 2- *Se você precisasse explicar para alguém que não tem conhecimento dessa circunstância que acontece no país, como explicaria?
- 3- Como seria uma sociedade sem esse problema?
- 4- *Por que esse problema existe?
- 5- Quais são os motivos que você considera que levam um indivíduo a recorrer a rua como local de sobrevivência?
- 6- Como é a rotina dessas pessoas nas ruas?
- 7- *Essas pessoas, geralmente elas são daqui ou elas vêm de outro lugar?
- 8- Elas costumam ficar onde na cidade?
- 9- O que elas mais fazem nas ruas?
- 10- Essa é uma situação comum hoje em dia?
- 11- E quanto você acha que é a renda mensal dessas pessoas?
- 12- Você acha que a falta de emprego impacta a renda dessas pessoas? Por quê?
- 13- *Como é que você se sente quando vê essas pessoas?
- 14- *Essa circunstância, as pessoas vivendo desse jeito, a/o senhora/ acha que começou quando?
- 15- Qual seria a solução para essa questão?
- 16- Quem deveria fazer isso?
- 17- *Esse assunto é abordado pelos meios de comunicação? Internet, rádio, TV? Como é abordado?
- 18- E a administração pública, o governo, prestam assistência a essas pessoas? Se sim, qual (is)?
- 19- Você acha que essas pessoas têm direitos assegurados? Se não, quais são as consequências disso na sua opinião?
- 20- Existe preconceito contra elas? Por quê?
- 21- Se sim, como podemos combater isso?
- 22- O que você espera do futuro como pessoa?
- 23- *Há algo a mais que você queira falar sobre esse assunto? Comentar mais alguma coisa? Algo que eu não abordei?

Fonte: Autoria própria.

Este trabalho foi desenvolvido com base em um projeto específico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UNEB. O trabalho produzido a partir desta pesquisa utilizou dados obtidos de pessoas, logo, foi necessário submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP/UNEB²⁶, que o aprovou (Certificado de aprovação: 66286722.0.0000.0057).

²⁵ O símbolo asterisco (*) indica as questões empregadas por Bessa (2009) em seu estudo.

²⁶ Com base nas Resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) / Ministério da Saúde (MS).

4.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Conforme já apresentado, esta pesquisa faz uso da abordagem dialético-relacional de Norman Fairclough, situada dentro da ADC, portanto os conceitos teóricos trabalhados centram-se nesta abordagem. O estudo linguístico-discursivo realizado torna-se fundamental para a escolha de procedimentos teóricos e metodológicos de pesquisa. A teoria não só orienta a formulação de questões de pesquisa, seleção, coleta e análise de dados, mas também representa questões previamente empregadas por Bessa (2009) em seu estudo (Wodak; Meyer, 2016, p. 14).

Fairclough (2016, p. 91) sugere um passo a passo metodológico que pode ser aplicado de forma geral à versão dialético-relacional da ADC, tendo em vista a sua interdisciplinaridade social. Os métodos são escolhidos pelo “objeto de investigação”. Não se trata de aplicar métodos de forma isolada, mas de considerar os aspectos metodológicos associados aos teóricos, uma vez que todo método resulta de um conjunto de proposições teóricas. Apesar de apresentar uma metodologia geral da ADC, o autor discute que outros métodos específicos podem ser usados.

As sugestões de passo a passo propostas por Fairclough (2016, p. 91-95) autor são compostas pelas seguintes etapas:

Etapa 1: Foco no problema social, em seus aspectos semióticos.

Etapa 2: Identificar os obstáculos para resolução do problema social.

Etapa 3: Compreender se a ordem social “precisa” do problema social.

Etapa 4: Identificar possíveis formas de superar os obstáculos.

Sobre a etapa 1, é crucial ter clareza de que a ADC é uma versão de estudo de análise social crítica que busca compreender com mais acuidade o que permite que problemas sociais existam. De acordo com Fairclough (2016), os problemas sociais envolvem sistemas, formas

ou ordens que afetam o bem-estar social. Uma forma de modificação seria a solução do problema social ou a sua própria eliminação. Isso requer mudanças grandes nos sistemas, formas e ordens. Algumas das problemáticas sociais enfrentadas são: pobreza, desigualdade e racismo (Fairclough, 2016, p. 92).

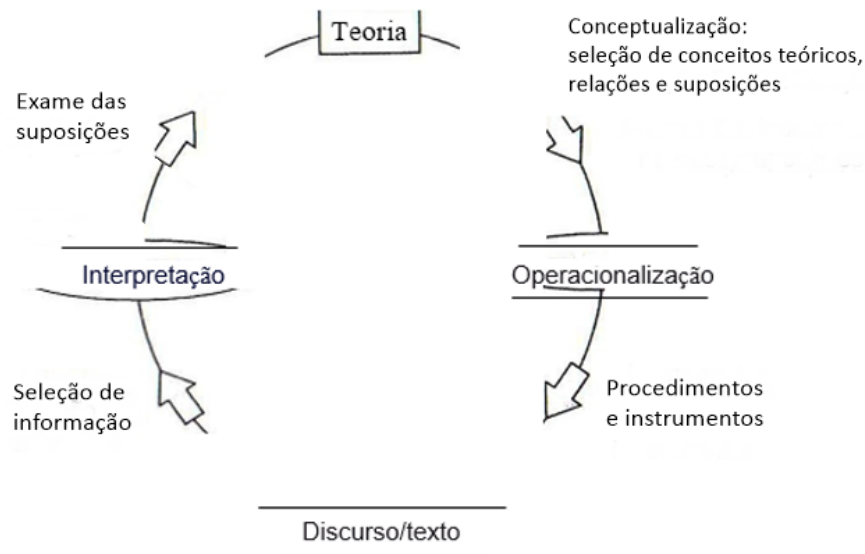
Sendo assim, é indicado que os tópicos de investigação sejam relevantes para a problemática tratada pela pesquisa e que permitam, de maneira produtiva e transdisciplinar, analisar relações dialéticas entre a semiose e os outros elementos das práticas sociais. Dentro desta etapa, o segundo passo é elaborar os tópicos de pesquisa de acordo com o tema, teorizando-os de forma transdisciplinar.

É relevante considerar, na etapa 2, quais são os fatores que dificultam o combate ao problema social, sendo que uma das formas de tratar sobre isso é pela análise de aspectos semióticos. Nesta etapa, verificamos três passos. No primeiro, as relações dialéticas entre semiose e os elementos sociais, envolve discursos, práticas, textos e eventos. O seguinte diz respeito à escolha de textos e categorias adequadas para análise, de acordo com o tema de pesquisa. O último passo é referente à análise linguística dos textos.

Na etapa 3, é analisado se a ordem social é mantida a partir da problemática social. Na etapa 4, podem ser indicadas formas de superar o problema. Os empecilhos para a solução são questionados em aspectos semióticos, o que incluiria uma crítica aos discursos hegemônicos (Fairclough, 2016, p. 94-95).

Esta pesquisa se constitui no movimento estabelecido entre procedimentos teóricos e metodológicos esclarecidos a partir da Figura 9 a seguir:

Figura 9 – Estudos Críticos do Discurso como um processo



Fonte: Wodak & Meyer (2016, p. 14)

É importante notar que, nas pesquisas sociais, teorias, métodos e análises se inter-relacionam. Isso significa que qualquer mudança em uma dessas unidades, tem efeito nas outras. Como é demonstrado na figura, o processo de análise tem como ponto de partida o discurso/texto, que é o próprio conjunto de dados, seguido pela seleção de informação; isso implica, basicamente, na seleção de partes do conjunto de dados.

Suposições podem ser levantadas antes mesmo de consulta à teoria. Na parte do processo que envolve teoria está a conceptualização, seleção tanto de conceitos teóricos quanto das suposições levantadas previamente. Podemos dizer que estas unidades são associadas pela operacionalização. Para Wodak e Meyer (2016, p. 16), a operacionalização influi de maneira considerável na validade, bem como na auditabilidade, além da justificativa da pesquisa qualitativa e quantitativa. Este movimento também envolve os procedimentos e instrumentos utilizados na pesquisa que foram relevantes não só para geração dos dados, mas também para análise. A exemplo da validação dos dados.

O método analítico desta pesquisa também inclui a utilização de categorias de análise, conforme já apresentado. Portanto, na operacionalização, conceitos teóricos e categorias são

mobilizados. As categorias foram: gênero discursivo, intertextualidade, interdiscursividade, significado das palavras e representação de agentes sociais.

Após a realização das entrevistas, foi realizada a transcrição. Nas pesquisas sociais e linguísticas, há diferentes tipos de transcrições. Algumas são complexas, que levam em consideração os aspectos mais minuciosos do *corpus* analisado, outras têm como parâmetro apenas algumas marcas básicas de transcrição. O foco no conteúdo das falas dispensa normas complexas de transcrição. Considerando que a ênfase foi dada ao que os participantes de pesquisa falaram sobre o tema de pesquisa, as seguintes convenções do Quadro 2, para a transcrição dos dados, foram suficientes para realização deste procedimento:

Quadro 4 – Convenções de transcrição²⁷

Símbolo	Correspondência
/	Interrupção no fluxo da fala
...	Pausa na fala
[]	Fala simultânea
Letra maiúscula	Ênfase
Entre hifens	Repetição ligeira
Número	Turno de fala

Fonte: Magalhães (2000); Sarangi (2010 *apud* Argenta, 2018, p. 77)

Estas convenções contribuíram para estruturação da transcrição das entrevistas, de modo que as gravações feitas foram analisadas a partir do texto digitado. Após a transcrição, o próximo passo refere-se à leitura e releitura dessas transcrições, no intuito de separar unidades linguístico-discursivas da transcrição, visando as questões e os objetivos de pesquisa (Bauer; Gaskell, 2007).

No início desta seção discutimos sobre a abordagem dessa pesquisa que é qualitativa, objetivos e procedimentos adotados consistem em uma pesquisa de campo. Na primeira subseção, foi discutido a natureza qualitativa do método empregado. Em seguida foram detalhados os procedimentos para a construção e delimitação do *corpus*, que incluem a geração de dados por meio de entrevista semiestruturada, bem como o contexto da pesquisa.

²⁷ Estas mesmas convenções de transcrição foram utilizadas por Argenta (2018).

Por fim, a última subseção abordou a metodologia de análise dos dados, enfatizando o uso de categorias de análise.

Na próxima seção será feita uma recapitulação sobre a geração de dados e o relato de como ocorreu a pesquisa de campo. A leitura dos dados teve o intuito de responder as questões e os objetivos de pesquisa. Após apresentação sintética do conteúdo das entrevistas, utilizamos categorias analíticas, também observando perspectivas ideológicas, de forma a indicar as relações dialéticas entre as semioses e outros elementos das práticas sociais.

5 ANÁLISES

Alinhado aos objetivos de pesquisa, esta seção destina-se à análise e à discussão dos dados. Inicialmente, será fornecida uma descrição do procedimento utilizado para gerar os dados, abrangendo observações feitas durante as entrevistas. Também serão apresentadas justificativas para as escolhas metodológicas realizadas ao longo do presente estudo. Nas subseções subsequentes, cada categoria linguística será aplicada às entrevistas considerando o contexto social em que os dados estão inseridos. Além disso, será observada a ideologia, compreendendo como ela opera e como se manifesta nos dados, seguindo a proposta de Thompson (2011).

5.1 ENTREVISTAS

O processo para efetuar as entrevistas foi bastante extenso, devido aos procedimentos necessários antes da sua realização (uma vez que a metodologia envolvia a entrevista com seres humanos). Foi preciso submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNEB, juntamente com os documentos necessários e o envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice A). Com todos esses elementos preparados, a proposta de pesquisa foi submetida por meio da *Plataforma Brasil*²⁸ em 22 de dezembro de 2022 e aprovado em 27 de fevereiro de 2023 (a seção 3 registra mais detalhes).

Com o tópico guia das entrevistas parcialmente desenvolvido, o próximo passo consistiu em formular mais perguntas alinhadas aos objetivos da pesquisa. Essa etapa envolveu um processo de elaboração e de revisão contínuo, na literatura e em reuniões com o orientador. A reflexão sobre quais perguntas utilizar, com o intuito de evitar pressuposições, demandou um período significativo de tempo. Durante essa fase, foram conduzidas entrevistas-piloto, inicialmente com pessoas do círculo familiar e amigos, funcionando como um teste que possibilitou aprimorar tanto as perguntas quanto a minha postura como pesquisador durante as interlocuções.

²⁸ A Plataforma Brasil é uma base nacional de registros de pesquisas que envolvem seres humanos, oferecendo suporte para submissão de dados e acompanhamento durante todo o processo, até a aprovação final pelos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) e/ou pela Conep.

Posteriormente, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com os participantes da pesquisa, que incluíam comerciantes, moradores da cidade, estudantes e transeuntes. As interações com os comerciantes ocorreram em seus locais de trabalho. Para iniciar, ocorria uma conversa sobre a proposta, como demonstrado a seguir no Quadro 5:

Quadro 5 – Roteiro de abordagem inicial com os participantes da pesquisa

1. Olá, bom dia!

Sou estudante da UNEB, Universidade do Estado da Bahia, estou realizando minha pesquisa de mestrado e gostaria de saber se a(o) senhora(o) poderia disponibilizar um tempo para me ajudar, participando da pesquisa.

Fonte: Elaboração própria.

Após obter a concordância da pessoa, foi dada continuidade a conversa explicando que estava conduzindo uma entrevista como parte de um trabalho com o objetivo de obter a opinião da população sobre aqueles conhecidos como “moradores de rua”. Além disso, esclareci os procedimentos burocráticos, incluindo a gravação da entrevista, garantindo o sigilo do participante e a necessidade de ler e de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que a UNEB tivesse a certeza da realização da entrevista. Em seguida, foi iniciada a gravação e a entrevista.

Todos os participantes foram entrevistados em diferentes locais, sendo que os moradores da cidade foram abordados em suas residências, próximas a áreas frequentadas por pessoas em situação de rua; os transeuntes em áreas centrais (rua e praça) e os estudantes em locais próximos às universidades e faculdades.

Os áudios gravados foram transcritos após cada interlocução para possibilitar uma análise detalhada da dinâmica da conversa. Durante a formulação de perguntas, foi evitada a repetição questões já respondidas e todo o conteúdo que não estava alinhado com os objetivos de pesquisa foi omitido. Além disso, foram removidas informações que pudessem identificar os participantes ou qualquer instituição, garantindo que nada fosse dito durante a entrevista que limitasse a expressão livre.

5.1.1 Gênero discursivo

O gênero entrevista, de acordo com Fairclough (2010), apresenta formas semióticas de ações e de interações, o que implica que a entrevista pode desencadear ações relacionadas ao tema em discussão e proporcionar a interação semiótica entre diversos agentes sociais da sociedade civil, governos e instituições públicas ou privadas. A variedade de tipos de entrevistas reflete a diversidade de práticas sociais (Fairclough, 2003). Os inquéritos realizados para o presente estudo se inserem nas práticas sociais associadas à pesquisa qualitativa.

As características fundamentais da entrevista incluem os aspectos abstratos e estruturais do gênero. No que diz respeito aos aspectos abstratos, Fairclough (2003) sugere que é viável definir esses elementos em diversos níveis de abstração, utilizando a análise de pré-gêneros como um enfoque. No contexto do gênero entrevista, a conversação é identificada como o principal pré-gênero, seguido pela narrativa de eventos. Em relação aos aspectos estruturais, é possível identificar partes que compreendem desde a abertura até o encerramento da entrevista. O resumo desses elementos é apresentado no Quadro 6 a seguir:

Quadro 6 – Entrevista semiestruturada (características e estrutura)

Entrevista semiestruturada	
Características abstratas	<ul style="list-style-type: none"> – Conversas não tensas; – Informalidade; – Linguagem adequada ao/à participante; – Um tema central; – Reflexão/investigação; – Estabelecimento de confiança; – Perguntas abertas; – Utilização de pseudônimos.
Estrutura textual	<ul style="list-style-type: none"> – Abertura da entrevista; – Perguntas; – Respostas; – Comentários; – Explicações; – Encerramento da entrevista.

Fonte: Bessa (2009, p. 181).

Dada a finalidade da entrevista semiestruturada, que busca facilitar o acesso rápido à informação por meio de um diálogo mais informal, é recomendável evitar perguntas que exijam exposições detalhadas e padronizadas. Nesse contexto, destacam-se a preferência pela informalidade e uma linguagem adequada ao participante. A presença do *tema central* e da *reflexão/investigação* é essencial para explorar outros elementos das práticas sociais e das ordens do discurso relacionadas ao tema da problemática da situação de rua, nesta pesquisa. Optou-se pelo uso de pseudônimos pela necessidade de proteger a identidade dos participantes da pesquisa, garantindo sua privacidade e confidencialidade.

No que diz respeito aos elementos estruturais do gênero, as perguntas e respostas são facilitadas por meio dos turnos de fala, que podem seguir diferentes formas, como uma ordem sequencial de turnos, tomada de turnos ou turnos simultâneos. Como pode ser visto no trecho abaixo:

Pesquisador: É... você já observou se aqui em Teixeira de Freitas têm pessoas que vivem nas ruas? Que dormem nas ruas? Conte um pouco sobre isso.

Maria: Olha... no momento, éé, é o que a gente tá mais vendo, né? Na nossa cidade de TEIXEIRA DE FREITAS, uma cidade né, que tá crescendo muito, mais em termo... é, dessa questão aí, éé, tá crescendo muitas pessoas moradoras de rua na cidade.

Essas dinâmicas possibilitam comentários e questionamentos por parte do participante em relação à pesquisa, bem como explicações adicionais do pesquisador sobre tópicos não compreendidos (Bessa, 2009). A produção do gênero entrevista para pesquisa demanda gravação em áudio, permitindo sua reprodução em formatos verbais sonoros ou sua transcrição para o formato textual.

Nas exposições, argumentações, questionamentos, inferências e reflexões aprofundadas sobre a temática, identificam-se elementos que estão relacionados a uma cadeia de gêneros, como se pode observar no quadro 7.

Quadro 7 – Cadeia de gêneros

Cadeia de gêneros	<ul style="list-style-type: none"> – Notícias – Leis – Conversas – <i>Podcasts</i> – <i>Lives</i> – Reportagens – Roteiro da entrevista
-------------------	--

Fonte: Adaptado de Bessa (2009, p. 182).

O gênero em foco, a entrevista semiestruturada, pode se manifestar em diversos formatos e estilos, incluindo relatos narrados pelos próprios participantes, informações e notícias provenientes da mídia. As leis são mencionadas quando os participantes expressam conhecimento sobre elas e compreendem que as normas asseguram direitos às pessoas em situação de rua. Como aparece na fala de José (Anexo – E), ao responder se essas pessoas têm seus direitos garantidos ou não: “Tem, a constituição federal dá direito que todo brasileiro deve ter sua renda própria, né? Ter seu trabalho, sua casa, sua alimentação, né? Poderia sim ser dessa forma, entendeu?”. Durante as entrevistas, os participantes compartilham

informações e discutem os tópicos abordados, enquanto o roteiro da entrevista, alinhado com os objetivos da pesquisa, serve como uma base para a exposição das perguntas.

Diferentes gêneros que incorporam entrevistas, como *podcasts* e *lives*, são citados como exemplos, representando formas modernas de mídia que também envolvem a troca de informações e diálogos. Questões apresentadas em reportagens são mencionadas durante as entrevistas.

No âmbito da atividade, a entrevista é o momento em que o participante ouve, compreende e responde às perguntas, enquanto o entrevistador apresenta questionamentos alinhados aos objetivos da pesquisa. Ambos os participantes desempenham papéis ativos na mesma atividade, engajados à temática abordada.

Considerando que o momento da entrevista constitui uma forma de comunicação entre pessoas inseridas em um contexto social, é evidente que elas interagem de maneiras que refletem diversas relações sociais. De acordo com Fairclough (2003), tais relações podem ocorrer entre organizações, grupos ou indivíduos. Nas entrevistas realizadas, as relações sociais abrangiam os comerciantes como agentes sociais associados a uma empresa, os moradores da cidade como membros de uma comunidade local, os estudantes vinculados às suas instituições de ensino e os demais participantes como indivíduos que se relacionavam comigo não apenas como pesquisador da Universidade do Estado da Bahia, mas também como estudante. Fairclough (2003) sugere que, nesse contexto, pode haver uma hierarquia social na qual as organizações exercem poder sobre os indivíduos, destacando a importância de mitigar essa hierarquia e de reduzir as distâncias sociais durante as interações.

A diferenciação entre gêneros também é estabelecida por meio das tecnologias de comunicação, apresentando-se em duas formas: comunicação bidirecional *versus* comunicação unidirecional, ambas podendo ser mediadas ou não mediadas. As quatro possibilidades decorrentes dessas formas estão delineadas a seguir:

Quadro 8 – Comunicação bidirecional e unidirecional

Bidirecional	Não mediada: conversação face a face
Bidirecional	Mediada: telefone, <i>e-mail</i> , vídeo conferência
Unidirecional	Não mediada: leitura <i>etc.</i>
Unidirecional	Mediada: impresso, rádio, televisão, internet, filme

Fonte: Fairclough (2003, p. 87).

O gênero entrevista, conforme realizado nesta pesquisa, é caracterizado como bidirecional, uma vez que envolve a interação entre duas pessoas. é importante notar que o gênero entrevista passou por várias transformações ao longo do tempo e atualmente está incorporado nos *podcasts*, que utilizam uma gama mais ampla de tecnologias de comunicação, como rádio e celular, além de recursos de informação disponíveis na *internet*.

O gênero discursivo entrevista, da forma que está posto, possibilitou aos entrevistados apresentar aspectos semióticos do problema, sobretudo aqueles relacionados aos discursos hegemônicos que tendem a sustentar um tipo de ideologia que servem aos interesses do poder. Os pormenores dessa análise serão discutidos por meio do emprego das demais categorias das outras categorias delineadas nas seções subsequentes.

5.1.2 Representação de agentes sociais

A análise da categoria da representação de agentes sociais está fundamentada no estudo de van Leeuwen (1997), que constrói um inventário sócio-semântico que mostram as representações de agentes e que aponta a sua relevância sociológica e crítica. A seguir, examinamos os dados da pesquisa; serão discutidas as representações encontradas nas formas de generalização, nomeação e categorização.

a) generalização: autoridades, órgãos públicos, governos e políticos:

“Eu acho que a gente tem que, tem que juntar... as autoridades, os governantes, as pessoas tentar chegar em consenso pelo menos na nossa cidade” (Moradora da cidade – Anexo F). Camila fez esse comentário ao ser questionada sobre como seria uma sociedade

sem a problemática da situação de rua. Após dizer que seria uma sociedade bem melhor, apontou, de forma genérica, *autoridades e governantes* como fundamentais para a solução do problema. Van Leeuwen (1997, p. 190) indica a escolha por referência genérica ou específica como uma forma de representação, em que diferentes setores escolhem tanto generalizar quanto especificar os indivíduos. Maria usa a mesma linguagem genérica para dizer que a situação de rua “é de responsabilidade dos órgãos públicos” (Comerciante – Anexo A) e também José (Morador da cidade – Anexo E), ao dizer que “os governos deveriam resolver o problema”.

Com base nisso, é possível questionar: de quais autoridades esses entrevistados estão falando? Quem são esses órgãos públicos? Tal questionamento surge devido às representações genéricas. Quais são esses governos? Certamente, aqueles que foram eleitos e que estão cumprindo seus mandatos. Mas quem foi eleito? São todos os eleitos ou são alguns? A generalização, aqui, abre espaço para diversos outros aspectos relevantes e necessários de especificação quando se trata da solução de um problema complexo. Veem-se indícios de que há pessoas que não têm ideia de como esse processo deve ser conduzido no campo político e quais são os setores competentes que se articulariam para isso.

Nas entrevistas, os agentes sociais vinculados ao Estado (aos poderes, aos órgãos e ao governo) são, em sua maioria, generalizados, o que demonstra que foram tratados de forma distanciada nos comentários sobre a situação. Maria (Comerciante – Anexo A) comenta: “os órgãos públicos deveriam ver isso aí, porque, na hora que eles vêm pedir voto pra gente, né?”. Juliana (Transeunte – Anexo C) também expõe: “E... o governo, o Estado tem que passar mais a observar que tem muita gente passando fome, necessidade mesmo, que às vezes não tem condições, onde morar”. De acordo com Sarmiento (2020), é possível discernir que a falta de concretização dos direitos é o que impede que a ação do Estado seja efetiva, uma vez que os direitos das pessoas em relação à moradia, à educação e ao emprego devem estar presentes na vida das pessoas e não apenas como uma determinação legal ou normativa.

Nesse contexto, é relevante ressaltar a percepção do distanciamento potencial entre o Estado e a população, especialmente no que diz respeito à questão da situação de rua e às políticas públicas relacionadas a esse grupo. A falta de conhecimento por parte das pessoas sobre as políticas públicas existentes e aquelas que deveriam ser implementadas pode sugerir a existência de uma abordagem superficial por parte do governo em relação a essas questões. Preocupa a aproximação do poder público com possíveis práticas de expulsão de praças. Francisco (Transeunte – Anexo D) refere-se ao fato de não ver mais pessoas em situação de

rua nas proximidades da praça após a inauguração da Rua *Gourmet* na Praça da Bíblia: “cabe às autoridades tomar providência, como já estão tomando, né? Por exemplo, aqui mesmo eles não tão vindo mais não”.

b) nomeação: Edson Arantes do Nascimento (Pelé) e Luiz Inácio Lula da Silva;

Van Leeuwen (1997) aponta que a nomeação de agentes sociais em textos é relevante devido ao agente estar diretamente representado por uma identidade única. As pessoas podem ser nomeadas ou não de acordo com o que se quer dizer (pelo nome ou apelido). As nomeações foram poucas nas entrevistas, aparecendo apenas nas falas de dois entrevistados. Pedro (Comerciante – Anexo B) menciona o apelido Pelé, com referência a Edson Arantes do Nascimento, ao comentar sobre um apelo feito pelo jogador para que as pessoas zelassem pelas crianças:

Rapaz, aí... não vai ter solução não. Eu lembro uma vez que eu tava com dezessete anos, Edson Arantes do Nascimento, Pelé, foi criticado, só faltou prender ele, uma vez, que ele falou que: gente cuida das nossas crianças que quando chegar, quando tiver com trinta ano, esse país vai ser demolido. Ninguém tomava conta de nada... / todo mundo, eu lembro daqueles jornalistas, só falava mal, quando diz que Pelé só falava besteira, cuida das nossas crianças, quem é que cuida hoje meu Deus?![...].

A fala foi proferida por Pelé em resposta à situação de desigualdade social que o país enfrentava após marcar seu milésimo gol. Pedro retoma esse fato, dizendo que Pelé previu o Brasil de hoje, para comentar sobre a situação de rua, dizendo que o Brasil já chegou em um estado de calamidade.

Luiz Inácio Lula da Silva é identificado como *Lula*²⁹ na fala de Francisco (Transeunte – Anexo D):

eu espero que as autoridades competentes procurem melhorar mais as coisas, né? Principalmente os políticos, que eles só pensam neles, quanto mais eles têm, mais eles quer. Um exemplo aí, de Lula, por exemplo, né? Foi até preso, hoje é um presidente [...].

²⁹ Lula era apelido, mas agora é oficialmente um dos sobrenomes.

Ao ser indagado sobre o que espera do futuro, Francisco afirma que espera que as autoridades tragam melhorias para o país, já que, em sua opinião, os políticos se concentram apenas em seus próprios interesses.

c) categorização: segurança, prefeito, governador.

A categorização é determinada pela função exercida, podendo ser realizada de duas maneiras: funcionalização ou identificação. Todas as categorizações identificadas nas entrevistas foram por funcionalização. De acordo com van Leeuwen (1997, p. 202), a funcionalização ocorre quando os agentes sociais são descritos como realizando alguma atividade ou exercendo algum cargo ou função, por exemplo.

Os agentes sociais funcionalizados foram inseridos na fala, uma vez que são indivíduos que estão no convívio dos participantes da pesquisa e fazem parte de seus contextos de vida. Maria (Comerciante – Anexo A) disse que a sua loja contratou um segurança particular para garantir que os clientes ficassem seguros. Ela disse que pessoas em situação de rua causaram problemas na entrada do estabelecimento. A respeito disso, ela comentou:

[...] têm um segurança ali porque tava muito / é... colocou porque tava muito... perigoso aqui, já tava até implicando com os clientes, entendeu? É... implicando com os clientes... sábado mesmo / a moradora de rua... ela quis agredir a cliente na porta porque estava chamando um Uber pra pegar ela aqui[...].

Esse cenário é crítico para clientes que frequentam a loja e também para pessoas em situação de rua, que não deixam de ser vítimas, primeiro do estado de vulnerabilidade e segundo do risco de dependência química que pode ter efeito sob seus comportamentos, reagindo de diversas formas seja pelo uso de álcool ou de outras substâncias psicoativas.

Outro ponto a ser considerado é a redução desses indivíduos a uma característica local de consumo de drogas lícitas e ilícitas, como se fosse a mesma circunstância em todos os casos. Muitas pessoas que passam e veem essa situação, por falta de conhecimento, podem pensar que essa prática é comum a todos, enquanto pesquisas comprovam que essa não é a realidade. A visibilidade restrita a eventos que envolvam violência física ou simbólica pode levar pessoas a pensarem que tais cidadãos desabrigados são todos iguais. As pessoas em situação de rua acabam ficando em situação desprivilegiada. Os clientes têm meios que os

garantirão entrar e sair da loja com segurança, mas quem garantirá aos desabrigados auxílio para que deixem de usar álcool e outras drogas? A questão é levar a população em geral a compreender que esse é um problema social, que, sob diversas formas, levou o indivíduo a esse estado.

Esse questionamento é possível porque esses indivíduos enfrentam dificuldades para receber cuidados adequados e necessitam de políticas e programas que facilitem seu acesso a tratamento e serviços de apoio. Podemos citar aqui o trabalho, por exemplo, do Centro de Pesquisa e Tratamento do Abuso de Drogas (CETAD), vinculado à Universidade Federal da Bahia (UFBA) e com o apoio do Governo do Estado da Bahia, dedicado a atendimento especializado de pessoas da cidade de Salvador-BA usuários de substâncias psicoativas. Teixeira de Freitas possui o Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas (CAPS AD), especializado também em saúde mental e dependência química. Voltando ao cerne da questão, dado o contexto urbano, a dificuldade reside no acesso a estas instituições, especialmente para as pessoas que vivem nas ruas, o que pode indicar uma falta de ação neste sentido.

As visões não são colocadas diante da realidade dos fatos, anuviando esse contexto e formando um tipo de ideologia. Como revela Thompson (2011, p. 83), os fatos podem ser negados, ocultados e encobertos como forma de dominação. Trata-se de uma série de ideias expressas por meio de formas simbólicas que tentam obscurecer a realidade apresentada. Sendo assim, algumas percepções sobre a situação de rua transcendem a realidade.

Outra categorização aparece na fala de um dos transeuntes entrevistados, Francisco (Transeunte – Anexo D): “Já, tem bastante. Ultimamente aqui na pracinha mesmo não tá tendo porque o prefeito deu uma reforma, né? Depois daquela área ali... da área gourmet, é... Rua Gourmet que é uma praça de alimentação”. Ainda em referência à suposta retirada dessas pessoas da Praça da Bíblia em datas próximas ao dia de inauguração da Rua *Gourmet*, Francisco cita o prefeito: “Sumiram daqui, eu não sei se o prefeito levou pra algum albergue aí, eu sei que eles sumiram, mas de vez em quando aparece um aí e tal, mas são umas pessoas que não prejudicam a gente, né?”.

A figura política “prefeito” é citada por supostamente estar envolvida em práticas inadequadas no que diz respeito à situação de rua, o que se mostra problemático em relação à sua função de administrar de forma mais apropriada os problemas da cidade.

O governador aparece na figura daquele que se mantém omissos à situação. Francisco (Transeunte – Anexo D), quando questionado se a administração pública e o governo prestam assistência às pessoas em situação de rua, diz:

Não, não, só das igreja que vem aí, dá alguma coisa pra eles comer, alguma sopinha, um café, entendeu? Já vi muito isso, o pessoal das igreja, agora... é... governador, prefeito, essas coisas, esse pessoal aí eu nunca vi ajudar, entendeu?

Contrastando com as suas funções, esses agentes são apontados como aqueles que se omitem em fornecer apoio estatal, por não terem uma ação direta na solução do problema, enquanto medidas que oferecem o mínimo são tomadas por outras instituições. Por outro lado, muitos desconhecem, por exemplo, o serviço do Centro POP, que é resultado de política pública de Estado.

5.1.3 Intertextualidade

Com base na análise da intertextualidade, perguntamos: quais textos e vozes estão presentes, quais não estão e por quê? Não se trata apenas de citações, mas sim de como os textos interagem e evoluem entre si. Isso inclui incorporação, recontextualização e diálogo, como afirmou Fairclough (2003, p. 17). Considerando a ideia de diálogo linguístico de Bakhtin, a intertextualidade depende fortemente desse diálogo. À luz disso, é importante explorar as diversas formas de intertextualidade que promovem o diálogo, como o relato direto, o relato indireto, o relato de atos de fala, o enunciado modalizado e o diálogo não modalizado. Além disso, a análise da intertextualidade inclui também pressupostos e ironia.

A utilização de relatos diretos foi escassa nas entrevistas, mesmo assim destacaremos presenças e ausências nos dados apresentados. A fala de Pedro (Comerciante – Anexo B) continha uma referência à fala direta do gênero indagando sobre a situação de sua cidade, com frases como: “e aí?” e “E aí, painho?”. Pedro fez um relato sobre a visita de seu gênero à região. Ele se manifestou chocado com a desorganização da área e fez uma pergunta, questionando se a situação permanecia inalterada: “Como é que tá sua cidade lá? Continua a

mesma?”. Pedro, ao citar o gênero, faz uma incorporação direta da linguagem coloquial e informal, que é típica de interações pessoais. Esse tipo de relato direto adiciona autenticidade à narrativa, proporcionando uma sensação de proximidade com as experiências e conversas cotidianas dos indivíduos entrevistados.

Na entrevista, foi referenciada uma pessoa em situação de rua que Pedro conhece bem e tem uma relação estreita. Pedro diz que sempre aconselha esse homem a mudar sua situação, mas o homem o rejeita, dizendo para ele não se intrometer em sua vida, pois está onde está por escolha própria e já vive assim há mais de vinte anos. Pedro também compartilha uma frase atribuída a Pelé, que, se não cuidarmos de nossos filhos, eles crescerão e verão nosso país destruído aos trinta anos – um exemplo de intertextualidade. Ao trazer a voz de uma figura pública e reconhecida como Pelé, a narrativa ganha uma dimensão simbólica e evoca um apelo emocional. A referência à preocupação com o futuro do país expressa por Pelé destaca a relevância e a gravidade do tema discutido, conectando a situação de rua a preocupações mais amplas.

A ausência de relatos diretos de figuras públicas e políticos que deveriam prestar assistência às pessoas em situação de rua pode ser significativa e trazer à tona várias interpretações. A primeira delas pode sugerir desinteresse ou desconexão por parte desses líderes em relação à situação de rua. Pode indicar uma lacuna na comunicação entre a população em situação de rua e as autoridades responsáveis por implementar políticas e programas sociais. Também pode refletir a falta de prioridade dada à problemática da situação de rua na agenda política. Se líderes políticos não abordam explicitamente o tema, isso pode indicar que a problemática não está recebendo a atenção necessária em termos de políticas públicas e investimentos. Essa ausência também pode sugerir um estigma em torno da situação de rua ou até mesmo uma negligência na abordagem desse problema. Políticos podem evitar falar sobre a questão devido a preocupações políticas, estigma social ou falta de vontade de enfrentar um problema complexo.

A mídia, de acordo com Camila (moradora da cidade – Anexo F), foca apenas na violência relacionada às pessoas em situação de rua e raramente discute a questão geral:

eu não vejo isso não, eu não vejo isso não! Pra falar verdade, só quando o morador de rua é... fura um, mata um ou deu facada ou apanhou, morreu, que aparece a notícia, eu não vejo não, sinceramente, pelo menos as páginas que eu vejo, não vejo não.

A observação de Camila sobre a apresentação estreita da violência nas reportagens televisivas destaca a influência da mídia na formação de perspectivas. Isso sugere que a abordagem midiática pode simplificar a complexidade do tema, potencialmente contribuindo para visões limitadas sobre as causas e as soluções para a violência nas ruas.

Wanderley Junior e Silva (2016, p. 68) enfatizam a necessidade de modificar a percepção coletiva sobre a falta de moradia como um perigo para a sociedade. Pelo contrário, os sem-abrigo devem ser vistos como pessoas que são frequentemente vítimas da própria sociedade.

5.1.4 Significado de palavras

É relevante analisar o significado das palavras, pois elas têm vários sentidos e podem estar lexicalizadas de diferentes maneiras. Como produtores, estamos fazendo escolhas, seja em relação à utilização de uma determinada palavra ou ao proferir um significado por meio dela. Fairclough (2001, p. 230) acrescenta que essas escolhas e decisões não são unicamente individuais: os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que estão sujeitas ao debate social e à contestação, além de serem facetas de processos sociais e culturais mais amplos. Vamos examinar algumas palavras de acordo com a perspectiva de Fairclough (2001) e abordaremos alguns aspectos considerados relevantes.

a) lixo social:

José, um morador da cidade – Anexo E, destacou uma percepção significativa sobre como a sociedade trata as pessoas em situação de rua ao afirmar: “Realmente se essas pessoas ficam na rua como lixo social, as pessoas descartam muito, há um certo preconceito”. A utilização das palavras *lixo* e *descartam* sugere uma metáfora que indica abandono sistemático e falta de acolhimento por parte da sociedade em relação a essa população. Essa escolha lexical feita por alguns, como afirma José (morador da cidade – Anexo E), também destaca a desvalorização que pessoas em situação de rua muitas vezes enfrentam, revelando a

falta de empatia e o preconceito que permeiam essa questão. Essa observação foi feita dentro de um contexto crítico a respeito desse uso.

O uso da expressão *lixo social* para se referir às pessoas em situação de rua envolve práticas sociais relacionadas às ações de estigmatização; desumaniza, reduzindo-as a um termo pejorativo que sugere, negativamente, falta de valor e de dignidade. O termo reforça uma visão que separa essas pessoas do restante da sociedade, contribuindo para o isolamento ao classificá-las como indesejáveis e perpetuando estereótipos negativos associados às pessoas em situação de rua, o que enfatiza a ideia de que são socialmente inaceitáveis. Além disso, cria-se uma polarização entre aqueles que são considerados socialmente aceitáveis e aqueles rotulados como *lixo social*, intensificando a divisão na sociedade.

Thompson (2011, p. 87) discute a fragmentação como um modo pelo qual a ideologia pode operar, destacando que relações de dominação podem ser sustentadas não pela unificação das pessoas em uma coletividade, mas pela segmentação de indivíduos e grupos que possam representar um desafio real aos grupos dominantes. Isso pode ser alcançado dirigindo forças de oposição potencial em direção a um alvo projetado como mau, perigoso ou ameaçador. Ainda de acordo com Thompson (2011, p. 87), uma estratégia comum de fragmentação é a diferenciação, que se refere à ênfase nas distinções e às diferenças e divisões entre pessoas e grupos, destacando as características que os separam.

A criminalização da situação de rua não apenas perpetua a hegemonia, mas também desvia o foco das políticas públicas necessárias para lidar com essa questão. Em vez de abordar as causas e fornecer apoio adequado, as ações governamentais muitas vezes se concentram em medidas de controle e até mesmo de extermínio dessa população. Esse desvio de atenção e recursos resulta em uma falta de soluções, além de constituir, sustentar e perpetuar tais discursos.

A declaração de José sugere que, embora as pessoas em situação de rua possam enfrentar abandono e isolamento, não devemos interpretar isso como uma exclusão total da sociedade, há um certo grau de abandono. Isso pode ser compreendido metaforicamente, sugerindo que, independentemente de haver negligência e isolamento em relação a esses indivíduos, eles ainda integram a sociedade. A ideia de objetificação pode surgir da tendência de alguns indivíduos em enxergar as pessoas em situação de rua como se estivessem à margem. É a ausência de apoio e o abandono que podem criar a ilusão de isolamento dessas pessoas da sociedade em geral.

Wanderley Junior e Silva (2016, p. 70) fazem uma reflexão acerca desse assunto que José abordou:

Despidos de sua condição humana e desconsiderados como pessoas, a população de rua sofre com o preconceito da maioria dos “cidadãos”, que os quer longe da cidade, vendo-os não como seres humanos, que necessitam de apoio, compreensão, solidariedade, mas como “coisas desagradáveis”.

Ao observar a situação de rua e perceber que as pessoas que se encontram nessa condição são tratadas como algo à parte da sociedade, nota-se ações de segregação e evidencia-se a tendência de muitos em considerá-las separadas do restante da comunidade. Isso revela uma atitude de querer eliminar a situação ao retirá-las dos espaços públicos, ao invés de resolver efetivamente as condições em que vivem. Embora essa percepção seja absurda, ela é lamentavelmente comum, sendo aceita de maneira implícita e até considerada natural quando as pessoas abordam o tema.

A palavra *lixo* pode ser interpretada no contexto de algo descartado por não ter mais utilidade ou valor, associando-se à ideia de que a pessoa em situação de rua é tratada como algo sem serventia, como se tivesse sido jogada fora. Essa comparação sugere uma forma de segregação dessas pessoas, embora essa visão seja inadequada e inapropriada, pois elas definitivamente não são lixo. A perspectiva predominante muitas vezes as enxerga como indivíduos não ativos na sociedade, uma vez que não se encaixam no ideal social que valoriza o trabalho, a obtenção de recursos e o consumo. Esse isolamento social impede que essas pessoas sejam consideradas como membros plenos da sociedade, negando-lhes o reconhecimento como seres humanos e, em alguns casos, como cidadãos, simplesmente porque não têm acesso suficiente a recursos para atender às expectativas sociais. Essa análise destaca a urgência de combater estereótipos e de promover uma visão mais inclusiva e respeitosa em relação às pessoas em situação de rua.

Em uma sociedade capitalista, a admiração por uma pessoa muitas vezes está ligada ao seu destaque social ou ao seu *status* em determinado nicho. Aqueles que não possuem essas características, especialmente os cidadãos em situação de rua, enfrentam o estigma e o desprezo. Na era pós-moderna, em que as pessoas dedicam a maior parte de seu tempo para atender às expectativas do sistema, muitas vezes voltadas para a acumulação de capital, a situação se resume a essa busca incessante por recursos. Nesse contexto, as pessoas em

situação de rua, que necessitam de assistência, encontram-se negligenciadas, principalmente devido à ausência de adequado suporte governamental e de parcerias efetivas com instituições particulares e filantrópicas. As consequências desse abandono incluem um aumento significativo do número de pessoas em situação de rua, alimentado pela inadequação de medidas paliativas e pela falta de políticas/ações adequadas do Estado, contribuindo para a persistência desse cenário desafiador.

O uso dessa expressão *lixo* pode influenciar atitudes sociais. As representações relativas ao uso do termo *lixo social* em determinadas práticas sociais, evidenciam a importância das escolhas lexicais na construção de significados e na formação de atitudes em relação a grupos vulneráveis. Combater essas práticas requer uma abordagem que promova empatia, inclusão e compreensão das complexidades que levam pessoas à situação de rua.

b) bicho;

A palavra *bicho* pode parecer surpreendente e causar espanto, especialmente porque denota algo que deve ser abordado com cautela. O termo pode ser empregado para descrever algo negativo, como quando uma criança percebe a presença de um inseto na sala e alerta: *papai, tem um bicho na sala!*, ou para expressar algo positivo, como em elogios, por exemplo, quando alguém diz: *muito bom, bicho!*. Esse lexema é parte integrante do vocabulário popular e é amplamente difundido na linguagem informal, assumindo inúmeras formas e contextos de uso.

É possível inferir que, apesar de as pessoas em situação de rua não serem diretamente chamadas de bicho por Camila (moradora da cidade – Anexo F), ela comentou: "Eu vejo uma rotina de bicho, não como ser humano normal, não vejo... é uma loucura [...]". Camila se expressa de forma negativa em relação esse grupo, descrevendo-o como tendo uma rotina que se assemelha a de um *bicho* e não a de um ser "humano normal". A comparação suscita questionamentos sobre o significado atribuído a tal palavra: seria uma referência a animais venenosos? A monstros? No contexto da frase, a compreensão de *bicho* sugere uma rotina considerada diferente da rotina habitual das demais pessoas, conforme indicado por sua afirmação: "não como ser humano normal". Essa análise destaca a ambiguidade da expressão *bicho* e ressalta a necessidade de questionar e de compreender melhor a conotação específica que está sendo transmitida, o que pode reforçar preconceitos e estereótipos negativos.

A estratégia de construção simbólica de ideologia chamada *diferenciação* (Thompson, 2011) é evidente na criação de uma divisão social. A categorização dessas pessoas em uma posição inferior perpetua uma distinção e reforça uma visão dicotômica da sociedade. Essa estratégia de diferenciação simbólica contribui para a estigmatização ao estabelecer uma hierarquia social que coloca as pessoas em situação de rua em uma posição de desvantagem e de inferioridade. Isso dificulta a compreensão das complexidades subjacentes à situação de rua e pode influenciar ações sociais e políticas.

O que fica claro é que as rotinas das pessoas em situação de rua são consideradas repulsivas devido às experiências que vivenciam nas ruas, sem recursos suficientes para garantir habitação e sobrevivência.

O compartilhamento do espaço público com essa população incomoda alguns indivíduos, apesar de ser uma experiência comum. Infelizmente, pouco foco é direcionado ao bem-estar deles ou em encontrar soluções efetivas para a situação.

A utilização da expressão *bicho* revela uma falta de empatia ao desconsiderar as complexidades das vidas das pessoas em situação de rua e ao não reconhecer as diversas razões que podem levar a essa condição. A análise de tal significado destaca a importância de promover uma linguagem mais inclusiva e respeitosa, evitando termos que desumanizam e estigmatizam, e fomentando uma interpretação mais compreensiva e empática em relação às vivências das pessoas em situação de rua.

c) capital;

O capitalismo é um sistema econômico no qual indivíduos e empresas possuem e operam os meios de produção. Isso significa que a produção e a distribuição de bens e de serviços são determinadas pela procura e pela oferta do mercado e não por uma autoridade central. No sistema capitalista, o lucro é o principal motor da atividade econômica e as empresas se esforçam em maximizá-lo, produzindo bens e serviços que sejam demandados e comercializando-os a preços que resultem em lucros significativos.

Marcos (Estudante – Anexo G) acredita que a solução para esse problema está na criação de projetos de geração de emprego e renda que possam atrair investimentos de pessoas com capital financeiro significativo ou influência política. Ele observa: "Eu acredito que políticas de distribuição de renda, de... melhores condições na educação onde consiga

inserir essas pessoas em um projeto de trabalho, perspectiva de melhores condições de vida [...]". Quanto às soluções políticas, o estudante prosseguiu dizendo que o Estado poderia implementar políticas econômicas para manter a equidade na distribuição de recursos e assim reduzir a pobreza.

A economia capitalista opera sob uma hierarquia de capital que serve como agente regulador. Essa estrutura hierárquica exerce grande influência sobre as leis e sobre aqueles que as aplicam. Infelizmente, isso conduz a uma distribuição desigual da riqueza, o que vai contra os princípios democráticos. Portanto, alguns indivíduos ganham uma quantidade desproporcional de riqueza, enquanto outros ficam com muito pouco. Tal panorama é identificável no atual sistema econômico neoliberal.

d) direito;

Na maioria das entrevistas, os participantes já mencionavam os direitos das pessoas em situação de rua antes mesmo de serem interrogados sobre o assunto, como é o caso de Ana (Estudante – Anexo H), quando aponta o direito à saúde mental como algo essencial para esse grupo. Ela diz: “É uma questão de saúde mental que deve ser tratada desde o início do ensino fundamental. É preciso ter acompanhamento para ver quem está mais precisando de fato seguir a linha de tratamento”. Da mesma forma, Marcos (Estudante – Anexo G) sinaliza que o direito existe somente no campo teórico e que tudo não passa de normativas que constam apenas no papel, ao afirmar que, “todas as pessoas, toda população teria, pelo menos no campo teórico seus direitos assegurados, agora se tem de fato, não acho que tem [...]”.

O termo *direito* pode oferecer clareza e precisão ao expressar a reivindicação de algo que é justo e legítimo. O seu uso destaca a noção de justiça e de equidade, enfatizando que as pessoas têm o direito de acessar determinados benefícios, serviços ou oportunidades. A sua utilização também pode empoderar um sujeito ao enfatizar que ele possui direitos inalienáveis e que merece ser tratado de maneira justa e igualitária.

Esse tipo de visão é algo positivo nesta pesquisa por mostrar que as pessoas reconhecem os direitos dos desabrigados e tratam a questão com criticidade ao mencionarem que o que está em lei, na maioria das vezes, não acontece na prática. Qualquer pessoa que confrontar as leis observará que elas não estão sendo adequadamente cumpridas.

O uso do termo está intrinsecamente ligado ao discurso dos direitos humanos, promovendo a ideia de que todos têm direitos inalienáveis, independentemente de sua condição. A palavra *direito* muitas vezes está relacionada a práticas sociais de advocacia e ativismo, buscando garantir o cumprimento dos direitos individuais e coletivos. Os artigos 5º e 6º da Constituição Federal de 1988 são pilares fundamentais que tratam dos direitos e deveres individuais e coletivos. Em suma, o uso do item lexical *direito* desempenha um papel fundamental na articulação de demandas por justiça e por equidade, embora seja importante considerar as nuances e as limitações associadas a essa abordagem.

e) ser de rua.

“Mas essa situação de ser de rua ninguém toma atitude não. Pelo menos aqui em Teixeira não estou vendo isso não”, comentou Maria (Comerciante – Anexo A) sobre a problemática na cidade. Ao utilizar a expressão *situação de ser de rua*, a entrevistada indica duas perspectivas. A primeira delas refere-se ao fato do problema ser transitório, uma situação passageira, sendo o termo mais adequado *situação de rua*, que se contrapõe a morar na rua e ao termo *morador de rua*. A segunda, de forma oposta à primeira, atribui à situação de rua um padrão de pensamento bastante incoerente, que tem como característica principal a permanência da situação. A pessoa não é “de rua”, isso implica a naturalização da condição, como se suas origens e raízes pertencessem à própria rua.

Sendo assim, o termo *morador de rua*, por vezes utilizado nas entrevistas, evoca uma questão abordada por estudiosos da área (Rosa, 2005; Bessa, 2009). A rua é um local apropriado para servir de moradia? Se não é adequado, logo não é uma moradia, não sendo possível ser morador de rua. A discussão acerca do termo também perpassa pelo sentido de situação fixa que a palavra *morar* emite, o que não condiz com a real problemática, que é apenas uma situação transitória que o indivíduo está vivendo e que pode ser revertida. O sentido de *morar* exprime a ideia de que a situação é imutável.

5.1.5 Interdiscursividade

Os discursos são considerados como formas semióticas de representar/construir aspectos do mundo, sejam eles físicos, sociais ou mentais (Fairclough, 2003, 2009). O aspecto interdiscursivo é a interação entre vários discursos dentro de um texto e cada um deles sempre está relacionado com outro. Nas entrevistas, foi possível identificar discursos que se alternaram em diferentes falas, posições e perspectivas, alguns com maior frequência, outros com menor frequência. Isso é relevante porque mostra aqueles que se tornam mais proeminentes nas redes de práticas sociais.

Houve discursos que se destacaram em todas as entrevistas, mas, devido à extensão do material, não será possível enumerar todos os trechos em que aparecem, separamos apenas aqueles de mais relevância. Os discursos mais recorrentes foram: discurso de escolha, discurso de individualidade, discurso de meritocracia, discurso do alcoolismo, discurso de dependência química, discurso de violência, discurso de mendicância e discurso de assistência. A seguir, os que apareceram com menor frequência: discurso econômico, discurso de colonização, discurso de informatização, discurso de educação, discurso de igualdade, discurso de direitos humanos, discurso de justiça social e discurso de empatia. Vamos discutir todos eles de forma mais detalhada nos tópicos seguintes.

a) discurso de escolha:

Frases clichês como *a vida é feita de escolhas* estão presentes no senso comum e fazem parte do imaginário social, colocando-nos como responsáveis por tudo o que acontece em nossas vidas, mas há fatores impostos.

Maria (Comerciante – Anexo A) traz o discurso de escolha ao mencionar que muitas dessas pessoas não querem ter compromisso, nem estudar e nem trabalhar, ao comentar que “muitas vezes, eles... é, o histórico familiar que eles têm na casa deles, né? Aí muitas vezes lá eles não querem ter compromisso, né?”. Pensar que a pessoa pode escolher sair ou não da rua, trabalhar ou não, é ignorar que certas situações serão determinadas por competências sociais, assim como por estruturas que dizem respeito às dinâmicas macrossociais e práticas microssociais. A situação de rua é uma questão crítica que afeta milhões de pessoas em todo o

mundo. É preciso entender que a falta de moradia é um problema complexo que muitas vezes é causado por uma combinação de fatores sociais, econômicos e pessoais.

Segundo Rodrigues e Fernandes (2020, p. 15) a busca por individualizar as pessoas em situação de rua obscurece a realidade de que a questão está mais relacionada à estrutura social, política e econômica da sociedade e à forma como essas estruturas sustentam e/ou controlam as assimetrias de poder, a distribuição de renda e as desigualdades. É importante salientar que as diversas literaturas que tratam da situação de rua mostram que essas pessoas passaram por diversas situações influenciadas por fatores socioeconômicos, logo, reduzir o tema a uma questão de escolha é uma maneira de demonstrar a falta de conhecimento sobre o assunto.

Isso é possível de ser compreendido quando, em uma sociedade capitalista, alguns têm mais dificuldades para obter o sustento necessário do que outros, principalmente se comparados pessoas em situação de pobreza a pessoas que vieram de famílias ricas e com estruturas mais favoráveis. A pobreza é sim um fator determinante na vida, uma vez que a falta de condições econômicas e sociais mínimas pode levar a pessoa a procurar a rua como lugar de sobrevivência, mas não necessariamente ela escolheu isso para a sua existência. Em alguns momentos, os participantes apresentaram um contraponto ao discurso de escolha, mesmo proferindo-o, como é o caso de Maria (Comerciante – Anexo A), que afirma: “Ó, muitas vezes as pessoas é por falta de oportunidade que não tem, né?”. Ela pensa nisso ao dizer que o seu primeiro emprego foi conseguido por indicação, o que explicaria porque algumas pessoas têm a oportunidade e outras não. Camila (Moradora da cidade – Anexo F) também reflete dizendo: “eu acho que na verdade é... a pessoa que vive em situação de rua, eu não vou dizer que é uma escolha, mas é uma circunstância, por algum motivo ela chegou ali”.

A análise dessa perspectiva de escolha destaca como as interpretações individuais podem influenciar a compreensão da situação de rua, enfatizando a importância de abordagens mais amplas que considerem diversos fatores que podem impactar as decisões das pessoas em situação de vulnerabilidade.

b) discurso de individualidade;

O discurso de escolha está relacionado com o discurso de individualidade, que é um peso a ser carregado pelas pessoas em situação de rua, visto que há aqueles que enxergam a questão sob uma perspectiva particular e não como uma problemática social.

Ao ser questionado sobre qual seria a solução para a questão, Francisco (Transeunte – Anexo D) respondeu: “é como eu falei antes, a solução é... partir deles, né? Vai partir deles, né? Se eles quiser mudar, aí vai partir deles e das autoridades”. A fala de Francisco, ao afirmar que a solução para a problemática da situação de rua deve partir das próprias pessoas nessa condição, reflete uma ênfase na agência individual e na capacidade autônoma de quem vivencia a situação de rua. A declaração sugere uma visão que valoriza a autodeterminação e a capacidade das pessoas em situação de rua de tomarem decisões de agirem para melhorar sua própria situação, responsabilizando-as.

Camila (Moradora da cidade – Anexo F) ressalta que, como cidadãs, há pessoas que desejam fazer algo para ajudar aqueles que estão em situação de rua, mas não podem, pois, segundo ela, os desabrigados não querem. Ela se sente "desarmada" e explica que gostaria de fazer algo, mas não pode. Segundo suas palavras, “a gente queria fazer alguma coisa, quer ajudar, mas primeiro que eles não querem, segundo que a gente não tem força e nem... e nem poder pra isso, né?[...]”. Isso pode implicar uma perspectiva que responsabiliza individualmente as pessoas em situação de rua por sua condição, sem considerar as complexidades individuais e estruturais que podem influenciar a decisão de buscar ou de recusar ajuda, como questões de saúde mental, falta de confiança nas instituições, entre outras.

Segundo Maria (Comerciante – Anexo A), um motivo para alguém estar em situação de rua é o vício por opção: “[...] muitas vezes eles se envolvem... na... no vício, né? Aí, em casa, eles não têm o vício, não podem, né? E eles acabam recorrendo indo pra rua [...]”.

Muitas das questões apresentadas estão relacionadas a algo que depende ou que foi uma decisão individual, como sair de casa por não ter o que desejava. Rodrigues e Fernandes (2020, p. 14) sustentam que o indivíduo tende a se martirizar e a se sentir responsável, diminuído e culpado pela situação em que está vivendo. Os autores ainda argumentam que isso mantém uma sensação de inferioridade nesses sujeitos, que permanece de forma intencional para que a questão seja entendida como uma adversidade pessoal – o que se torna um problema por sabermos que a situação de rua é mais relacionada a aspectos externos ao indivíduo do que pessoais.

c) discurso da meritocracia;

Segundo o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, a meritocracia é definida como "sistema em que o acesso aos cargos e funções se faz conforme o mérito ou o valor pessoal do indivíduo" (Houaiss; Villar, 2001). Vamos analisar o discurso em relação a esse princípio. Pedro (Comerciante – Anexo B), quando questionado como se sente ao ver essas pessoas na rua, fez o seguinte comentário:

[...] eu nasci pobreco, minha mãe, ela... a gente era tão pobre que, se você chegasse da escola, não tinha nada pra comer... só tinha aquele feijãozinho lá, cê pegava farinha, misturava com caldo ali e comia... / e a gente foi à luta, meu irmão. Eu com dez anos, minha mãe nos botou no ônibus e foi para São Paulo. Eu era o mais velho e hoje... nós não foi usuário de drogas, essas coisas não. Eu fui registrado com quatorze anos de idade, olha meu amigo, é o que esse pessoal fizeram, eu aqui provo, carteira profissional, eu fui registrado com QUATORZE ANOS DE IDADE, ganhava meio salário mínimo, quando menor ganhava meio salário mínimo, hoje o cara com vinte e um ano tá comendo do pai e da mãe... agora você fica: isso tá certo? (Anexo B).

O trecho apresenta uma narrativa que aborda elementos relacionados à ideia de meritocracia. A história acompanha a trajetória de vida de Pedro, que nasceu em uma família desfavorecida financeiramente, e como ele e sua família superaram as dificuldades. Esse aspecto pode ser interpretado como uma ilustração de mérito, sugerindo que, apesar das circunstâncias iniciais, eles alcançaram sucesso por meio de esforço e de determinação.

O fato de Pedro mencionar que foi registrado com quatorze anos e que ganhava meio salário-mínimo desde a menoridade é apresentado como uma evidência de mérito e de responsabilidade. Ao questionar se a situação atual em que alguns jovens ainda dependem dos pais está correta, o entrevistado está implicitamente questionando a validade do sistema meritocrático contemporâneo. Ele destaca uma aparente disparidade entre os esforços que foram feitos em sua época e a situação de alguns jovens atualmente. Além disso, ressalta a ideia de que o sucesso individual, evidenciado pelo registro profissional precoce, é um sinal de mérito e de autossuficiência. Isso pode ser interpretado como uma defesa da meritocracia.

Podemos acreditar ou não na meritocracia? Podemos ser fruto dela ou não? Essa é a questão central e, a partir dela, iniciaremos a discussão. Começemos o debate acerca do quão difícil é estabelecer uma comparação direta entre os dias atuais e o que era realidade no

passado, uma vez que se tratam de épocas completamente distintas e a dinâmica social não é mais a mesma. É importante mencionar que atualmente é mais complicado vender a força laboral devido às novas formas de trabalho adotadas, aliadas à alta tecnologia e ao aumento do desemprego.

Sobre isso, Maria (Comerciante – Anexo A) diz o seguinte:

Hoje eu creio que está melhor de emprego, mas, assim, e... sobre oportunidade também é a gente também, muitas vezes, podemos gerar nossa oportunidade né? Tipo assim, você não trabalha hoje de carteira assinada, mas você pode tá aprendendo alguma coisa né? Fazendo alguma coisa, pois, né? Fazendo um salgado, fazendo artesanato, né? Até uma oportunidade melhor chegar. Que nem no meu caso, eu nunca fiquei parada sem fazer nada, né? Eu já tenho vinte anos que eu trabalho assim no comércio, né? Mas antes eu fazia outras coisa, né? Eu fazia artesanato, já fui até babá de criança, né? E... trabalhava em mercado eu e minhas irmãs, somos quatro, né? Meu pai tinha comércio, né? E até hoje todo mundo trabalha no comércio, então muitas vezes a oportunidade quem faz também é a gente.

Maria pode achar que há mais postos de trabalho, uma vez que atualmente é possível realizar trabalhos de diversas maneiras. No entanto, é importante notar que muitos postos estão enquadrados na categoria de subemprego, uma vez que esses trabalhadores são submetidos a condições laborais precárias para obter renda, como nos trabalhos informais. No que diz respeito aos trabalhos independentes, esse é um tipo de ocupação que demanda investimento, e leva em conta a oferta e a procura. A ideia de se criar a oportunidade dita por Maria (Anexo A) vincula-se à precarização do trabalho, que é romantizada de acordo com uma visão equivocada de “empreendedorismo” e de “autonomia”.

É importante compreender que a disparidade de recursos, a distribuição de riquezas e o poder de consumo são justificados pela meritocracia, ou seja, todos têm mérito em seus esforços (Rodrigues; Fernandes, 2020, p. 12). A meritocracia, que pressupõe o sucesso com base no mérito individual, encontra desafios significativos quando confrontada com realidades em que certos indivíduos enfrentam desvantagens consideráveis. Barreiras socioeconômicas, falta de acesso a oportunidades educacionais e outras formas de desigualdade podem criar condições em que alguns enfrentam dificuldades significativas para alcançar o adequado sustento, independentemente do seu esforço ou de habilidades individuais. Reconhecer essas disparidades é crucial adotar uma perspectiva mais justa, questionando a validade da

meritocracia em contextos nos quais a igualdade de oportunidades está longe de ser uma realidade para todos.

d) discurso do alcoolismo e discurso de dependência química;

Dentre os discursos encontrados, o discurso do alcoolismo e o discurso da dependência química foram os que mais se destacaram nas entrevistas. Isso indica que há pessoas em situação de rua em Teixeira de Freitas/BA que consomem álcool e/ou drogas, o que sugere que uma parcela delas pode estar em situação de rua por este motivo, ou passaram a consumir ao estarem em situação de rua. Em 2022, o Centro POP da cidade registrou um elevado número de atendimentos a pessoas dependentes de álcool e/ou outras drogas, totalizando 612, como ressaltado na seção 2. No entanto, devido à falta de acesso a dados mais recentes, não foi possível atualizar esses números.

Essa parece ser uma característica da situação de rua na cidade, conforme relatado pela comerciante Maria (Comerciante – Anexo A) durante a sua entrevista. Maria expõe que é comum ver essa população sob efeito de substâncias psicoativas em meio ao comércio e ainda comenta sobre o convívio entre eles, que segundo ela não é muito agradável. Camila (Moradora da cidade – Anexo F) é categórica ao afirmar que “um dos principais motivos que a gente sabe é a droga [...] quando a gente vai lá conversar com eles, cada um tem uma história pra contar diferente, mas tudo culmina na droga [...]”.

Pedro (Comerciante – Anexo B) chega a afirmar que essas pessoas estão nas ruas “bebendo, fumando, usando droga... e pedindo um e outro um real, dois real, é assim que funciona”. Esse é um problema que atinge não somente as pessoas que vivem na rua, mas também a população em geral, tornando-se uma questão de saúde pública. No que diz respeito às pessoas em situação de rua, é importante ter cautela ao afirmar que elas foram para a rua diretamente por conta disso, pois muitos delas podem ter sido expostas ao vício.

O consumo excessivo de álcool pode levar os indivíduos a perderem seus empregos, suas casas e seus relacionamentos. Por outro lado, a situação de rua também pode contribuir para o desenvolvimento do alcoolismo. O estresse, o trauma e a falta de recursos que acompanham a situação de rua podem levar os indivíduos a recorrerem ao álcool como forma de enfrentar/esquecer as circunstâncias atuais. Os efeitos físicos e psicológicos do alcoolismo podem dificultar a manutenção de um emprego estável, a procura de uma habitação fixa e a construção de relações saudáveis. Isto pode criar um ciclo em que os indivíduos ficam presos à situação de rua e de dependência, necessitando de apoio e de recursos adequados. É

importante abordar tanto o alcoolismo como a problemática da situação de rua, a fim de ajudar eficazmente as pessoas que estão desabrigadas. Isso significa proporcionar acesso a tratamento de dependência e a serviços de saúde mental, bem como à habitação a preços acessíveis e a recursos que possam ajudar os indivíduos a construir vidas estáveis e saudáveis.

Oliveira (2014, p. 494) destaca a viabilidade de implementação de políticas públicas destinadas aos indivíduos em situação de rua que fazem uso de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas. O autor salienta que o acesso abrangente a ações e a serviços de saúde para pessoas com transtornos mentais e dependência química requer um processo de expansão e de criação de políticas públicas específicas. Além disso, Oliveira (2014) também ressalta a importância da organização da rede assistencial, enfatizando a necessidade de uma articulação intersetorial que ultrapasse os limites do setor da saúde.

Outros pontos relevantes são que nem todos os cidadãos em situação de rua fazem uso de substâncias psicoativas e que o consumo de substâncias que não são permitidas por lei não é hábito exclusivo desse grupo (Mendes; Chagas; Penna, 2020). A população em geral, por não ter familiaridade com a realidade das pessoas em situação de rua, desvincula o indivíduo do contexto social em que ele está inserido. Esses desabrigados, além de estarem sujeito aos efeitos tóxicos da droga, estão expostos às precariedades sociais, as quais serão ainda mais agravadas devido ao uso de entorpecentes. A ingestão de álcool associada à má alimentação, à deficiência nutricional, aos problemas emocionais, à falta de acompanhamento médico, à baixa imunidade e ao frio do pernoite na rua tem efeitos adicionais ou aumentados em relação às outras fragilidades (Mendes; Chagas; Penna, 2020, p. 80).

A característica ideológica da universalização, conforme proposta por Thompson (2011), destaca a tendência de generalizar características ou comportamentos para um grupo inteiro. No contexto da percepção de que todas as pessoas em situação de rua fazem uso de álcool, podemos identificar essa universalização como uma simplificação excessiva que ignora a diversidade dentro desse grupo. A universalização negligencia a realidade complexa das diferentes trajetórias e experiências das pessoas em situação de rua, muitas das quais não se encaixam no estereótipo proposto. Essa visão pode reforçar preconceitos existentes, ampliando a percepção pública de que as pessoas em situação de rua são homogêneas em relação ao uso de álcool, o que pode influenciar políticas públicas e atitudes sociais, levando a abordagens paliativas e potencialmente ineficazes para lidar com a questão complexa da situação de rua. Essas ações dentro de práticas sociais da situação de rua moldam a forma como a sociedade percebe e responde à situação de rua e ao problema do alcoolismo.

A vida em situação de rua é complexa, pois há situações de pessimismo e de desespero. É possível que pessoas desabrigadas busquem algo que lhes dê um alívio mental para lidar com essa dura realidade e, em alguns casos, recorram ao uso de álcool e/ou drogas para conseguir essa sensação. Na rua, junto a outras pessoas, poderão encontrar algo a que não tinham acesso anteriormente, como um mínimo de consideração e de validação social, uma dinâmica social em pequenos grupos. Mendes, Chagas e Penna (2020, p. 80) complementam que também há sociabilidade que surge com o uso compartilhado e as relações criadas no contexto de consumo de drogas.

É importante destacar a posição de Camila (moradora da cidade – Anexo F): “Mas enfim, eu acho que o principal disso aí é a droga, que a gente sabe que é o tráfico de drogas que comanda, existe todo um aparato por trás disso aí que tem que ter/pesquisa [...]”. Camila, no que diz respeito à situação de rua, comenta que a principal causa é a droga. O estigma em relação ao uso e ao tráfico de drogas só atingem uma parte da sociedade – a mais pobre. Dessa forma, percebe-se que o foco não está bem na diminuição da criminalidade, mas no controle das classes pobres (Wacquant, 2001 *apud* Mendes; Chagas; Penna, 2020, p. 80). Ainda nesse aspecto, Mendes, Chagas e Penna (2020, p. 79) afirmam que campanhas como *guerras contra as drogas e epidemia do crack* são usadas quando se trata da população em situação de rua para justificar a violência social.

Nessa perspectiva, a pobreza é um inimigo a ser enfrentado, uma vez que o Estado punitivo encarcera, controla e até mata os mais pobres; muitos são jovens, negros e do sexo masculino (Dornelles, 2003 *apud* Mendes; Chagas; Penna, 2020, p. 80). Isso é chamado de *criminalização da pobreza*.

Observamos, nesse contexto, o modo ideológico de fragmentação e a estratégia de diferenciação, conforme descrita por Thompson (2011). A fragmentação é evidente na maneira como as pessoas em situação de rua são rotuladas como “pessoas perigosas”, enquanto outros grupos são designados como *vítimas*. Essa divisão cria uma separação clara entre dois grupos distintos na sociedade. A diferenciação, por sua vez, é percebida na construção de uma dicotomia entre “vítimas” e “perigosas”. As vítimas são idealizadas como boas, enquanto os perigosos são tachados como maus. Essa diferenciação é pré-estabelecida e independente do comportamento individual, sugerindo uma simplificação excessiva da realidade social.

O modo ideológico de fragmentação por diferenciação pode servir aos interesses de grupos dominantes, ao desviar a atenção das complexidades sociais e criar uma narrativa simplista que justifica a existência da problemática. A rotulação prévia, independentemente do comportamento, sugere uma visão dicotômica que não leva em consideração as nuances individuais, contribuindo para a manutenção de relações de dominação ao desunir as pessoas em coletividades distintas, muitas vezes sem considerar as causas subjacentes das situações de vulnerabilidade.

O tratamento eficaz para a dependência muitas vezes requer uma combinação de cuidados médicos e terapia. Oliveira (2020, p. 494) destaca que a possibilidade de internação não deve ser descartada como uma intervenção viável. Em situações agudas específicas, a internação pode ser necessária como parte de uma estratégia de cuidado, buscando a estabilização e a transição para um tratamento contínuo em regime ambulatorial. No entanto, é essencial evitar que a internação seja vista como um fim em si mesma, pois isso resultaria em uma prática autoritária e na segregação de indivíduos com comportamentos indesejáveis. O alcoolismo e o uso de drogas são problemas que devem ser enfrentados como uma questão de saúde pública e não serem vistos como estereótipos e estigmas.

e) discurso de violência;

A violência é uma questão que está presente em diversas esferas da vida urbana e, não por acaso, o discurso de violência é recorrente nas entrevistas. Um dos grupos vulneráveis afetados pela violência é a população de rua. A falta de moradia é um problema crescente nas áreas urbanas. Os desabrigados estão frequentemente sujeitos a uma série de atos violentos, incluindo agressão física e violação³⁰.

Maria (Comerciante – Anexo A) afirma que o preconceito em relação às pessoas em situação de rua se deve ao medo e, para ilustrar, cita uma idosa que passava pelo local próximo à entrevista.

Às vezes, a pessoa, igual aquela senhora tá ali, ela não vai passar no meio deles aqui com medo de abordar ela, tomar uma bolsa, né? Como já aconteceu, a moradora de rua, a cliente estava na porta da loja, ela veio de lá

³⁰ No sentido de violação de direitos.

com um chinelo e atacou a cliente, né? E... é isso, né? Muitas vezes não é preconceito, é medo, né? De algo, de agressão física, né?

Wanderley Junior e Silva (2016, p. 67) comentam que isso é uma forma equivocada de compreender o problema, pois as pessoas em situação de rua são vistas como um grupo que oferece risco e não como um grupo que está em risco.

Maria trabalha numa loja de comércio no centro de Teixeira de Freitas – BA. A entrevistada disse já ter visto uma mulher que vivia em situação de rua agredir uma cliente e, segundo ela, por razões como essa ocorreria o afastamento em relação esses desabrigados. Ao afirmar que pessoas em situação de rua cometem violência, Maria reflete uma perspectiva que associa automaticamente essa população a comportamentos agressivos. Essa análise pode ser abordada considerando práticas sociais e possíveis estigmas associados: 1) o discurso de violência contribui para a estigmatização das pessoas em situação de rua, sugerindo que elas são propensas à violência, o que pode reforçar estereótipos negativos e prejudiciais; 2) a generalização de que toda a população em situação de rua é violenta, desconsidera a diversidade de experiências individuais e as causas subjacentes da condição de rua. O discurso de violência presente na fala de Maria pode refletir percepções sociais arraigadas que associam a pobreza ou a falta de moradia à criminalidade, contribuindo para uma visão negativa e simplificada da realidade das pessoas em situação de rua.

Em relação à temática, Camila (Moradora da cidade – Anexo F) tece comentários sobre a violência praticada entre pessoas em situação de rua: “A gente liga para o cento e noventa [...]. Porque eles estão brigando, tá com faca, domingo retrasado mesmo caiu um aqui na rua aqui, todo ensanguentado, a gente ligou três vezes para o cento e noventa e a polícia não veio”. Camila traz uma narrativa que associa esse grupo à violência, contribuindo para a estigmatização e perpetuando estereótipos. Sua fala também reforça a estigmatização ao retratar as pessoas em situação de rua como violentas, sem considerar as complexas dinâmicas sociais e individuais que podem levar a conflitos. A generalização de que as pessoas em situação de rua estão sempre brigando simplifica e ignora as muitas experiências que esses indivíduos podem ter. A ênfase na violência pode obscurecer as causas subjacentes desses comportamentos, como a falta de acesso a recursos, saúde mental precária ou experiências traumáticas. Ao mencionar que a polícia não intervém, sugere-se uma ineficácia institucional, o que pode perpetuar a sensação de desamparo e de falta de segurança para pessoas em situação de rua.

Francisco (Transeunte – Anexo D) disse que as pessoas em situação de rua são um risco. Ele comentou que há pessoas na cidade que têm medo e evitam ir à Praça da Bíblia, mas que agora estão calmos porque não há mais desabrigados ali depois que a Rua *Gourmet* foi inaugurada. Segundo ele, “eles ficam, é... com receio, né? Até de vir aqui na praça, agora não, agora tá sossegado”. Francisco ainda mencionou que, após a criação dessa praça de alimentação, os desabrigados “sumiram daqui, eu não sei se o prefeito levou pra algum albergue aí, eu sei que eles sumiram”. Isso indica a possibilidade de remoção dessas pessoas. A violência contra a população desabrigada é mais grave quando o Estado age de forma violenta. Segundo Wanderley Junior e Silva (2016, p. 69), “As abordagens, cada vez mais truculentas, visam os interesses estéticos das cidades, reverberando o medo preconceituoso de uma expressiva parcela da população”.

Juliana (Transeunte – Anexo C) diz: “ah, tem gente que vê as pessoas nas ruas, acha que é um criminoso, acha que é um bandido”. Sua fala revela a percepção crítica sobre o julgamento precipitado de algumas pessoas em relação aos indivíduos em situação de rua. Ao mencionar que a população em geral não observara como esses indivíduos chegaram a essa condição, Juliana sugere a importância de compreender as causas subjacentes. Na perspectiva da violência, a interdiscursividade está indicando uma interação entre discursos que abordam preconceitos e estigmatização de pessoas em situação de rua e discursos que enfatizam a necessidade de compreensão das complexidades individuais e contextuais que levam a essa condição. A fala de Juliana também propaga representações relacionadas às ações de conscientização e à necessidade de desconstruir estereótipos associados às pessoas em situação de rua, promovendo uma visão totalizante.

Assim, a análise sob a perspectiva da interdiscursividade indica a presença de aspectos semióticos em práticas sociais da situação de rua, do comércio e da política que moldam a percepção, o julgamento e a resposta à situação de rua, evidenciando a complexidade das interações sociais envolvidas nesse contexto.

Os desabrigados, quando confrontados com o interesse econômico, são considerados um problema, mas, na verdade, o problema é a situação de rua (Wanderley Junior; Silva, 2016, p. 69). Dessa forma, o estado desse grupo e os diversos fatores que o vitimam pouco importam, enquanto a situação econômica e social dos outros membros da sociedade é colocada acima de tudo. Fica a questão de o quanto isso tem prejudicado a solução do problema, pois a sua análise é muito focada em julgar e em estereotipar e não na mudança e no entendimento da problemática em si.

Relacionado às pessoas em situação de rua, Camila (Moradora da cidade – Anexo F) também diz: “Vai dar essa legalidade todinha pra eles e pro tráfico de drogas em Teixeira? Principalmente na Bahia tá vivendo um grau tão grande de violência com a droga”. A entrevistada parece expressar preocupação com a ideia de legalizar ou de conceder algum tipo de aceitação formal, temendo que isso possa contribuir para a escalada da violência na comunidade. A análise sugere uma perspectiva que poderia ser vista como uma ameaça ao combate à violência associada ao tráfico de drogas na Bahia.

A fala de Camila indica uma estratégia de legitimação que, segundo Thompson (2011, p. 43), ocorre quando determinadas representações são apresentadas como autênticas, ou seja, dignas de apoio ou de reconhecimento.

Muitas vezes, a violência contra pessoas em situação de rua é esquecida. No entanto, a própria circunstância da situação de rua constitui um ato violento, privando indivíduos de direitos humanos vitais, como abrigo, alimentação e cuidados médicos. Vale ressaltar que as brutalidades que esse grupo suporta vão muito além da mera privação: esses desabrigados frequentemente são submetidos a abusos físicos, emocionais e até sexuais, antes e depois à vida nas ruas.

A violência é um tema recorrente nas pesquisas atuais sobre pessoas em situação de rua. A perda de moradia muitas vezes está ligada à ameaça e à violência como fatores motivadores. Notavelmente, a maioria das pessoas em situação de rua são homens, representando 87% do total. No caso das mulheres nessa condição, os episódios de violência, incluindo violência sexual, são uma preocupação constante, com uma taxa mais elevada de 8,8% em comparação com os homens (Natalino, 2023).

A população em situação de rua é recorrentemente vítima de atos de crueldade, dada a ausência de segurança, de estabilidade e de redes de apoio. Além disso, a falta de moradia torna os indivíduos mais suscetíveis ao abuso de substâncias psicoativas e a problemas de saúde mental, que podem levar a novos incidentes violentos.

O discurso de violência reforça estereótipos negativos que podem contribuir para a discriminação das pessoas em situação de rua. A visão predominante de violência pode criar barreiras para a prestação eficaz de serviços e para o apoio às pessoas em situação de rua, uma vez que a percepção negativa pode influenciar políticas públicas e a disponibilidade de recursos. Abordar a questão da violência na situação de rua requer uma análise mais profunda

das causas subjacentes e um enfoque centrado nas necessidades e na dignidade das pessoas afetadas, em vez de perpetuar estigmas prejudiciais.

f) discurso de mendicância;

O reconhecimento das pessoas em situação de rua como *mendigos* foi o que mais apareceu nas entrevistas, retratando um estereótipo que limita a representação de todo o grupo a apenas uma característica, a de pedinte. Rodrigues e Fernandes (2020, p. 11) dizem que essa é uma confusão categórica por reduzir os indivíduos ao agrupamento de mendigos, atividade que não é praticada por todos que estão em situação de rua.

Isso foi visto na resposta de Juliana (Transeunte – Anexo C) ao contar um pouco sobre a situação de rua em Teixeira de Freitas/BA: “Ah, tem muita gente que passa necessidade, fome, né? Eles pedem até ajuda, né? Quando a gente passa, eles ficam pedindo dinheiro”. Isso também foi comentado por José (Morador da cidade – Anexo E) ao dizer que o preconceito contra essas pessoas existe por elas fazerem uso de droga e de álcool, o que consequentemente as faziam pedir dinheiro. Conforme indicado pela Pesquisa Nacional (indicado também na seção 2), as atividades desenvolvidas para obter recursos entre pessoas em situação de rua incluem catador de materiais recicláveis (27,5%), flanelinha (14,1%), trabalho na construção civil (6,3%), serviços de limpeza (4,2%) e carregador/estivador (3,1%). Esses dados revelam que 70,9% dessa população está envolvida em alguma atividade remunerada (Brasil, 2008, p. 10).

Apenas uma pequena parcela, representando 15,7% da população em situação de rua, utiliza o pedido de dinheiro como principal meio de subsistência. Essas informações são relevantes para desfazer o estigma de que essa população é composta por "mendigos" e "pedintes", demonstrando que aqueles que recorrem ao pedido de dinheiro são minoria (Brasil, 2008).

g) discurso de assistência;

O discurso de assistência pode ser observado na fala de Marcos (Estudante – Anexo G):

eles falam que não prestam assistência, eu não vou falar, mas é uma assistência muito pouco efetiva, porque tem a questão das casas do Centro

POP, das questões de tentar inserir essas pessoas em locais onde essas pessoas tenham pelo menos um lugar para dormir, pra almoçar, se alimentar, só que eu acho que é uma, é uma assistência muito falha, que não é efetiva, é algo que vai ter a aderência de um com o tempo, mas não é algo que vai solucionar o problema, algo que vai só mascarar.

Maria (Comerciante – Anexo A) também expõe a sua insatisfação com os tipos de assistência, dizendo que nenhuma atitude é tomada em relação ao problema. Ela cita como exemplo a assistência social, que só conversa e solicita algumas informações, mas não é feito nenhum tipo de ação. O discurso de assistência também é citado no sentido de apoio da família por Ana (Estudante – Anexo H). Essa entrevistada enfatiza que a família não consegue prestar apoio e que a ajuda do governo, de igrejas e de empresas privadas é mínima, não sendo suficiente.

Conforme Wanderley Junior e Silva (2016, p. 68), o poder público aparenta ter preocupação direta com o problema da situação de rua devido ao grande aparato legislativo sobre o tema (leis, decretos e instrumentos legais), bem como a alguns estudos e pesquisas que são realizados a cada ano, porém, a atuação estatal pela busca por soluções não se realiza devidamente na prática. Isso acontece porque, como Marcos (Estudante – Anexo G) falou, a assistência é falha, não havendo a concretização do que consta no papel. Em um primeiro momento, pensa-se que o Estado é atuante no enfrentamento da situação de rua, mas a realidade demonstra que há um abismo entre o cotidiano dessa população e os projetos estatais, pois o que se observa é o aumento e a persistência da situação de rua.

As falas das pessoas que participaram da pesquisa apontam para a perspectiva de que falta a concretização adequada de políticas públicas. O mais grave é que, além da inexistência dos mecanismos públicos efetivos, há a falta de interesse do Estado em promover o acesso das pessoas em situação de rua aos seus direitos.

As políticas públicas podem desempenhar um papel significativo no combate à situação de rua. Os governos podem realizar financiamentos para habitações a preços acessíveis e programas de apoio para pessoas em situação de rua, a título de exemplo. No entanto, as políticas públicas por si só não podem resolver o problema. Para que essas ações sejam eficazes, elas precisam ser implementadas de uma forma que seja sustentável e que se tenha em conta as necessidades únicas de cada comunidade.

h) discursos relevantes.

Alguns discursos associados às práticas sociais de entendimento e de superação da situação de rua apareceram nas entrevistas. O *discurso econômico* está presente em uma resposta de Marcos (Estudante – Anexo G) ao dizer que falaria sobre a problemática como um problema de distribuição de renda em que poucos têm muito e muitos têm pouco. Marcos disse que uma sociedade sem este problema seria “uma sociedade com melhor distribuição de renda, onde desse a oportunidade verdadeira pra todos, acho que... uma sociedade onde todos pudessem ter acesso pelo menos ao mínimo”. O *discurso econômico* faz alusão ao sistema capitalista, que permite a uma parcela pequena da população ascender financeiramente, enquanto a maioria luta para obter o mínimo para sobreviver. Quando alguém que pertence a essa maioria não consegue se sustentar, pode ter de enfrentar a situação de rua.

Outro discurso identificado na fala do estudante Marcos foi o de *colonização*, ao complementar: “É muito também é resquício da questão escravocrata que o país teve na época colonial”. Isso faz referência à grande parcela de negros e pobres em situação de rua, bem como explica como ocorreram as relações de poder e a subjugação de boa parte da população à “nobreza” da época, cujas marcas e consequências permanecem até hoje.

O *discurso da informatização* evoca os desafios da inserção no mercado de trabalho na era digital, em que se exige cada vez mais afinidade com as ferramentas digitais, conforme disse Ana (Estudante – Anexo H): “Hoje em dia, os trabalhos são mais informatizados e muitas pessoas não podem estudar para chegar lá, então elas trabalham para manter a casa ou estudam”. Isso diz respeito também às dificuldades dos cidadãos e das cidadãs em situação de rua em conseguir um trabalho formal devido a esse requisito.

O discurso da educação aparece na fala de Marcos (Estudante – Anexo G) ao propor uma solução para o problema da situação de rua. Ele sugere que “políticas de distribuição de renda, de... melhores condições na educação onde consiga inserir essas pessoas em um projeto de trabalho, perspectiva de melhores condições de vida” seriam eficazes. Esse entrevistado aponta como caminho medidas mais amplas que podem permitir aos desabrigados prosseguir por um caminho diferente, uma vez que a educação oferece a oportunidade para o indivíduo adquirir habilidades e desenvolver uma profissão.

Também está registrado na entrevista de Juliana (Transeunte – Anexo C) o *discurso de igualdade*, ao enfatizar a importância de criar empregos e fornecer moradia adequada para todas as pessoas. Ela menciona necessidades de “emprego, trabalho, tá todo mundo em casas,

dar moradia pro povo e não nessa rua, né? [...]”. Isso fortifica a ideia do estado de bem-estar social que garantiria às pessoas uma melhor qualidade de vida por meio da consolidação de empregos e da inserção no mercado de trabalho, buscando, assim, que todos tenham oportunidade de se desenvolver e de evitar que cheguem a uma situação crítica ao ponto de estar em situação de rua. Esse discurso está intrinsecamente ligado ao *discurso dos direitos humanos*, promovendo a ideia de que todos têm direitos inalienáveis, independentemente de sua condição. Está alinhado também ao *discurso da justiça social*, destacando a necessidade de igualdade e da distribuição equitativa de recursos e de oportunidades.

O *discurso da empatia* demonstra a necessidade de se colocar no lugar do outro, evitando os estereótipos. Marcos (Estudante – Anexo G) expressa a ideia de que, ao fornecer informações e promover a empatia em relação às pessoas em situação de rua, é possível combater os estereótipos e compreender melhor as circunstâncias que as levaram a essa condição. Segundo ele, “com a informação e trabalhando a questão da empatia com essas pessoas, as pessoas olham só com estereótipos, mas não levam ao que de fato levou a pessoa a chegar a esse ponto. Empatia e informação de fato”. Ele destaca a importância de olhar além dos estereótipos e buscar entender as verdadeiras causas que levaram cada pessoa a estar nessa situação.

Ao concluir esta seção de análise, foi possível identificar aspectos semióticos que mostram os desafios enfrentados pela população em situação de rua. Foi evidenciada a complexidade das questões que envolvem essa realidade, desde os fatores socioeconômicos até as barreiras estruturais que dificultam a inclusão e o bem-estar desses indivíduos. As descobertas destacam a necessidade de ações em melhores práticas sociais para lidar com essa problemática. Na próxima seção, serão apresentadas as considerações finais, onde serão discutidas as implicações desses resultados e sugestões para futuras pesquisas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O alvo desta pesquisa foi realizar um estudo da problemática social da situação de rua por meio da análise de aspectos semióticos de gênero, discursos e estilos. Isso envolveu examinar complexidades, causas e efeitos dessa questão que afeta a população em Teixeira de Freitas (BA). A abordagem metodológica incluiu a realização de entrevistas com diversos grupos, como comerciantes, moradores da cidade, estudantes e transeuntes que convivem na proximidade de locais onde há pessoas em situação de rua. Essas entrevistas visaram obter uma compreensão das perspectivas, experiências e opiniões desses participantes em relação ao problema.

A pesquisa visou analisar as relações linguísticas e discursivas presentes em práticas sociais da situação de rua, do comércio, da política e da educação, identificadas neste trabalho. Isso incluiu a análise de discursos utilizados por diferentes grupos e análise de como as palavras e expressões contribuem para a construção de significados e representações sobre essa problemática. Buscou-se entender perspectivas ideológicas em práticas sociais. Isso envolveu identificar representações que podem influenciar os modos de agir em relação à situação de rua. No caminhar do trabalho, foram observadas correlações entre perspectivas, discursos e ideologia em práticas sociais relacionadas à situação de rua.

As questões de pesquisa propostas abordaram a problemática social da situação de rua no município de Teixeira de Freitas, sob diferentes perspectivas, destacando a importância de compreender os discursos sociais e as percepções de comerciantes e moradores da cidade sobre essa problemática. Investigar os discursos que circulam socialmente sobre a situação de rua foi crucial para compreender as representações predominantes, os estigmas associados e apontar novos sentidos. Ao examinar como os comerciantes da cidade percebem a situação de rua, é possível identificar que as percepções perpassam pela prática social do comércio. Isso pode revelar a interseção entre as dimensões sociais e econômicas do problema.

A compreensão das percepções dos moradores da cidade foi essencial para examinar o alcance do reconhecimento do problema social em questão. Observar se a população local (a partir do indicativo de uma pequena amostra) reconhece a situação de rua como uma problemática social pode atribuir novos sentidos que contribuam para a importância de buscar a resolução do problema.

A síntese dos principais resultados e descobertas em cada objetivo específico será apresentada a seguir e proporcionará uma melhor compreensão da situação de rua em Teixeira de Freitas a partir dos aspectos semióticos.

1. Investigar o que comerciantes, moradores da cidade, estudantes e transeuntes que convivem com a problemática social em que vivem cidadãs e cidadãos em situação de rua em Teixeira de Freitas tem a dizer sobre o problema;

Os participantes da pesquisa expressam uma variedade de perspectivas sobre a situação de rua. Camila destaca a necessidade de consenso entre autoridades, governantes e cidadãos para abordar o problema em sua cidade, atribuindo a causa principalmente ao tráfico de drogas. Francisco menciona a responsabilidade das autoridades e observa uma mudança na presença de pessoas em situação de rua após a inauguração de uma área *gourmet*³¹. Marcos acredita que aqueles com capital financeiro ou influência política podem ajudar a buscar as possíveis soluções. Camila sugere a intervenção dos vereadores por meio de leis ou programas de reintegração. Ana enfatiza o direito dessas pessoas à saúde, enquanto Camila reconhece o direito, mas observa que não são assegurados. Juliana menciona o estigma associado a essas pessoas, com a percepção equivocada de que são criminosos. Em conjunto, as opiniões dos participantes revelam uma compreensão heterogênea à complexa questão da situação de rua, abrangendo fatores como vício, necessidade de intervenção das autoridades e desafios associados aos direitos dessas cidadãs e desses cidadãos. Maria e Pedro associam a situação de rua ao vício em drogas, com Maria indicando uma escolha pessoal. Pedro destaca comportamentos como beber, fumar e usar drogas entre as pessoas em situação de rua.

2. Interpretar e explicar dados linguístico-discursivos, considerando as perspectivas ideológicas e práticas sociais.

³¹ A Rua *Gourmet*, inaugurada em 07 de outubro de 2023 pela Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas, é um espaço com 32 boxes comerciais, área de alimentação e palco para eventos culturais. Ver Seção 5.1.2.

Os dados apresentam diversas perspectivas ideológicas (tratadas neste trabalho a partir dos modos/estratégias da ideologia de Thompson, 2011) e práticas sociais relacionadas à situação de rua. A estratégia de "diferenciação" é evidente na polarização entre grupos socialmente aceitáveis e aqueles rotulados como "lixo social", intensificando a divisão na sociedade. A "racionalização" ocorre ao justificar a dificuldade em ajudar pessoas em situação de rua sem consentimento explícito, revelando normas sociais que moldam a oferta de ajuda. A estratégia ideológica da "universalização" simplifica excessivamente ao atribuir o uso de álcool a toda a população em situação de rua, ignorando a diversidade do grupo.

O modo ideológico de "fragmentação" e estratégia da "diferenciação" são evidentes ao rotular as pessoas em situação de rua como "opressoras" e outros grupos como "vítimas", criando uma divisão precisa na sociedade em geral. Essas dimensões ideológicas encontradas nas práticas sociais analisadas são normalizadas para servir à hegemonia e obscurecer a verdadeira causa do problema, que é resultado da forma que as estruturas sociais estão postas.

Nesse sentido, também há uma tendência de responsabilizar individualmente as pessoas em situação de rua por sua condição, sugerindo que seja uma escolha. A estigmatização é observada ao simplificar a complexidade da situação de rua e atribuir as dificuldades a escolhas individuais, sem considerar fatores mais amplos. Por outro lado, os discursos alternativos, como aqueles identificados em práticas sociais da educação (conforme destaca os estudantes) aparecem em minoria. A referência à palavra "Direito" que faz parte de práticas sociais jurídicas de advocacia e de ativismo político, que buscam garantir o cumprimento dos direitos individuais e coletivos, influenciam o tratamento adequado da situação. Essas perspectivas ideológicas e práticas sociais revelam a complexidade da interpretação da situação de rua e a diversidade de abordagens para entender e enfrentar esse problema social.

3. Identificar elementos intertextuais e interdiscursivos presentes nas entrevistas;

Marcas intertextuais aparecem na fala indireta do gênero de Pedro em sua entrevista, marcada por expressões coloquiais, o relato direto traz considerações que Pedro utiliza como fundamentação para a narrativa de que a cidade de Teixeira de Freitas e região vive um descaso. Além disso, houve o relato indireto de Pelé na mesma entrevista, ao conectar a

preocupação expressa por Pelé sobre o futuro do país aos desafios enfrentados pelas pessoas em situação de rua.

Os textos e as vozes evidenciam a complexidade das percepções sobre a situação de rua em Teixeira de Freitas, destacando representações que fazem parte de práticas sociais da política e da mídia e que tem interferência direta na compreensão do problema. Isso é observado na entrevista de Camila (moradora da cidade – Anexo F) sobre o enfoque dado à fatos que envolvem violência nas reportagens televisivas, tendo seu papel na formação de opinião e Camila reconhece tal perspectiva.

A análise revela diversos discursos relacionados à situação de rua. O discurso de escolha encontrado, sobretudo, na prática social do comércio, em confronto com o que há de evidência sobre as causas do problema, invalida a visão simplista de que as pessoas em situação de rua estão nesta condição por escolha.

A reflexão sobre o alcoolismo e a dependência enfatiza a importância de políticas de tratamento e prevenção, além do enfrentamento a estigmas. O discurso de violência destaca os estereótipos prejudiciais, atribuídos às pessoas em situação de rua, que podem impedir que as medidas caminhem pelo campo das políticas públicas de assistência e possa se tornar algo a ser combatido com repressão e truculência. Os discursos: econômico e de colonização apontam para as raízes estruturais das disparidades, correlacionando a situação de rua a questões de classe. A informatização é vista como um desafio para a empregabilidade, enquanto a educação é destacada como fundamental na busca por emprego e no sucesso no mercado de trabalho.

O discurso de igualdade e o discurso de direitos humanos busca promover justiça social, reforçando a importância do estado de bem-estar social. A empatia é destacada como um antídoto aos estereótipos, incentivando uma compreensão mais profunda das experiências individuais.

4. Descrever e analisar escolhas lexicais e o gênero discursivo;

As escolhas lexicais identificadas “lixo social” e “bicho” contribuem para a estigmatização social e dificulta a compreensão das complexas causas da situação de rua. Ao contrastar isso com o uso de termos como "ressocializar" e "direito", ressalta-se a importância de reconhecer a humanidade dessas pessoas, bem como a necessidade de considerá-las como

parte da sociedade, garantindo seus direitos fundamentais e questionando a naturalização da condição de desabrigado. A menção à influência do capitalismo na distribuição desigual de riqueza destaca as desigualdades sistêmicas, destacando a importância de debates para promover uma sociedade mais justa e equitativa. O termo "ser da rua" destaca a importância de não definir a identidade das pessoas por sua condição e questionar tais aspectos semióticos ao reconhecer a individualidade e as diversas origens dessa população.

O gênero discursivo em foco é a entrevista, conforme analisado por Fairclough (2010). Este gênero revela-se como uma ferramenta semântica e interativa que desencadeia ações e interações, promovendo o diálogo entre agentes sociais diversos. A estrutura da entrevista é caracterizada pelos turnos de fala, que podem assumir diversas formas, como sequências ordenadas, tomada de turnos ou diálogo simultâneo. Elementos como perguntas, respostas e comentários possibilitam uma compreensão mais profunda do tema em discussão. O gênero transcende os meios tradicionais, incorporando formas modernas de mídia, como *podcasts* e *lives*. No contexto da pesquisa social, a entrevista é percebida como um evento social impregnado de significados semióticos, refletindo discursos/representações do mundo. As relações sociais durante as entrevistas se desdobram em diferentes papéis, envolvendo comerciantes, moradores da cidade, estudantes e outros participantes. A utilização de tecnologias de comunicação, como gravadores de áudio via celular, destaca a possibilidade de registros via recursos tecnológicos disponíveis.

A análise crítica das entrevistas, considerando elementos intertextuais, interdiscursivos, escolhas lexicais e o gênero discursivo, trouxe *insights* sobre perspectivas ideológicas de práticas sociais de diferentes grupos envolvidos, como comerciantes, moradores da cidade, estudantes e transeuntes. A triangulação de participantes e a abordagem qualitativa enriquecem a pesquisa, permitindo o estudo da situação de rua.

A relevância social deste estudo também é destacada, uma vez que busca não apenas compreender, mas também sensibilizar e combater o preconceito enfrentado por pessoas em situação de rua. A ênfase na importância da linguagem na construção de significados e modos de agir destaca o papel crucial da linguagem na abordagem desse problema social.

Além disso, a pesquisa se vincula a projetos anteriores, demonstrando uma continuidade no esforço de compreender e enfrentar a situação de rua, tanto no âmbito acadêmico quanto no compromisso social. Ao analisar discursivamente os relatos dos participantes, o estudo proporciona uma oportunidade para a ampliação do conhecimento

sobre a situação de rua em Teixeira de Freitas (BA) e, possivelmente, poderá contribuir de alguma forma para futuras políticas públicas e práticas sociais mais inclusivas e eficazes.

As limitações identificadas no estudo destacam aspectos que podem impactar a aplicabilidade e representatividade dos resultados. Ao concentrar-se exclusivamente em Teixeira de Freitas, os dados não refletem plenamente a diversidade de experiências em outras localidades. Além disso, a seleção de participantes com base em critérios específicos, como idade e proximidade com áreas frequentadas por pessoas em situação de rua, introduz um viés de seleção que limita a representatividade da amostra, potencialmente influenciando as conclusões da pesquisa. Portanto, é importante interpretar os resultados com cautela, considerando as limitações geográficas e de amostragem inerentes ao escopo do estudo.

Sugestões para pesquisas futuras visam aprimorar a compreensão da situação de rua, destacando a necessidade de uma abordagem ampla e inclusiva. Uma proposta de ampliação geográfica busca capturar nuances regionais, reconhecendo que as percepções sobre a situação de rua podem variar em diferentes contextos sociais. A sugestão essencial de incorporar diretamente as perspectivas das pessoas em situação de rua emerge como um elemento crucial para enriquecer a pesquisa, promovendo uma compreensão mais autêntica e aprofundada de suas experiências.

Cabe ressaltar que esse viés foi implementado no estudo anterior de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), possibilitando uma análise comparativa entre os dois projetos de pesquisa. A abordagem longitudinal visa identificar padrões e mudanças ao longo do tempo, enquanto a análise interdisciplinar sugere uma compreensão mais holística, considerando fatores estruturais, econômicos e políticos. A diversificação de métodos propõe uma investigação ampla, e a comparação temporal pode revelar tendências e correlações importantes. Por fim, a avaliação do impacto das políticas públicas destaca a importância de entender como as intervenções governamentais e práticas sociais de assistência afetam efetivamente a situação de rua, contribuindo para futuras melhorias nas estratégias de combate a essa problemática.

Como pesquisador, entendo que a ADC se mostra uma perspectiva teórica produtiva no estudo da situação de rua por indicar a partir dos aspectos semióticos em práticas sociais, os discursos que contribuem ou não para sua resolução, bem como as ideologias naturalizadas que impedem que o problema seja entendido e tratado da maneira adequada. A abordagem

crítica da ADC destaca as relações de poder presentes nos discursos, evidenciando as ideologias subjacentes que podem influenciar políticas públicas, práticas sociais e percepções da sociedade.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. L. de A. *Mapa do Estado da Bahia*. 2006. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bahia_MesoMicroMunicip.svg. Acesso em: 21 fev. 2023.

ARGENTA, J. S. *A construção discursiva do vínculo terapêutico na Estratégia de Saúde da Família (ESF) em Sobral, Ceará*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

BAHIA. *Lei nº 12.947, de 10 de fevereiro de 2014*. Institui a Política Estadual para a População em Situação de Rua na Bahia. Diário Oficial do Estado da Bahia, Salvador, 11 fev. 2014.

BAHIA. *Secretaria de Planejamento – SEPLAN*. 2016. Disponível em: https://www.seplan.ba.gov.br/wp-content/uploads/PTDS_Territorio_Extremo_Sul.pdf. Acesso em: 18 ago. 2022.

BAUER, M. W.; ARTS, B. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 6. ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 39-63.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 6. ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 189-217.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Para uma prestação de contas pública: além da amostra, da fidedignidade e da validade. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 6. ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 470-490.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 6. ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2007.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 6. ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 17-36.

BESSA, D. *Charges eletrônicas das eleições 2006: uma análise de discurso crítica*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

BESSA, D. *Cidadãos e cidadãs em situação de rua: uma análise de discurso crítica da questão social*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

BRASIL. *Decreto n° 7.053/2009, de 23 de dezembro de 2009*. Política Nacional para a População em situação de Rua. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia de Assuntos Jurídicos, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm. Acesso em: 10 jun. 2023.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 abr. 2024.

BRASIL. *Decreto n° 23.836, de 22 de março de 2013*. Institui a Política Municipal para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial. Diário Oficial do Município de Salvador, Bahia, 22 mar. 2023.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Sumário Executivo da Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua*. São Paulo: Meta Instituto de Pesquisa de Opinião, 2008.

BRASIL. *População em situação de rua: diagnóstico com base nos dados e informações disponíveis em registros administrativos e sistemas do Governo Federal*. Brasília, DF, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/relat_pop_ua_digital.pdf. Acesso em: 16 nov. de 2023.

BUARQUE, C. *O que é apartação: o apartheid social no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BURSZTYN, M.; ARAÚJO, C. H. *Da utopia à exclusão: vivendo nas ruas de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond. 1997.

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Tradução de Iraci D. Poleti. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgo: Edinburgh University Press, 1999.

CONSTRUÇÃO da cobertura da parte externa do Mercado tem início. Bahia Extremo Sul, Teixeira de Freitas, 09 junho. 2020. Disponível em: <https://www.bahiaextremosul.com.br/construcao-da-cobertura-da-parte-externa-do-mercadao-tem-inicio>. Acesso em: 14 mar. 2023.

DELGADO, M. G.; PORTO, L. V. *Introdução ao Welfare State: construção, pilares estruturais e sentido civilizatório*. Revista da Faculdade Mineira de Direito, v. 22, n. 43, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/Direito/article/view/20212>. Acesso em: 25 mar. 2024.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). *PEC n° 241/2016: o novo regime fiscal e seus possíveis impactos*. 2016. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/notatecnica/2016/notaTec161novoRegimeFiscal.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Coord. trad. revisão e prefácio à ed. brasileira Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. 2. ed. UK: Pearson Education, 2010.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. 3. ed. New York: Routledge, 2015.

FAIRCLOUGH, N. A dialectical-relational approach to critical discourse analysis in social research. In: WODAK, R.; MEYER, M. (eds.). *Methods of critical discourse studies*. 3. ed. Londres: Sage, 2016. p. 87-108.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Tradução Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 6. ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 64-89.

GIORGETTI, C. *Moradores de rua: uma questão social?* São Paulo: Fapesp, Educ, 2007.

GOMES, L. M. F. C. Teixeira de Freitas – ditos e não ditos: uma cidade em disputas de memórias. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2015, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: UFSC, 2015. *online*. Disponível em: https://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439506786_ARQUIVO_TeixeiradeFreitas-DitoseNaoDitos.pdf. Acesso em: 13 mar. 2024.

GOOGLE MAPS. *Mapa da cidade de Teixeira de Freitas – BA*. Disponível em: <https://goo.gl/maps/End34S758xGZkySXA>. Acesso em: 07 jun. 2023.

HALLIDAY, M. A. K. *Introduction to Functional Grammar*. London: Hodder Arnold, 2004.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Informações por cidades e estados: Teixeira de Freitas*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/teixeira-de-freitas.html>. Acesso em: 10 nov. 2021.

LIMA, F. D. S. *A violência e o medo em Teixeira de Freitas – BA e seus reflexos nas formas de uso e consumo dos espaços livres públicos (ELP's) pela juventude*. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MAGALHÃES, I.; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MARX, K. *O Capital – crítica da Economia Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MENDES, K. T.; CHAGAS, D. P.; PENNA, L. H. G. Saúde, cidadania, drogas e situação de rua: reflexões e caminhos para novas concepções. In: RODRIGUES, I. S.; FERNANDES, D. C. (orgs.). *Cidadãos em situação de rua: dossiê Brasil – grandes cidades*. Curitiba: CRV, 2020. p. 71-87.

NATALINO, M. A. C. *A População em situação de rua nos números do Cadastro Único*. Rio de Janeiro: Ipea, mar. 2024. 57 p. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12642/7/TD_2944_web.pdf. Acesso em: 04 de maio de 2024.

NATALINO, M. A. C. *Estimativa da população em situação de rua no Brasil (2012-2020) - Nota Técnica [online]*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; 2023. 20 p. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11604/4/NT_103_Disoc_Estimativa_da_Populacao.pdf. Acesso em: 16 mar. de 2023.

NATALINO, M. A. C. *Título do Texto para Discussão*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2023. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12642/4/Publicacao_expressa_TD_2944_A_populacao_em_situacao_de_rua.pdf. Acesso em: 04 de maio de 2024.

OLIVEIRA, L. M. Atenção à saúde das pessoas usuárias de drogas e internações psiquiátricas. In: GRINOVER, A. P.; ALMEIDA, G. A.; GUSTIN, M. B. S.; LIMA, P. C. V.; IENACO, R. (orgs.). *Direitos Fundamentais das Pessoas em Situação de Rua*. 2. ed. Belo Horizonte: D'Plácido, 2014. p. 471-496.

ROCHA, D. *Alguns fatos históricos da cidade de Teixeira de Freitas*. 2015. Disponível em: http://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/n/?page_id=348. Acesso em: 03 jan. 2023.

RODRIGUES, I. S.; FERNANDES, D. C. (org.). *Cidadãos em situação de rua: dossiê Brasil – grandes cidades*. Curitiba: CRV, 2020.

RODRIGUES, I. S.; FERNANDES, D. C.; DELGADO, L. P.; PENNA, L. H. G. A gênese social da situação de rua no Brasil. In: RODRIGUES, I. S.; FERNANDES, D. C. (org.). *Cidadãos em situação de rua: dossiê Brasil – grandes cidades*. Curitiba: CRV, 2020.

ROSA, C. M. M. *Vidas de rua, destino de muitos*. CD-ROM, Pesquisa Documental – um conjunto de reportagens jornalísticas publicadas sobre população de rua na cidade de São Paulo de 1970 a 1998. São Paulo: Instituto de Estudos Especiais da PUC-SP, 1999.

ROSA, C. M. M. *Vidas de rua*. São Paulo: Hucitec / Associação Rede Rua, 2005.

ROSANVALLON, P. *A nova questão social: Repensando o Estado Providência*. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 1998.

SANTOS, A. S. *Situação de rua em Teixeira de Freitas (BA): representações discursivas em notícias sobre ações de políticas públicas e de atos solidários*. 2023. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia, Teixeira de Freitas, 2023.

SARMENTO, I. V. M. *A ineficácia das políticas públicas destinadas à população em situação de rua*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020.

SILVA, M. L. L. *Trabalho e população em situação de rua no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2009.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA.

Estatísticas dos municípios baianos: territórios de identidade. Salvador: SEI, v. 4, n. 1, 2013.

Disponível em:

https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2441&Itemid=284&lang=pt. Acesso em; 13 mar. 2024.

STAKE, R. E. *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Trad. Karla Reis. Porto Alegre: Penso, 2011.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. *Perfil dos Territórios de Identidade*. Salvador: 2015. Disponível em:

https://www.sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/perfil_dos_territorios/territorio_identidade_vol01.pdf. Acesso em: 03 fev. 2023.

TEIXEIRA: pessoas em situação de rua ficam expostas ao perigo do coronavírus. O Sollo, Teixeira de Freitas, 24 março. 2020. Disponível em: <https://osollo.com.br/teixeira-pessoas-em-situacao-de-rua-ficam-expostas-ao-perigo-do-coronavirus/>. Acesso em: 21 fev. 2023.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9. ed. Trad. Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da Pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis: Vozes, 2011.

VAN LEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997. p. 169-122.

VIEIRA, M. A. C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M. *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo: 1992.

WANDERLEY JUNIOR, B.; SILVA, C. R. V. As pessoas em situação de rua e o Sistema interamericano de direitos humanos: importante instrumento em prol da dignidade humana. In: PELLEGRINI, A.; ALMEIDA, G. A. A.; GUSTIN, M.; LIMA, P. C. V.; LENNACO, R. (orgs.). *Direitos Fundamentais das Pessoas em Situação de Rua*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016. p. 65-81.

WODAK, R; MEYER, M. (org.). *Methods of critical discourse analysis*. 2. ed. (atualizada e modificada). Londres: Sage, 2009, p. 162-186.

WODAK, R; MEYER, M. (org.). *Methods of critical discourse studies*. 3. ed. Londres: Sage, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS X
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa seguirá os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F () M ()

Data de nascimento: ____/____/____ Telefone: (____) _____

Endereço: _____

Complemento: _____ Bairro: _____

Cidade: Teixeira de Freitas (BA) CEP: _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** O DISCURSO DO OUTRO SOBRE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM TEIXEIRA DE FREITAS (BA)
2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Carlos Henrique Alves dos Santos
Cargo/Função: Mestrando

III – EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar da realização do projeto *O discurso do outro sobre pessoas em situação de rua em Teixeira de Freitas (BA)* de responsabilidade do pesquisador Carlos Henrique Alves dos Santos, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, vinculado ao Departamento de Educação – *Campus X* da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, que tem como objetivo: analisar a problemática social da situação de rua por meio da realização de entrevistas com comerciantes, moradoras/es da cidade, estudantes e transeuntes que convivem com pessoas em situação de rua em Teixeira de Freitas (BA), de modo a compreender relações linguístico-discursivas, perspectivas ideológicas e correlações com práticas sociais.

A realização desta pesquisa não trará risco imediato ao(à) senhor(a), mas há possibilidade de um risco subjetivo, pois algumas perguntas podem se referir a sua atuação profissional, também haverá gasto de tempo para a sua participação na pesquisa. Caso isso seja um agravante, o(a) senhor(a) poderá desistir de participar e retirar sua autorização; a recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Os benefícios relacionam-se ao conhecimento a ser produzido por esta pesquisa, a sua disseminação e a possibilidade de melhorar a visibilidade em relação à problemática no município, no qual as pessoas que tiverem acesso à pesquisa poderão ampliar suas reflexões a respeito dessa realidade. Além disso, poderá ser utilizada como fonte de

informação para melhores meios de intervenção, tendo em vista a atualização de dados acerca da problemática, incluindo o contexto da pandemia da Covid-19 no município.

Assinando o termo, o(a) senhor(a) participará da entrevista respondendo a perguntas formuladas pelo pesquisador **Carlos Henrique Alves dos Santos**, do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, e terá gravação em áudio. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o(a) senhor(a) não será identificado(a). Quaisquer dúvidas que o(a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o(a) senhor(a), caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da UNEB. De acordo com as leis brasileira, o(a) senhor(a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

IV. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Carlos Henrique Alves dos Santos

Endereço: Rua Belo Horizonte, nº 187 – Wilson Guimarães Soares. CEP: 45.987-018

Telefone: (73) 99819-1446 E-mail: carloshenrique.ceu@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Prédio da Reitoria, 1º andar, Cabula, Salvador - BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido(a) pelo pesquisador sobre os objetivos, benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **O discurso do outro sobre pessoas em situação de rua em Teixeira de Freitas (BA)** e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade. Como voluntário, consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e a outra a via a mim.

Teixeira de Freitas (BA), ____ de _____ de 2023.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador mestrando
(orientando)

Assinatura do professor responsável
(orientador)

ANEXOS

ANEXO A – ENTREVISTA 1 – MARIA (COMERCIANTE)

1. Pesquisador: É... você já observou se aqui em Teixeira de Freitas têm pessoas que vivem nas ruas? Que dormem nas ruas? Conte um pouco sobre isso.

2. Maria: Olha... no momento, éé, é o que a gente tá mais vendo, né? Na nossa cidade de TEIXEIRA DE FREITAS, uma cidade né, que tá crescendo muito, mais em termo... é, dessa questão aí, éé, tá crescendo muitas pessoas moradoras de rua na cidade.

3. Pesquisador: Se você precisasse explicar pra alguém que não tem conhecimento dessa circunstância que acontece no país, como explicaria?

4. Maria: Como?...

5. Pesquisador: Por exemplo, alguém que mora fora do país... [ham] chega em Teixeira de Freitas vê ali as pessoas, né, nas ruas, como é que você explicaria pra ela essa situação? [sim, sim] que ela não conhece?

6. Maria: Eu explicaria de uma forma que... é, cabe conhecimento dos ÓRGÃOS PÚBLICOS, né? De tomar uma ATITUDE, né? De, éé... rever essa situação e arrumar um lugar, né? Pra cada um deles, né? Não só com conversa, chegar aqui, ver eles aí na rua, vou te ajudar, NÃO, tem que vir uma equipe, né? Tomar conhecimento-conhecimento da prefeitura, né? Dos órgãos públicos, dos políticos, né? Pra rever essa situação / porque muitos estão aí também, é, cada um deles tem um histórico familiar, né? Então eles precisam de ajuda, né?

7. Pesquisador: Como seria uma sociedade sem esse problema?

8. Maria: Seria... muito melhor, né? Não sei se o termo de muito melhor, isso que tô falando, né? Mas seria melhor, né? Porque todos eles precisam viver, precisa, é... socializar também igual a gente, né? Precisa no meio da família, a família é algo mais precioso que Deus deu pra nós, então eles precisam de... tá nesse meio com a convivência com a família, né? É isso, né?

9. Pesquisador: Por que esse problema existe?

10. Maria: Muitas vezes é... falta de... diálogo, né? Muitas vezes no meio da família, no meio da sociedade, né? Ajuda né... tanto espiritualmente, né? Quanto materialmente, né? E... éé... / de tentar... nós tentarmos ajudar eles assim de uma maneira que cabe a eles, né? Entender que eles precisam de ajuda, né? E é isso.

11. Pesquisador: Quais são os motivos que você considera que levam o indivíduo a recorrer à rua como local de sobrevivência?

12. Maria: É como eu falei, né? É por conta que muitas vezes, eles... é, o histórico familiar que eles têm na casa deles, né? Aí muitas vezes lá eles não querem ter compromisso, né? Ou nada não quer estudar, nem trabalhar e aí assim, muitas vezes eles se envolvem... na... no

vício, né? Aí em casa eles não têm o vício, não podem, né? E eles acabam recorrendo indo pra rua, porque-porque na rua eles vão achar, o que eles não tão achando em casa, né?

13. Pesquisador: Como a senhora imagina que seja a rotina dessas pessoas? O dia a dia delas?

14. Maria: Ó... eu trabalho aqui no comércio aqui em Teixeira de Freitas, eu vejo aqui que... muitas vezes, o convívio deles aqui não é muito bom/ uma hora eles estão assim... sóbrio, outra hora estão alcoolizados, tão drogados, agora mesmo tem um ali na porta, ó.. aquela moça ali, uma hora ela tá boa, mas têm hora que ela tá péssima, né? Drogadas, alcoolizadas, né? E isso, muitas vezes, entristece até a gente que tá aqui que convive e tá vendo essas coisas, né?

15. Pesquisador: Essas pessoas... elas geralmente elas são daqui ou vem de outro lugar?

16. Maria: Ó... pela informação que... eu trabalho aqui no comércio de Teixeira de Freitas/ é... muitas pessoas falam / que... são de outras cidades. Eu já estive conversando com algum deles e realmente, eles me falaram que não são daqui, uns são de Porto Seguro, outros é de Itabuna, aqui mesmo têm um índio que tem mais de oito anos em que eu trabalho aqui na... no comércio de Teixeira de Freitas, tinha uma turma aqui com ele, né? E... tudo de fora, e assim... é, uns por a gente mesmo conversar com eles, né? Apoiar eles, uns foi pro... como é que fala aquela casa de?... recuperação, né? Foi pra casa de recuperação, né? Se ergueu é... Tem o Manaim mesmo ali que recolhe eles, né? Se ergueu. Tem um outro também que trabalha até ali numa granja, né? Era de rua também. A gente conversava com ele, né?... Aí graças a Deus ele quis mudança, né? E aí se ergueu. E o índio permanece aí, até uns já morreram aí, né? E o índio, é... os filhos deles veio de fora, de Itabuna, segundo ele é de lá, né? Levou ele, ele tava bonzinho, aí por conta do vício que não quer ter compromisso, né... uns / mora família aí voltou de novo e tá ali numa situação precária, ele não anda mais, ta na cadeira de roda, né? Depois se você quiser até ir ali pra dar uma olhadinha, não sei de ele tá ali hoje, têm um segurança ali porque tava muito / é... colocou porque tava muito... perigoso aqui, já tava até implicando com os clientes, entendeu? É... implicando com os clientes... sábado mesmo / a moradora de rua... ela quis agredir a cliente na porta porque estava chamando um Uber pra pegar ela aqui... ela achou que tava filmando né? Ela, né? Ela até... a cliente teve que mostrar pra ela o celular que realmente estava chamando o Uber, entendeu? E aí... uma confusão aí... um imprevisto mesmo.

17. Pesquisador: Elas costumam ficar onde na cidade? Essas pessoas?

18. Maria: Ó, antes de...

19. Pesquisador: A senhora já citou aqui, alguns lugares...

20. Maria: Já-já... antes de formar a Praça da bíblia ali... eles ficavam muito ali e aqui, né? E eu creio que em vários lugares de Teixeira de Freitas. Uns dois anos pra cá, uns três anos pra cá não tinha tanto, mas agora tá tendo muito, né? Pelo o que eu vejo, é... tem aqui na Praça da Bíblia, tá por toda parte aqui em Teixeira de Freitas, né? Fiquei sabendo que veio... não sei se é boato ou se é algo que as pessoas costumam dizer, né? Que veio um carro de fora e soltou

um monte deles aqui em Teixeira de Freitas, só não sei se isso é verdade, né? Mas sobre esse fato, essa fala da pessoa que falou isso, é... faz sentido porque realmente encheu muito.

21. Pesquisador: E isso foi quando? Recente?

22. Maria: Foi recente, de uns dois anos pra cá.

23. Pesquisador: O que elas mais fazem nas ruas?

24. Maria: Se drogam, prostituem, né?... é... se drogam, prostituem, várias coisas ruins, né? E... nenhum ser humano, né? Que a gente vê, não gostaria né, que eles passassem por isso né... ali perdeu a vergonha, a dignidade, o caráter, né? É isso. Essa menina que passou ali agora, o dia que ela chegou para aí, ela tava com um filhinho no colo dando mamar, aí o que que ela fez? Veio gente da família e tomou a criança dela e levou... agora tá assim, oh!

25. Pesquisador: A senhora acha que a falta de emprego impacta a renda dessas pessoas? Se sim, por que?

26. Maria: Ó, muitas vezes as pessoas é por falta de oportunidade que não tem, né? Eu mesmo pra mim arrumar meu primeiro emprego, foi por... aqui em Teixeira de Freitas foi através de indicação, fulano me conhece e tal e tal, aqui em Teixeira, uns dez anos atrás existia muito isso, né? Hoje eu creio que está melhor de emprego, mas assim e... sobre oportunidade também é a gente também, muitas vezes, podemos gerar nossa oportunidade, né? Tipo assim, você não trabalha hoje de carteira assinada, mas você pode tá aprendendo alguma coisa, né? Fazendo alguma coisa, pois, né? Fazendo um salgado, fazendo artesanato, né? Até uma oportunidade melhor chegar. Que nem no meu caso, eu nunca fiquei parada sem fazer nada, né? Eu já tenho vinte anos que eu trabalho assim no comércio, né? Mas antes eu fazia outras coisa, né? Eu fazia artesanato, já fui até babá de criança, né? E... trabalhava em mercado eu e minhas irmãs, somos quatro, né? Meu pai tinha comércio, né? E até hoje todo mundo trabalha no comércio, então muitas vezes a oportunidade quem faz também é a gente.

27. Pesquisador: Essa circunstância, as pessoas vivendo desse jeito, a senhora acha que começou quando?

28. Maria: Ah, isso aí tem muito tempo atrás, né? Tem um tempinho muito bom, uns anos aí atrás... / Isso aí na realidade sempre existiu, né? Os morador de rua, mas aqui em Teixeira de Freitas mesmo, é... tem um bom tempinho, um bom tempo que tem esse pessoal aí nas ruas, em que o povo tem que tomar conhecimento disso JÁ, É... porque se continuar assim, os comerciantes não vai mais poder trabalhar, né? Porque tem dia que isso aqui.... hoje não tá muito né porque tá um segurança aí, mas tem dia que isso aqui é um LIXÃO na calçada, é... todo dia a gente lava essa porta e muitas vezes fazem as necessidades deles fisiológica aí, tem hora que um mesmo, a hora que não da tempo alguém pegar ele mesmo, ele faz tudo aí, a gente não suporta o mau cheiro, né?

29. Pesquisador: Qual seria a solução para essa questão?

30. Maria: É como falei, os órgãos públicos, né? Tomar conhecimento, né? Que já sei que eles já tem e tomar uma ATITUDE, não só conhecer. Não só conhecimento, mas tomar atitude né? Resolver a situação, né? Que tá de mal a pior.

31. Pesquisador: A gente já tá caminhando para fechar. Esse assunto é abordado pelos meios de comunicação? Internet, rádio, TV? Como é abordado?

32. Maria: Muitas vezes sim, né? É... e muitas vezes não, né? Muitas vezes vê a situação e fingem que tá surdo e mudo, não tá vendo nada, então... Teixeira tem que ACORDAR pra isso, pra realidade do que tá acontecendo, né? Teixeira é uma cidade linda, maravilhosa, eu amo essa cidade, né? Mas também, os órgãos públicos tem que tomar conhecimento, né? E... ter atitude, né? De fazer algo por estas pessoas também que não merecem viver também nessa vida, né? Eles não merecem viver também nessa vida, eles merecem ter também a família que apoia eles, uma vida digna, né? Reerguer no meio da sociedade, né? Eles também são seres humanos.

33. Pesquisador: E a administração pública, o governo, eles prestam assistência a essas pessoas? A senhora acha que presta assistência?

34. Maria: Ó, pelo o que eu fiquei sabendo assim, a maioria deles aí, alguns recebem auxílio, né? Os que é doente, né? Mas essa situação de ser de rua ninguém toma atitude não. Pelo menos aqui em Teixeira não estou vendo isso não. A assistência social vem aí e só conversa com eles, mas não faz nada não.

35. Pesquisador: Você acha que essas pessoas têm direitos assegurados?

36. Maria: Assegurados?... Tipo...

37. Pesquisador: Direitos específicos deles.

38. Maria: Sim, desde o momento que eles se estabelecem no meio da sociedade, né? Sim, mas assim com a convivência na rua eu acho que não porque muitas vezes quando eles for comer, eles não comem, se for pra cuidar deles ali tem que ter uma pessoa, né? Que vem trazer alimentação pra eles, remédio, né? Uma ajuda assim, né? Como é que vai dar um dinheiro assim nessa situação que eles estão, eles não vão investir neles, muito pelo contrário, eles vão é se drogar, alcoolizar, né? E é isso, né?

39. Pesquisador: Existe preconceito contra elas? Por quê?

40. Maria: Muitos tem, né? Por quê? As vezes não é nem preconceito... Como é que é seu nome?

41. Pesquisador: Carlos.

42. Maria: Ó Carlos as vezes não é nem preconceito, é o medo mesmo, né? Porque muitas vezes, nós aqui já sabe como é que eles são, né? A gente, tem um pouquinho de receio, né? As

vezes a pessoa, igual aquela senhora tá ali, ela não vai passar no meio deles aqui com medo de abordar ela, tomar uma bolsa, né? Como já aconteceu, a moradora de rua, a cliente estava na porta da loja, ela veio de lá com um chinelo e atacou a cliente, né? E... é isso, né? Muitas vezes não é preconceito, é medo, né? De algo, de agressão física, né? Palavras, né? É isso.

43. Pesquisador: O que você espera do futuro como pessoa?

44. Maria: Eu sinceramente, eu não espero muita coisa boa não porque a bíblia, a palavra de Deus, né? Ela se cumpre a cada dia, né? E ela tem que se cumprir, né? E... Jesus está às portas, né? Aí a minha colega falando que ela já ganhou até pedrada nas canelas e foi verdade, de uma moradora de rua. E... Temos que buscar um pouquinho na palavra de Deus, né? E... final dos tempos, né? A palavra de Deus, né? Já existiu isso, né? Muito antes de Jesus voltar, né? É... Deus mandou ele pra nos salvar, né, mandou ele na cruz do calvário, né? Então é isso, né? E... assim, né? É... a palavra tem que se cumprir e a palavra de Deus diz que neste mundo tereis aflições, né? Mas tende bom ânimo, né? Que Jesus venceu e nós também podemos vencer, né? Mas pra isso a agente tem que buscar a cada dia, né? A presença de Deus, né? A palavra de Deus, né? E botarmos em prática porque o espírito santo ele não é mal educado, ele é bem educado, ele só entra na vida da pessoa se a pessoa permitir, né? A pessoa não querer ele não vai entrar, quem entra na vida da pessoa sem permissão é o diabo, né? // E a vinda de Jesus está próxima, né? Então a cada dia nós temos que estar, né? Se preparando mais e mais para vinda gloriosa do senhor Jesus.

45. Pesquisador: Algo a mais que você queira conversar sobre esse assunto? Mais alguma coisa? Algo que eu não abordei?

46. Maria: É... não, só se for algumas das meninas que querer falar alguma coisa. Pois é, e é isso né, os órgãos públicos deveriam ver isso aí porque na hora que eles vem pedir voto pra gente, né? A gente vota e eles têm que olhar pra gente, né? Porque se nós colocamos eles lá é pra isso, né? Pra quando precisarmos, né? Está também pronto para nos atender, então é isso.

ANEXO B – ENTREVISTA 2 – PEDRO (COMERCIANTE)

47. Pesquisador: Você já observou se aqui em Teixeira de Freitas têm pessoas que vivem nas ruas? Que dormem nas ruas? Conte um pouco sobre isso.

48. Pedro: Olha, meu nome é Pedro, eu sou comerciante aqui há... trinta anos, de uns... de uns dois anos pra cá, depois da epidemia... as coisas tão mudando... têm pessoas aqui que têm os familiares deles, a mãe, o pai, vem buscar, eles volta... de novo, fica dois, três dias lá com os pais, vem limpinho, depois RETORNA de novo aqui pro centro de Teixeira de Freitas... hoje aí nós tamo vivendo um caos... porque ó Carlos... você, aqui no mercado, eu já trabalho a mais de (retirado para não identificar o participante) anos, não tinha esse tanto de pessoas na rua... tem jovem, tem jovem aí de dezoito, vinte, vinte e cinco anos / senhores de idade, não sei o que tá acontecendo não, nós estamos aqui... eu... no fim de semana, ali perto do banco Mercantil que sou cliente lá... poxa vida... tem a casa Cazelli, do outro lado uma farmácia... eu contei QUARENTA PESSOAS, esse grupo inclusive entre mulheres, homens, até duas crianças, correndo na calçada, fiquei assim de queixo caído. O que que tá acontecendo... com o nosso país? / vou começar, eu que sou um cara PATRIOTA, vamos começar pelos governos aqui da Bahia, você vê alguma associação mantida por esse povo? Não... (Trecho suprimido por conter dados que não atendem aos objetivos da pesquisa).

49. Pesquisador: Se você precisasse explicar pra alguém que não têm conhecimento dessa circunstância que acontece no país, como explicaria?

50. Pedro: Não entendi.

51. Pesquisador: Por exemplo, chega uma pessoa de fora, de outro país, chegou aqui no Brasil, aqui em Teixeira de Freitas viu aquela situação ali, não sabe o que está acontecendo, como é que o senhor explicaria para a pessoa?

52. Pedro: Olha, não precisa muito não, essa pergunta cai em cima de mim... que eu faz quarenta dias que eu cheguei dos Estados Unidos, e... eu fui passar as férias lá, tirei trinta dias pra mim e acabei ficando quarenta. E... um dos meus genro é americano, três anos atrás que ele veio passear aqui em Teixeira de Freitas... / ficou indignado, com as pessoas, não com as pessoas, com os administradores... da cidade. Como é que pode rapaz? Uma cidade igual Teixeira de Freitas... aonde você vai é poeira, ele foi conhecer o Prado, Alcobaça, quando ele entrou em Alcobaça, ali na avenida Atlântica, tinha mais lixo do que gente... aí não quis ficar, / aí ele foi pro Prado, o mesmo... / a mesma situação, nós fomos até Barra de Cahy lá ele... ficou mais animado. Aí ele foi para Porto Seguro ficou dez dias lá, retornou pra Teixeira de Freitas, pegou o avião e foi se embora. Até hoje eu tenho que pagar esse mico pra ele. Aí ele vira e fala pra mim: e aí? E aí painho? Como é que tá sua cidade lá? Continua a mesma? Eu falo, rapaz pelos dirigentes do governo estadual que tá lá comandando a dezesseis anos, continua a mesma coisa. Agora na nossa cidade, pelo menos agora entrou um jovem que ta reconstruindo a cidade... não sei se ele vai ganhar na próxima porque o povo não gosta de pessoas que trabalham, pessoas com dignidade, sem roubo, eles gostam é de bandido, entendeu? O povo brasileiro é isso, vive de oportunidade, se o cara dar um pacote de

macarrão pra ele tá bom, ele não pensa para o dia de amanhã não. Isso aí é cinquenta por cento da população brasileira. Eles gostam é de oportunidade, é tudo no fácil, eu tô aqui a quarenta anos batalhando, sou aposentado sim, paguei trinta e um anos de INSS, tenho o prazer de falar... por causa que eu sou aposentado, ganho meus dois ou três salários-mínimos que eu paguei, conquistei, mas setenta por cento das pessoas nunca pagaram INSS. Entendeu? Eles não pensam no dia de amanhã... Assim é o Brasil.

53. Pesquisador: Como seria uma sociedade sem esse problema?

54. Pedro: Rapaz, todo país tem seu problema... A América também tem seu problema com esse tipo de gente, mas eles... eles tem uma ajuda de custo do governo muito bom lá, e o governo interna mesmo, tem um lugar lá pra eles mesmo, esse pessoal que andam de rua, a polícia pega, leva e leva pra internar... os governos lá, só não sei a Europa, mas eu vou muito pro Canadá, pros Estados Unidos, de seis e seis meses eu tô indo... Você vê um povo diferente, apesar que os países lá, o verão lá é curto, é mais inverno do que verão, eles não deixam esse pessoal abandonado e aqui é normal... / se você pega-pega um cidadão desse aqui pra internar ele ou pra, talvez até os dirigentes, os governantes gostaria de ter um lugar pra eles, lá tem comida, tem dentista, tem médico, tem um internamento pra ele, pra-pra cuidar... não tem... você que tá me entrevistando aqui, se você me informar, eu gostaria de saber, se tem algum internato pra esse tipo de gente. Pra eles ficar lá pelo menos uns quinze a vinte dias, um ano pra cuidar dele, não tem. Aí as vezes os parente daquela pessoa é pobre, não tem condições de pagar pra levar pra um particular, aí se torna desse jeito. Não sou nada contra eles não, só falta um pouquinho de oportunidade.

55. Pesquisador: Quais são os motivos que você considera que leva o indivíduo a recorrer a rua como local de sobrevivência?

56. Pedro: A droga, O ÁLCOOL, eles se entregam.

57. Pesquisador: O que elas mais fazem nas ruas?

58. Pedro: Bebendo, fumando, usando droga... e pedindo um e outro um real, dois real, é assim que funciona.

59. Pesquisador: Você acha que a falta de emprego impacta a renda dessas pessoas? Por quê?

60. Pedro: Emprego tem muito meu irmão, tem muito emprego é coragem que não tem... isso não é só por esse pessoal não, pessoas de rua não, pra outras pessoas normais mesmo, eles não quer nada, você pega... eu lembro que... ah... vinte anos atrás eu tinha duas funcionárias de limpeza, eu tinha uma pra cozinhar e a outra pra limpeza, cê entendeu? Eram duas funcionárias, duas empregadas domésticas, uma era pra cozinhar e outra pra fazer limpeza. E ainda tomavam conta de duas crianças que tinha era tudo de menor, e nós saía pra batalhar, e não era uma... pagava um salário na época. Hoje ninguém quer ganhar um salário pra ser doméstico e pra... ou pra fazer limpeza. Então você convida uma pessoa pra fazer uma limpeza na sua casa, ela marca pra amanhã e só vem daqui a quinze dias. Entendeu?

61. Pesquisador: Como é que você se sente quando vê essas pessoas nas ruas?

62. Pedro: Vish! Deixa eu falar pra você, é muita dor no coração. Isso dói em mim... por causa que eu nasci e sou pobre, eu nasci pobreco, minha mãe, ela... a gente era tão pobre que se você chegasse da escola, não tinha nada pra comer... só tinha aquele feijãozinho lá, cê pegava farinha, misturava com caldo ali e comia... / e a gente foi à luta meu irmão, eu com dez anos minha mãe nos botou no ônibus e foi para São Paulo. Eu era o mais velho e hoje... nós não foi usuário de drogas, essas coisas não. Eu fui registrado com quatorze anos de idade, olha meu amigo, é o que esse pessoal fizeram, eu aqui provo, carteira profissional, eu fui registrado com QUATORZE ANOS DE IDADE, ganhava meio salário mínimo, quando menor ganhava meio salário mínimo, hoje o cara com vinte e um ano tá comendo do pai e da mãe... agora você fica: isso tá certo? A sociedade ver um cara de vinte e cinco anos, vinte anos chegar na casa da mãe e do pai, pais já coroa, em vez deles cuidar do pai e da mãe, não. Pega a aposentadoria pra dar comida um gigante daquele, aí-aí pra ir pra balada, aí lá pra essas... é... de musculação... ah. Aí tem, mas acorda meio dia, acorda dez horas, chega tá o cafezinho na mesa, ele sai, é desse jeito que tá funcionando.

63. Pesquisador: Essa circunstância, as pessoas vivendo desse jeito, o senhor acha que começou quando?

64. Pedro: Rapaz, isso aí é uma coisa, essa pergunta pra você pra mim não... isso já vem da humanidade... era menos, era menos... eu quando tava com dezoito anos... eu pensava diferente, meus irmão pensou diferente. O outro irmão meu totalmente diferente, o outro mais o caçula diferente. Nós foi criado no trabalho, a gente de menor, um foi trabalhar em supermercado, outro foi trabalhar na lanchonete, de menor, ganhando a metade do salário mínimo, e a gente ajudava dentro de casa, nós era pai e trabalhavam pra sustentar dentro de casa, hoje ninguém vê isso mais, na juventude, não paga nem a conta de luz pro... pros idosos que tá criando lá, eles só quer boa vida.

65. Pesquisador: Qual seria a solução para esta questão?

66. Pedro: Rapaz, aí... não vai ter solução não. Eu lembro uma vez que eu tava com dezessete anos, Edson Arantes do Nascimento, Pelé, foi criticado, só faltou prender ele, uma vez, que ele falou que: gente cuida das nossas crianças que quando chegar, quando tiver com trinta ano, esse país vai ser demolido. Ninguém tomava conta de nada... / todo mundo, eu lembro daqueles jornalistas, só falava mal, quando diz que Pelé só falava besteira, cuida das nossas crianças, quem é que cuida hoje meu Deus?! Quem é? As crianças é o futuro pra esse mundo, hoje eles tão querendo... eu acabei de chegar... se eu falar um negócio aqui pra você... eu falo tem uns dez dias que eu cheguei de viagem, eu fiquei uns quarenta dias que tava lá, que eu falei pra você. Eu vi um / / desculpa. Eu vim saber de um canal espano lá, falando dos ministro e os deputado... uma ministra não sei o nome dela agora. Votou a favor do aborto... GENTE, os cara dando risada lá... dando risada de nós brasileiro. Olha pra você vê aonde que o Brasil chegou.

67. Pesquisador: Esse assunto, ele é abordado pelos meios de comunicação, internet, rádio, TV? Como que é abordado?

68. Pedro: Como assim?

69. Pesquisador: Sobre as pessoas nas ruas. Como é que é abordado na televisão?

70. Pedro: Ah, isso não da audiência não meu irmão... isso não dá audiência não, hoje os meios de comunicação quer é audiência, eles quer tá lá com um oitenta ponto cinco, eles não ligam pra isso não rapaz. Nunca que canal de televisão aberta ou fechada preocupa com isso... com essas pessoas não... agora meu irmão, acabou, cê pode ver, cê pode hoje, aquele tanto de morador de rua que tem lá em São Paulo lá, aquilo que chama Cracolândia... todos os governos que chega lá que entra quer ajudar aquelas pessoas, levar ali um tratamento pra levar para a sociedade, mas a lei não deixa, como é que você vai cuidar? Se pega... se pega um cidadão desse aqui de rua de Teixeira de Freitas e dar um banho, dar uma roupa neles, capaz que é você que vai preso. Você fez sem a autoridade dele, tem que ser... tem que levar ele se ele quiser... fala: meu amigo vamo ali, eu dou um banho, dou uma roupa pra você ter, eu mando cortar seu cabelo, eles não aceitam. Se você leva a pulso, é você que vai preso, a lei não obriga isso aí também não.

71. Pesquisador: E a administração pública, o governo, presta assistência a essas pessoas? Você já ouviu falar de alguma?

72. Pedro: Essa aí eu vou pular por causa que eu não tenho certeza, se eles ajudassem seria outro ... outro clima né?

73. Pesquisador: Você acha que essas pessoas têm direitos assegurados?

74. Pedro: Ó meu amigo, todo cidadão que nasce tem direitos assegurados. Ninguém ta falando aqui quem tá certo, quem tá errado, tem que ter um tratamento pra esse pessoal, mas aonde que se leva um cidadão desse que tá passando por um período que todo mundo tem cura meu irmão, Deus deu a vida a todos, se pegar um cidadão desse aí, pra ajudar, a justiça não deixa.

75. Pesquisador: Existe preconceito contra elas?

76. Pedro: Olha amigo, chega uma hora-chega uma hora que a sociedade fica preconceituoso por causa que... / as vezes você vê um cidadão mesmo sentado aí, coração seu dói, você fala: oh meu Deus! O que que tá acontecendo? As vezes até você conhece a pessoa, tem aqui mesmo que é amigo da gente, GENTE, eu já consegui vender pra família dele toda, roupa para as crianças dele, vendia roupa para a criança dele, ele comprava na minha mão... assim, na época vestia as criança, e hoje ele deixou a família pra viver na rua. Aquilo dói, eu falo oh, não vou falar o nome dele aqui, mas eu falo, oh rapaz vai pra sua casa rapaz, cê tem uma família maravilhosa, aí ele fala: Oh patrãozinho, ele fala bem assim comigo, NÃO SE METE COM MINHA VIDA, EU TÔ DESSE JEITO PORQUE EU QUERO, cê conhece eu a mais de vinte anos. Eu falo rapaz, mas sai dessa vida, eu acho que todo teixeirense conhece ele, eu não vou falar o nome dele pra não prejudicar ele, mas todo teixeirense conhece ele, era um cara trabalhador, cê precisava de ver, mas entregou à cachaca, a família maravilhosa, eu conheço os três filhos dele, a mulher dele, poxa, e eu ver meu amigo velho meu jogado as traças, mas a família pega ele, da um banho, depois ele volta de novo.

77. Pesquisador: A gente já tá caminhando pra fechar, o que você espera do futuro como pessoa?

78. Pedro: Meu amigo eu já falei o que tinha...

79. Pesquisador: Algo a mais que você queira falar sobre esse assunto, falar mais alguma coisa, algo que eu não abordei?

80. Pedro: Rapaz, cê abordou tudo que a gente tinha vontade de falar, essa pesquisa foi uma das melhores que já teve aqui, eu não sei até aonde vai chegar, mas eu peço a Deus que tudo dá certo meu irmão. Eu peço ele, eu sou um cara cristão, tudo que você pedir pra ele, ele ajuda. Os políticos não, não pede não que não tem, pede pra ele que ele abre as portas.

81. Pesquisador: Certo, muito obrigado!

ANEXO C – ENTREVISTA 3 – JULIANA (TRANSEUNTE)

82. Pesquisador: Você já observou se aqui em Teixeira de Freitas têm pessoas que vivem nas ruas? Que dormem nas ruas? Conte um pouco sobre isso.

83. Juliana: Ah, tem muita gente que passa necessidade, fome, né? Eles pedem até ajuda, né? Quando a gente passa eles ficam pedindo dinheiro. Então eu vejo muito esse caso isso aí porque... é... é uma cidade, né? Que não deveria ter ninguém na rua, era pra todo mundo ser acolhido, mas eu vejo muita gente de rua, principalmente aqui dentro de Teixeira de Freitas.

84. Pesquisador: Se você precisasse explicar pra alguém que não tem conhecimento dessa circunstância que acontece no país, como explicaria?... alguém que não conhece.

85. Juliana: Como explicaria?

86. Pesquisador: Por exemplo, chegou alguém de outro país aqui em Teixeira de Freitas, passou aqui na rua e viu essa situação, como é que você explicaria pra pessoa essa situação que ela não sabe.

87. Juliana: Ah, eu explicaria que essas pessoas estão na rua porque não têm aonde dormir, um tento pra morar, não tem uma casa, não tem um acolhimento, então se tivesse acolhimento eles não estariam na rua, aí então tá desempregado sem emprego, as vezes saiu tá na rua porque não tem mais como pagar um aluguel, então aí acontece essa situação.

88. Pesquisador: Como seria uma sociedade sem esse problema?

89. Juliana: Ah a sociedade tem que ser unida, né? Todo mundo abraçar o outro, né? Vê a situação do outro e tentar ajudar, principalmente o governo, né? O estado que possa ajudar esse povo, né?

90. Pesquisador: Por que esse problema existe?

91. Juliana: Acho que por falta de humanidade, né? Porque as pessoas não olham para o lado do outro, só vê o lado deles e esquecem do outro. E... o governo, o estado tem que passar mais a observar que tem muita gente passando fome, necessidade mesmo, que as vezes não têm condições onde morar, aí vai pra rua né, passar a virar mendigo, né? Não é porque ele tá ali porque ele quer, as vezes é essa situação e a droga também que trouxe muito isso aí. Que hoje tá também, tá na rua, que não tem um acolhimento de abraço familiar.

92. Pesquisador: Como é a rotina dessas pessoas nas ruas?

93. Juliana: Ah, eles vivem o dia todo andando, procurando o que comer, aí deita nas calçada, aí quando eles vê algum lixo aí vão cutucar pra ver se tem alguma coisa que eles possam comer, então essa é a necessidade do povo que ta aí na rua.

94. Pesquisador: Essas pessoas geralmente elas são daqui ou elas vem de outro lugar?

95. Juliana: Uns são daqui mesmo, porque... alguns daqui é porque está no vício, né? Da droga, né? Aí vão pra rua e não tem mais conserto, assim... que não tem uma ONG, um lugar que possam acolher essas pessoas pra sair porque e outros não, porque outros vem atrás de emprego aqui, não encontrou o que queria e foi pra rua, foi viver na rua.

96. Pesquisador: Elas costumam ficar onde na cidade?

97. Juliana: Ah geralmente eles ficam muito em praça, é... perto de lojas, principalmente em lugares de bares, onde tiver lugares que eles possam, rodoviárias, é tanto que aqui teve aqueles índios, né? Que invadiu, os ciganos que eles não tinham pra onde eles ir e se alojaram dentro de Teixeira de Freitas.

98. Pesquisador: O que elas mais fazem nas ruas?

99. Juliana: O que elas fazem nas ruas? É pedir, né? Comer pra ter o alimento, né? O dia a dia, pelo menos que eles possam... e o agasalho, né? Que eles ficam pedindo lençol pra quando chegar a noite, eles não sentirem tanto frio, né? Pedindo comida, né? Dinheiro, tentar sobreviver.

100. Pesquisador: Essa é uma situação comum hoje em dia?

101. Juliana: É comum e não é, né? Por que não deveria tá acontecendo essas coisas, né? Porque era pra ter uma ONG para acolher essas pessoas, não deveria essas pessoas tá nessa situação.

102. Pesquisador: E quanto você acha que é a renda mensal dessas pessoas? Elas têm alguma renda?

103. Juliana: Eu acredito que é zero porque muitas vezes chega na rua, não tem nem documento e alguns que tem documento as vezes não chega receber o bolsa família porque não têm residência própria, aí acaba não recebendo esse valor, entendeu? De um bolsa família, porque é como acontece, as vezes as pessoas vão pro CRAS, chega lá: se vive aonde? Na rua, endereço deles é a rua porque não tem casa própria porque não têm condições de pagar um aluguel lá, água, uma moradia própria, né? Aí acaba isso aí, acaba a renda sendo zero, né?

104. Pesquisador: Como é que você se sente quando vê uma pessoa dessa?

105. Juliana: Ah é tristeza, né? É triste, né? Que as vezes é... a gente queria ter para ajudar, mas não depende só da gente, depende do governo e do estado e dos governantes, né? Que tão governando o município, o estado que tem que ajudar essas pessoas.

106. Pesquisador: Essa circunstância, as pessoas vivendo desse jeito, a senhora acha que começou quando?

107. Juliana: Ah, isso têm muitos anos. Ah... isso é velho, tem muitos anos isso, não sei nem dizer, mas isso já é velho desde que eu vim ao mundo, eu vejo isso aí.

108. Pesquisador: Qual seria a solução para essa questão?

109. Juliana: A solução era o governo ampliar bastante casa e começar dar moradia pro povo, né? Tirar da rua, ter uma ONG pra tirar essas pessoas do mundo do crime, das drogas, que possa reestabelecer e pra ter... e... as famílias abraçar também, né? Não pode jogar na rua, tem que abraçar, né? Sei que é difícil, mas tem que abraçar, dar o de comer, moradia, tem que dar muitas casas pra muitos que não têm condições de ter uma casa própria.

110. Pesquisador: Esse assunto, ele é abordado pelos meios de comunicação, internet, rádio, TV? Como é que é abordado?

111. Juliana: Sim, muitas pessoas até falam, comentam, né? Que veja muita / muito precário as coisas porque as pessoas não tão aí no... no mundo, né? Não encontram ajuda, aí eles vão para o mundo do crime, mundo da droga, e aí eles tão falando direto, né? Tem que dar moradia pro povo, aí eles tão cobrando governo, estado, município, eles têm que ajudar esse povo. Ter ONG, né? Porque é difícil, uma ONG ajuda muito, né? Principalmente os jovens, adolescentes, isso faz muito bem.

112. Pesquisador: E a administração pública, o governo, que você comentou aí, eles prestam assistência a essas pessoas? Você conhece algum tipo de assistência? Se sim, quais?

113. Juliana: Sim presta, algumas coisas, né? É... agora mesmo o governo deu uma renda até boa, bem, inclusive o bolsa família, né? Ajuda muito a pessoa que não tinha uma renda pra se alimentar, eles agora tão tentando catar aquelas pessoas da rua agora, tentando retirar da rua pra ver se tem uma residência própria que possa receber o seu bolsa família e ter uma renda própria, mas o governo agora mesmo, eles estão tentando ver, que eu vi, né? Passando no jornal casas próprias, né, pra dar pro povo, que necessita, só que não é só casa, o povo precisa de trabalho, de emprego, né? Por que sem emprego como é que vai viver? Pra comer, beber, não é só a casa, tem que ter emprego.

114. Pesquisador: Você acha que essas pessoas, elas têm direitos assegurados? Direitos garantidos?

115. Juliana: Ah, têm-têm, têm sim. A pessoa tá na rua e não vai ter um direito? Eles ficam na rua sendo agredidos, surtado, aí vai procurar um recurso, não pode ser assegurado? Pode sim porque tem o meio, têm o CRÁS que ajuda essas pessoas, dá uma cesta básica, dá alguma renda fixa que possa ajudar eles.

116. Pesquisador: Existe preconceito contra elas?

117. Juliana: Existem muitos, tem gente, ah tem gente que vê as pessoas nas ruas, acha que é um criminoso, acha que é um bandido, mas ainda não observou como a pessoa chegou até ali, o que ele passou, porque as vezes ele não tá na rua porque ele quer, ele tá na rua porque ele

não tem onde morar, não tem uma casa própria, não tem o que comer, então por isso que ele chegou até a rua.

118. Pesquisador: Como podemos combater isso? Esse preconceito que existem contra elas?

119. Juliana: Eu acho que todo mundo unir, né? Não pensar só em si próprio, pensar no próximo que tá passando e a comunidade em si, o estado se juntar, eu acho que acaba tudo isso e a pessoa ter unidade com o outro, né? Não só pensar em si próprio, pensar no próximo, né? Que tá passando por aquilo, que a gente não pode olhar só pra gente, tem que olhar pro outro, o que que ele passa? O que que ele tem? Que que tá passando na vida dele? Tenta entrar, conversar, tentar entender o que que é que a pessoa tem.

120. Pesquisador: A gente já tá caminhando pro final, o que você espera do futuro como pessoa?

121. Juliana: Ah, eu espero um mundo melhor, né? Sem violência, sem droga, porque eu estou achando muita falta de humanidade, as pessoas tá matando o outro por bobeira, por coisas banais. Então o que eu espero é um mundo melhor, né? É... um governo melhor, um município, um estado que tenta mudar essa versão aí, acabar com tudo isso.

122. Pesquisador: Há algo a mais que você queira falar sobre esse assunto? Falar mais alguma coisa? Algo que eu não abordei?

123. Juliana: Ah, eu quero dizer que tenta retirar essas pessoas como você falou das pessoas de rua, né? Que tire da rua, que o governo, que o estado, que os municípios tenta ajudar essas pessoas porque ninguém está na pele dele, ninguém sabe o que eles estão passando, então se passar a se juntar o CRÁS, o pessoal do... da comunidade, né? Da associação, e que tem a associação pra isso, ajudar essas pessoas, aí vai tentar ver pra poder ajudar, o que eu quero é um mundo melhor, que ajude tirar essas pessoas do mundo da rua, e aí, a rua você sabe que trás tudo de ruim, droga, roubo, furtar, eles não fazem aquilo porque eles querem, as vezes tão fazendo aquilo pra sobreviver, falta de que? De emprego, então a gente quer emprego, trabalho, tá todo mundo em casas, dar moradia pro povo e não nessa rua, né?

ANEXO D – ENTREVISTA 4 – FRANCISCO (TRANSEUNTE)

124. Pesquisador: Você já observou se aqui em Teixeira de Freitas têm pessoas que vivem nas ruas? Que dormem nas ruas? Conte um pouco sobre isso.

125. Francisco: Já, tem bastante. Ultimamente aqui na pracinha mesmo não tá tendo porque o prefeito deu uma reforma, né? Depois daquela área ali... da área gourmet, é... Rua Gourmet que é uma praça de alimentação. Sumiram daqui, eu não sei se o prefeito levou pra algum albergue aí, eu sei que eles sumiram, mas de vez enquanto aparece um aí e tal, mas são umas pessoas que não prejudicam a gente, né? principalmente aqui no nosso ponto de táxi, como eu sou taxista. É... o que eu tenho a falar é o seguinte, é... eu acho o seguinte, cabe às autoridades correr atrás disso aí mesmo e colocar eles em algum lugar, né? Pra dar apoio, né? Alguma coisa que eles precisam, eu acho que é muito importante isso pra tirar eles da-da, do meio da sociedade, assim por hora, né? Saber o que eles pensam, o que eles querem porque se ficar aí jogado vai acabar é... é... se perdendo mais ainda porque esse povo ninguém sabe da onde é que vem, né? Na maioria das vezes não são nem daqui de Teixeira, são de fora, o que a gente tá sabendo é isso. É... então é... cabe as autoridades competentes tomar uma certa providência mesmo. Aqui pra nós graças a Deus tá sossegado, é umas pessoas também que não faz mal á ninguém, só faz pra eles próprios, passam a andar com muita bebida... até mesmo entorpecentes, né? Aí mesmo tem uns quatro ou cinco aí, inclusive tem um aqui que ele era... tinha uma perna inchada, ele sumiu daqui, não sei. Ficava aí caçando droga, vi de longe, assim, comentário, mas eu também não tenho uma prova, né? Não tem prova, ele deve fazia escondido lá, é isso aí que eu tenho a falar.

126. Pesquisador: Se você precisasse explicar pra alguém que não tem conhecimento dessa circunstância que acontece no país, como explicaria?... Por exemplo, chegou uma pessoa de fora de outro país, chegou aqui em Teixeira de Freitas viu essa situação, não conhece, como é que você explicaria pra ela?

127. Francisco: Explicaria como assim? Não tô entendendo direito, é...

128. Pesquisador: Como você falaria dessa situação pra ela?

129. Francisco: Ah! Se ela perguntasse né?

130. Pesquisador: É, isso.

131. Francisco: Falava a mesma coisa que eu acabei de dizer, entendeu? Que cabe as autoridades tomar providência, se deixar aí, eles vão ficar a mercê de drogas, de vícios, né? / então é isso aí que eu acho que tem que ser as autoridades / já começou aqui, agora eu não sei para onde eles foi. O que eu sei dizer é isso.

132. Pesquisador: Como seria uma sociedade sem esse problema?

133. Francisco: Sem esse problema? Eu acho que... normal né porque todo mundo tem problema, né? Mas saber o que aconteceu com esse pessoal pra eles chegar a esse ponto. Eu acho que... é tipo uma depressão... / entendeu? Por exemplo, o que acontece na família a gente não sabe, né? Saber o que esse povo, resolve assim se entregar pra essa vida, só Deus sabe.

134. Pesquisador: Como é a rotina dessas pessoas nas ruas?... A rotina delas.

135. Francisco: A rotina delas, quando por exemplo... quando passa aqui, é... o povo comentando: é o pessoal lá... vendendo droga, bebendo, não sei o que, ficam com medo, né? Eles ficam, é... com receio, né? Até de vir aqui na praça, agora não, agora tá sossegado. Eles ficam com receio de ser roubado, de ser atacado, principalmente as mulher, de sexo mais frágil, esse é o comentário. // como eu acabei de falar, cabe as autoridade tomar providência, como já estão tomando, né? Por exemplo, aqui mesmo eles não tão vindo mais não. Só isso mesmo.

136. Pesquisador: O que elas mais fazem nas ruas?

137. Francisco: Ah, o que mais faz é usar droga, né? E bebidas, tá falando palavrões aí e... é... passa alguém, eles ficam / é isso í.

138. Pesquisador: Como é que você se sente quando vê essas pessoas?

139. Francisco: Eu me sinto... assim como eu sou... se eu pudesse fazer alguma coisa... eu sou uma pessoa humilde, as vezes eles vinham aí, me pedia um cigarro, como eu fumava, eu dava, sinto assim... estarecido, né? Com as autoridades, na maioria das vezes, não procura ajudá-los. Se procura eu não sei também com certeza, mas esse povo aí eu não sei bem não, a gente fica preocupado, né? Porque... / é fácil a vida, mas não é, né? Eles acham que é bom pra eles, mas não é bom pra eles, até pra sociedade também não é bom, não é isso?

140. Pesquisador: É... essa circunstância, as pessoas vivendo desse jeito, o senhor acha que começou quando?

141. Francisco: Começou quando?

142. Pesquisador: É.

143. Francisco: Ah, isso aí eu não tenho nem ideia... eu acho que isso aí é um problema que a gente não sabe nem quando porque a gente não tá dentro da casa deles, né? É... eu acredito que foi... isso aí é temporariamente que acontece isso, acontece com o camarada lá, ele briga com a esposa, família bota pra rua, aí vai droga, até usuário, os pais não aceitam, né? Agora quando mesmo, a gente não sabe. Sinceramente eu não sei.

144. Pesquisador: O senhor já comentou, se quiser falar mais alguma coisa. Qual seria a solução para essa questão?

145. Francisco: É como eu falei antes, a solução é... partir deles, né? Vai partir deles, né? Se eles querer mudar, aí vai partir deles e das autoridades.

146. Pesquisador: Esse assunto, ele é abordado pelos meios de comunicação? Internet, rádio, TV? Como é abordado?

147. Francisco: É por meio de comunicações, eles são abordados, pessoalmente, o pessoal da prefeitura vem aí e aborda eles.

148. Pesquisador: E nos meios de comunicação, por exemplo na TV, no rádio, você já ouviu falar?

149. Francisco: Não. Nunca ouvi falar, na internet, na rede social, nunca ouvi falar.

150. Pesquisador: E a administração pública, o governo, eles prestam assistência a essas pessoas? Se sim, quais?

151. Francisco: Não-não, só das igreja que vem aí, dá alguma coisa pra eles comer, alguma sopinha, um café, entendeu? Já vi muito isso, o pessoal das igreja, agora... é... governador, prefeito, essas coisas, esse pessoal aí eu nunca vi ajudar, entendeu?

152. Pesquisador: A gente já tá caminhando pro final... você acha que essas pessoas, elas têm direitos assegurados?

153. Francisco: Eu acho que não, né? Não sei isso não.

154. Pesquisador: Qual a consequência disso?

155. Francisco: A consequência é piorar, se tivesse o apoio de alguém eu ainda acredito que eles iam tentar sair da rua.

156. Pesquisador: Existe preconceito contra elas?

157. Francisco: Com certeza. Com certeza.

158. Pesquisador: Por quê?

159. Francisco: Porque tem muita gente é... a pessoa, nós humanos, não somos corretos mesmo, entendeu? Principalmente as autoridades competentes... acha que todo mundo tem que passar por isso, essas pessoas tem que passar por isso, acho que... é falta de ética deles. Eles não procuram essas pessoas.

160. Pesquisador: Como assim?

161. Francisco: Por exemplo, tem pessoas que não procuram por aí, acho que tem que partir deles mesmo, eles vão melhorar de vida, procurar alguma coisa, uma igreja, por exemplo, é isso aí.

162. Pesquisador: Como podemos combater isso? Esse preconceito?

163. Francisco: Preconceito? Rapaz, é um negócio muito difícil, né? Difícil a gente combater, eu acho que cabe cada um pensar positivo, né? E ajudar essas pessoas, do que tá com preconceito porque a gente pode passar por isso, uma depressão, alguma coisa e a gente acabar indo pra rua com problema de cabeça e tal, é o que eu acho.

164. Pesquisador: O que você espera do futuro como pessoa?

165. Francisco: Eu espero que as autoridades competente procurem melhorar mais as coisas, né? Principalmente os políticos que eles só pensam neles, quanto mais eles tem, mais eles quer. Um exemplo aí, de Lula, por exemplo, né? Foi até preso, hoje é um presidente, cabe eles melhorar a cabeça deles e melhorar o país, né? Tem muita pobreza.

166. Pesquisador: Há algo a mais que você queira falar sobre esse assunto? Comentar mais alguma coisa, alguma coisa que eu não falei aqui?

167. Francisco: Não-não, tá... é igual eu falei, depende muito dos políticos, os políticos acho é que tem que procurar melhorar a situação da pobreza. Procurar... desde pequeno, né? É estudo pra que a pessoa, pois a pobreza no Brasil é muito grande, acho que cabe os políticos, eles... esse país, procurar melhorar desde as famílias, procurar as famílias e ajudar. Tudo na educação, né? Que a pobreza de uns, desemprego muito grande no Brasil. E eu acho isso aí.

ANEXO E – ENTREVISTA 5 – JOSÉ (MORADOR DA CIDADE)

168. Pesquisador: Você já observou se aqui em Teixeira de Freitas têm pessoas que vivem nas ruas? Que dormem nas ruas? Conte um pouco sobre isso.

169. José: Sim, Teixeira, né? Atualmente tem muita gente na rua, né? Sem lugar de morar, né? Muita gente... a cidade cresceu muito, né? De acordo o que eu sei da cidade, muita gente migra pra Teixeira e esse o motivo de estar grande a cidade e... vem muita gente de fora... atrai muita gente de todas as regiões e ela aumentava, né? Teixeira tá na situação que tá, mas as autoridades municipais, federais e estaduais tem que tomar iniciativa disso, de tomar uma decisão é... enérgica, né? De acolhimento essas pessoas que estão na rua.

170. Pesquisador: Se você precisasse explicar pra alguém que não tem conhecimento dessa circunstância que acontece no país, como explicaria?

171. José: Bem, eu explicaria que... seria-seria um caso que é de deixar de negar a realidade, entendeu? Tá certo que todo mundo tá vendo que tem morador de rua, eles tão presentes na vida de todos nós teixeirenses, nós na cidade.

172. Pesquisador: Como seria uma sociedade sem esse problema?

173. José: Seria uma coisa muito bonita, muito boa, agradável, seria uma coisa muito boa pra cidade, pro estado e pro Brasil, né?

174. Pesquisador: Por que esse problema existe?

175. José: Esse problema existe certamente porque existe uma exclusão social muito grande, né? Em todos os países, né? E na nossa cidade não é diferente, entendeu? As pessoas vem pra cá, no sentido de buscarem boas condições de vida, as vezes tem certas... certo desconforto... sem capital pra ter uma casa digna pra morar, um lugar certo pra morar e acaba que fica na rua.

176. Pesquisador: Como é a rotina dessas pessoas nas ruas? ... o dia a dia delas?

177. José: Olha, é lamentável, é muito feio, muito ruim, é muito chocante pra gente que mora aqui na cidade, eu vejo assim... que eles se põem o risco muito grande de morar na rua com o tempo frio, com o tempo de sol, tempo de chuva, né? Sendo vítimas da violência também, da droga, do álcool, da exclusão social.

178. Pesquisador: Essas pessoas, geralmente elas são daqui ou elas vem de outro lugar?

179. José: Muitos casos vem de outros lugares, né? De outras regiões e cidades vizinhas.

180. Pesquisador: O que elas mais fazem nas ruas?

181. José: Elas fazem nas ruas é... pedir dinheiro pra usar droga e álcool e outras coisas.

182. Pesquisador: Essa é uma situação comum hoje em dia?

183. José: Tá se tornando comum porque não é só na cidade de Teixeira de Freitas que tem esse problema de... pessoas moradores de rua, é no Brasil todo.

184. Pesquisador: Quanto você acha que é a renda mensal dessas pessoas?

185. José: Certamente, a renda dessas pessoas, elas não têm renda quase nenhuma, entendeu? Porque eles pedem na rua, entendeu? E... o que eles pedem é... dinheiro... alimento, outras coisas, geralmente é uma renda muito mínima, entendeu? Pouquíssimo, não dá nem pra esclarecer direito essas rendas.

186. Pesquisador: Você acha que a falta de emprego impacta a renda dessas pessoas? Por quê?

187. José: O desemprego trás é... certo desconforto porque o trabalhador desempregado, ele está vítima de ficar na rua também, não têm condições de pagar aluguel, não têm condições de fazer uma cesta básica, não tem higiene, né? Moradia, habitação, transporte, isso é muito chato.

188. Pesquisador: Como é que você se sente quando vê essas pessoas?

189. José: Eu me sinto assim... muito chocante porque a minha vontade mesmo era de acolher todas essas pessoas que tã na rua, sou católico, cristão, morador de bem da cidade de Teixeira de Freitas, eu moro aqui e me sinto muito chocado com essa situação ruim, queria que fosse diferente.

190. Pesquisador: Essa circunstância, as pessoas vivendo desse jeito, o senhor acha que começou quando? ... Quando começou?

191. José: Aqui na cidade?

192. Pesquisador: Pode ser.

193. José: Aqui na cidade é... alguns tempos, né? Cresceu um número de morador de rua muito grande, de mendigos, então mais ou menos uns quinze anos pra cá o número aumentou bastante.

194. Pesquisador: Qual seria a solução para esta questão?

195. José: A solução seria as entidades, o governos estadual, federal e municipal implantar um plano de resgate dessas pessoas que mora na rua, né? Junto com as entidades, né? As igrejas também, para que possa solucionar esse problema o mais rápido possível, seria muito bom.

196. Pesquisador: Esse assunto é abordado pelos meios de comunicação? Internet, rádio, TV? Como é abordado?

197. José: Sim, a gente comenta sim, eu participo da igreja, entendeu? Eu participo dos vicentinos, dos homens aqui da cidade, sou morador da cidade, nasci em Teixeira de Freitas, é..., a gente... comenta muito sobre essa questão, inclusive no meu grupo que eu participo a gente tem um trabalho de distribuição de feiras para essas pessoas de baixa renda.

198. Pesquisador: E na TV, rádio, internet?

199. José: Aí é muito difícil.

200. Pesquisador: E a administração pública, o governo presta assistência a essas pessoas?

201. José: O governo da cidade municipal eu vejo que falta um pouco de atenção pra esse caso porque ainda não vi, assim, é... normas concretas que possam apoiar essas pessoas, tirar essas pessoas da rua, né? Realmente se essas pessoas ficam na rua como lixo social, as pessoas descartam muito, há um certo preconceito. Então são seres humanos que também devem ser acolhidos pelo município, pelo estado e pelo federal.

202. Pesquisador: Você acha que essas pessoas tem seus direitos assegurados?

203. José: Tem, a constituição federal dá direito que todo brasileiro deve ter sua renda própria, né? Ter seu trabalho, sua casa, sua alimentação, né? Poderia sim ser dessa forma, entendeu?

204. Pesquisador: Existe preconceito contra elas?

205. José: Muito preconceito, ainda mais que eles são usuários de droga e álcool, né? Eles ficam transitando na rua, abordando as pessoas na rua pedindo dinheiro, e as pessoas tem até um certo constrangimento em dar dinheiro porque eles usam pra drogas e álcool e outras coisas.

206. Pesquisador: Como podemos combater isso?

207. José: A sociedade se juntar, mobilizar e... junto com o município e os governantes do nosso país pra que juntos possam implantar um sistema de acolhimento melhor com a entidade, uma casa de apoio pra essas pessoas, entendeu? Porque Teixeira se tornou uma cidade muito grande e a desigualdade social também aumentou muito, então teria que ter um acolhimento para essas pessoas.

208. Pesquisador: O que você espera do futuro como pessoa?

209. José: O que? /

210. Pesquisador: O que você espera da sociedade?

211. José: O que eu espero da sociedade é o seguinte, que todos sejam valorizados mais como ser humano e que a sociedade possa é... em relação a essas pessoas que possam cada vez mais ter valor em questão pessoal, social e financeiro.

212. Pesquisador: Algo a mais que você queira falar sobre esse assunto? Comentar mais alguma coisa? Algo que eu não abordei.

213. José: Sim, é... em relação a entrevista, me chamou mais a atenção no ponto de que eles estão na rua e a partir dessa entrevista eu reflito que eles tão na rua não é por gosto, muito deles ali tem o motivo deles pra estar na rua, né? As decepções da vida, né? A situação financeira, tudo isso interfere na questão psicossocial dos moradores também, né? A falta de apoio da família, a sociedade de forma geral em si, as instituições e os governos tem que acolher essas pessoas e não virar as costas porque o caso... o caso é nacional e mundial, a exclusão social em Teixeira de Freitas e na região.

ANEXO F – ENTREVISTA 6 – CAMILA (MORADORA DA CIDADE)

214. Pesquisador: Você já observou se aqui em Teixeira de Freitas têm pessoas que vivem nas ruas? Que dormem nas ruas? Conte um pouco sobre isso.

215. Camila: Com certeza, Teixeira de Freitas hoje, e tem aumentado muitos casos hein! E... inclusive na rua que eu moro, né? Aqui no meu endereço, já virou praticamente um alojamento deles. De dia e de noite na rua, da frente e na rua dos fundos.

216. Pesquisador: Se você precisasse explicar pra alguém que não tem conhecimento dessa circunstância que acontece no país, como explicaria?

217. Camila: Que pergunta hein Carlos, eu acho que na verdade é... a pessoa que vive em situação de rua, eu não vou dizer que é uma escolha, mas é uma circunstância, por algum motivo ela chegou até ali. E um dos principais motivos que a gente sabe é a droga, com certeza cada um tem suas histórias, quando a gente vai lá conversar com eles, cada um tem uma história pra contar diferente, mas tudo culmina na droga, então é assim, chega um ponto que o ser humano, ele perde tanto a autoestima, ele perde tanto a vontade de viver, perde tanto a vontade de-de... quer dizer, ele fica tão cego que pra ele, o bem estar dele é a droga, ali a questão toda, é daquela pessoa que tá ali e também da gente que tá transitando por ali, tem isso o tempo todo porque a gente não sabe, eles vem na sua porta... eles vem me pedir bombril, já sei que é pra... esquentar droga, então assim, se você não dar, teve um dia... que quase tipo assim, me ameaçou, simulou me ameaçar. Que a gente também vive refém das pessoas que estão em situação de rua também, eu explicaria isso.

218. Pesquisador: Como seria uma sociedade sem esse problema?

219. Camila: Bem melhor para todo mundo, com certeza. Bem melhor pra todo mundo, eu acho que a gente tem que, tem que juntar... as autoridades, os governantes, as pessoas tentar chegar em consenso pelo menos na nossa cidade porque no país mesmo é complicado, a gente vê as demandas grandes que tem por aí de pessoas em situação de rua, principalmente na nossa cidade a gente procurar ser exemplo lá pra fora, eu acredito que Teixeira dá pra resolver cinquenta por cento, não cem por cento, pelo menos os menores, eu vejo essa parte, pelo menos os menores. Que também não tem tanto menor, tem mais os maiores na rua aí, mas é complicado.

220. Pesquisador: Você já falou mais ou menos, mas se quiser falar mais alguma coisa, por que esse problema existe?

221. Camila: Acredito que existe-existe esse problema, é... o vício sempre existiu, por exemplo na minha história mesmo, eu conheci um pai alcoólatra / se é uma doença diagnosticada, existe um tratamento, então se existe um tratamento, se existiu um tratamento naquela época, aliás, não era ainda diagnosticado uma doença, então é droga, é álcool e se existe esse problema, se perguntou se existe esse problema, né?

222. Pesquisador: Sim.

223. Camila: Existe essas pessoas, essa situação, esse problema porque, é... porque existe a droga, o álcool, né? E... é... não vou nem dizer, geralmente as famílias desestruturadas, que levam a pessoa pra essa situação, aí já é outro lado social, né? Mas enfim, eu acho que o principal disso aí é a droga, que a gente sabe que é o tráfico de drogas que comanda, existe todo um aparato por trás disso aí que tem que ter / pesquisa, é... autoridade, então assim... é complicado a gente falar, até falar muito, né? Coisas que eu não vou... como fala / aprofundar muito em alguns temas, mas assim é droga, existe a droga de traficante, se existe traficante tem que ter é... a polícia... tem que ter... só vai subindo o grau, né? Então... e quem sofre é o viciado e a população. Então se a gente for pesquisar bem quem... quem... eu sou a vítima, existe-existe o viciado que ele vai, é... é... fazer loucura para conseguir a droga, fica viciado e fica na rua, aí tem o traficante, e quando para no traficante... quem vai combater isso aí? Então a gente tem que ver, né?

224. Pesquisador: Como é a rotina dessas pessoas nas ruas?

225. Camila: Eu vejo uma rotina de bicho, não como ser humano normal, não vejo... é uma loucura, aqui mesmo na rua de casa mesmo, aqui na frente tem um com o pé inchado, na cadeira de rodas, dorme nas calçadas, as pessoas ficam precisando lavar, minha calçada fica cheia de fezes, de xixi, a gente não tem paz, né? Então assim, este é o ambiente que eles vivem e também quer proporcionar pra as pessoas, então assim, é... as vezes se fala assim, ah ta puxando a sardinha para o seu lado, mas não é, é por quê? Porque de uma certa forma a gente também não tem paz porque você não tem coragem de ver as pessoas nessa situação, de você não poder fazer nada e... a gente sabe que de uma certa forma, socialmente falando, existe uma solução pra isso, acredito que exista, ah mas eles não querem. Eu vejo que a igreja vai, os espíritas vão, os católicos, os evangélicos querem ajudar, mas eles não querem uma ajuda. Então vai ficar assim o tempo todo? Então assim, tem que ter ajuda sim das autoridades, a prefeitura por exemplo, você liga para o cento e noventa, eles falam que tem que ir na assistência social, na assistência social eles também não resolve o problema, né? As autoridades, acredito eu, por exemplo, hoje eu não vejo mais é... quando você liga para o cento e noventa, né? Por que tem alguém na rua? A gente liga para o cento e noventa Carlos por quê? Porque eles estão brigando, tá com faca, domingo retrasado mesmo caiu um aqui na rua aqui, todo ensanguentado, a gente ligou três vezes pro cento e noventa e a polícia não veio. Depois quando o cara tava caído, mesmo assim não vieram. Levantou todo ensanguentado, o cara poderia ter matado ele na rua, né? Então a gente também não tem segurança / então tem que juntar é... poder executivo, poder judiciário e o legislativo, inclusive eu acho, eu não sei se tem essa deixa aí que tem uma lei, uma lei é... orgânica pra dar um jeito de tirar essas pessoas e fazer qualquer coisa porque Teixeira está simplesmente depreciada, as ruas... a minha rua aqui, o bairro aqui, com a situação dessas pessoas e a gente vive em risco o tempo todo.

226. Pesquisador: Essas pessoas geralmente elas vem daqui ou elas vem de outro lugar?

227. Camila: Apareceu muita gente nova, dizem, não sei, são só os comentários. Vem muita gente nova, muita gente foragido, vem muita gente de fora, entendeu? Aparece muita gente nova, tem pessoas do bairro aqui, tem pessoas de outros bairros de Teixeira mesmo, né? Não sei como funciona bem, eles acumulam aí, mas assim, acredito que vem muita gente de fora.

Gente de Ibirapuã aqui, eles falam, eles pedem passagem, não sei. Mas acredito que vem muita gente de fora também /.

228. Pesquisador: Elas costumam ficar onde aí na cidade?

229. Camila: (retirado para não identificar o participante) Acho que praça dos Leões também ficam, ficam por aí... transitando aí. Cazelli já virou, mercadão já virou mesmo a casa deles, esse banco também enfrente aqui, tem um bando aqui, enfrente a Capricho.

230. Pesquisador: O que elas mais fazem nas ruas?

231. Camila: Eu vejo pedindo nas portas, usam droga, traficante deve passar, com certeza, tem também o traficante... fica aí dormindo, os que eu vejo aqui bebe, se drogam final de semana, fumando mais ainda.

232. Pesquisador: Você acha que a falta de emprego impacta ainda mais a renda dessas pessoas? Por quê?

233. Camila: A falta de emprego?

234. Pesquisador: É.

235. Camila: Impacta em que sentido?

236. Pesquisador: Você acha que impacta a renda delas?

237. Camila: Elas não querem trabalhar, não é falta de emprego, a questão é essa, não é o trabalho, eu acho que teria que ter... eu acho que assim como existe lá no presídio, uma ressocialização para essas pessoas, eu acho que essas pessoas também teriam que ter um programa por aí, dá pra fazer, acredito eu, entendeu? Que elas querem dinheiro pra usar, então assim, não sei, eu acho, eu acredito sim que os vereadores devem criar uma lei por aí, fazer algum programa pra ressocializar essas pessoas porque é complicado, eu acho... foi o que eu falei, pode não ser cem por cento, mas cinquenta por cento, eu acredito, eu acredito que sim. Eu acredito, é difícil, muito difícil, tem casos que são realmente muito complicado, mas eu acredito que dá pra-pra criar alguma coisa, uma, né? Não sei.

238. Pesquisador: Como é que você se sente quando vê essas pessoas?

239. Camila: Eu me sinto desarmada, eu queria fazer alguma coisa, mas a gente não pode, a gente queria fazer alguma coisa, quer ajudar, mas primeiro que eles não querem, segundo que a gente não tem força e nem-e nem poder pra isso, né? Não tem força e nem poder pra isso. O que eu posso fazer? O que eu posso fazer é... a gente fica... a gente fica chateada, a gente cobra de prefeitura, a gente cobra, é... quando você liga para o cento e noventa, não é pra tirar a pessoa da rua, a gente vê aqui é porque tão brigando, eu me sinto igual eu te falei, desarmada, né? Desprotegida. E ao mesmo tempo querendo fazer alguma coisa, mas vou fazer o quê? A situação é essa.

240. Pesquisador: Essa circunstância, as pessoas vivendo desse jeito, você acha que começou quando?

241. Camila: Eu vou te falar uma coisa, eu tenho trinta e sete anos que moro em Teixeira... a medida que foi é... que a droga foi aumentando, as pessoas foram, não era assim antigamente. Geralmente as pessoas de rua, eles tinham apelido, né? Que tinha, tinha uns que tinha... tinha Léo Lobão que falava, na brincadeira, falava com amor, não era na maldade, a gente via um ou outro assim a gente colocava apelido nas pessoas. Ah fulano passou ali! Todo mundo conhecia na cidade, depois... começou depois que realmente o tráfico de drogas foi aumentando, foi aumentando e foi viciando as pessoas, / a gente sabe que é o que rola aí, infelizmente foi depois do tráfico de drogas, o pessoal viciou, a família não aguenta mais também dentro de casa, começa ir pra rua, lá ele acha que tem amigo /.

242. Pesquisador: Qual seria a solução para essa questão?

243. Camila: Eu acho que uma solução seria ajudar, o que eu falei atrás, poder judiciário, poder executivo, legislativo, eles entrarem e com cidadãos, representando, eu acredito que é assim, o que que eu vou fazer? Quem resolve isso é uma coisa chamada lei / acho que tudo é questão do olhar, quando essas pessoas olharem realmente, tipo em frente um fórum você vê, a pessoa em situação de rua. O que o poder judiciário está fazendo? Aí você vê em frente a câmara dos vereadores ali, municipal, é surreal você ver isso, entendeu? Em frente a prefeitura nesse local aqui, é surreal. Então assim, eu acho que é questão do olhar, pra pessoa humana, a gente precisa fazer alguma coisa pra essas pessoas, né? Naquela questão mesmo de você ir lá e tentar resolver de alguma forma, não é tirar daqui e jogar lá, igual fizeram em São Paulo lá tirou... acho que tentaram tirar, né? A Cracolândia, de um lugar e colocar pro outro, resolveu o que? Nada gente. Eu acho que é o pensar, é o olhar, acho que todo mundo tem que... alguém tem que... eu falo todo mundo, mas sempre tem alguém que representa esse todo mundo, e olhar mesmo e ver qual é... eu tenho certeza que sempre tem alguém, um serviço social que... Ah o serviço social da prefeitura, não é, é a prefeitura, é todo o conjunto da prefeitura, ao poder judiciário, fulano, é todo mundo, acho que todo mundo tem que se envolver e a partir do momento que as pessoas, nosso bairro aqui, a gente está mais que incomodado com essa situação, né? Então já tá já... essa situação de Teixeira aqui já tá um negócio que já deu, como diz o caso, já deu. Acho que tá todo mundo, tá feio, já tá feio para as autoridades.

244. Pesquisador: Esse assunto, ele é abordado pelos meios de comunicação? Internet, rádio, TV? Como é abordado?

245. Camila: Eu não vejo isso não, eu não vejo isso não! Pra falar verdade, só quando o morador de rua é... fura um, mata um, ou deu facada, ou apanhou, morreu, que aparece a notícia, eu não vejo não, sinceramente, pelo menos as páginas que eu vejo, não vejo não.

246. Pesquisador: E a administração pública, o governo, eles prestam assistência a essas pessoas? Se sim, quais?

247. Camila: Ah, sim. Tem, tem uma casa aqui, né? De apoio para eles irem, isso que eu te falei, eles não vão, se eles não vão, pra ficar em situação assim até quando? Né? Eles não vão, ah, mas tem gente que vem e passa, a assistência social tem uma casa aqui pra eles irem, eles sabem que eles não vão. Então acho que principalmente o comércio de Teixeira de Freitas, que é no meio do comércio aqui, os comerciantes... a CDL por exemplo, eles tinham que sentar e tentar e procurar meios mais coercitivos também, não sei. Ah porque eles podem ficar, mas e aí? Vai dar essa legalidade todinha pra eles e pro tráfico de drogas em Teixeira? Principalmente na Bahia tá vivendo um grau tão grande de violência, com a droga.

248. Pesquisador: Você acha que essas pessoas, elas têm direitos assegurados?

249. Camila: De rua?

250. Pesquisador: Os direitos, se elas têm direitos garantidos.

251. Camila: Não, não vejo não. Pelo menos, não sei se estou fora de lei assim, eu acredito que tem uns aposentados aí, mas de resto não vejo direitos assegurados dessas pessoas não.

252. Pesquisador: Existe preconceito contra elas?

253. Camila: Muito, todos.

254. Pesquisador: Por quê?

255. Camila: É... raça, questão de rua que tem o mau cheiro, e essa situação de rua mesmo, a gente sabe... uns tem até medo de... / todo tipo de preconceito que você imaginar tá em cima deles.

256. Pesquisador: Como você acha que esse preconceito pode ser combatido?

257. Camila: Eu acho que... é a última pergunta?

258. Pesquisador: Tá terminando já.

259. Camila: Porque eu acho que esse preconceito aí pode ser combatido, até porque esse é o preconceito mais covarde que existe, porque você está batendo no cão morto. É o mais covarde que existe. Preconceito com essas pessoas. Igual eu te falei, são perguntas tão assim... como é que fala... que de uma certa forma até afronta a gente assim, afronta que fala no bom sentido, né? Pra mim mesmo, não que sua pergunta seja uma pergunta afrontosa, no sentido de ser ignorante pra mim, mas por quê? Porque... é uma pergunta que te afunila, né? Poxa, será que pelo fato de eu não ir lá, pegar na mão dele, eu tô com preconceito? Né? A gente pergunta essas coisas. Será que... o cego quando tava na estrada, Jesus perguntou pra ele você quer ver? O que cê quer? Como é que pergunta para um cego se ele quer ver? Se quer ver? Mas eles não querem, e a pergunta é... / mas como aí, se eles não querem? Mas por quê? Porque quem sabe algo mais coercitivo, né? Mas pelo o que eu vejo nas grandes metrópoles e em Teixeira, né? Não resolve... o uso da força, agora quando acontece um crime, quando

acontece algo ruim, aí sim, a força vai lá em cima, né? Mas porque não prevenir isso antes? Então assim é complicado, chega no extremo do extremo, aí resolve, entendeu?

260. Pesquisador: O que você espera do futuro como pessoa?

261. Camila: Você fala o que? Para essas pessoas?

262. Pesquisador: Pode ser de maneira geral mesmo, o que você espera do futuro?

263. Camila: Eu espero que... como a gente já teve um Brasil que sofreu tanto lá trás, tão flagelado, a gente já recebeu tanta vitória, né? A gente tem a internet, liberdade de culto, liberdade de falar, de expressar a nossa opinião, acredito que... é com relação a essas pessoas, é o assunto, o foco, acredito que-que... que vai ter solução sim, eu acredito que pode partir até da nossa cidade, né? Porque tem que ter uma solução, existe solução sim, primeiramente a gente sabe que é Deus que está no controle de todas as coisas, tem solução pra tudo, mas também que ele vai instruir pessoas pra ter uma lei aí, né? Então assim, / seria bom, eu acho que Teixeira agora tá num momento de eleição, de política, seria bom se alguém chegasse com um projeto assim que idealizasse alguma coisa assim, bem-bem mais humana, pra tentar resolver essa situação, né? Não sei aí quanto vai custar essa briga aí, quem vai comprar essa briga, mas enfim, acredito que dias melhores virão. A gente tem que acreditar sempre, né?

264. Pesquisador: Há algo a mais que você queira falar sobre esse assunto? Comentar mais alguma coisa? Alguma coisa que eu não falei.

265. Camila: Não, eu agradeço por ter me escolhido pra falar e deixar bem claro mesmo que é uma pena, uma pena mesmo as pessoas ficarem nessa situação, a política vem, a política vai, as autoridades vem, as autoridade vão, é... e as pessoas sofrendo, as famílias sofrendo, a gente sofrendo também que a gente não pode fazer nada, né? E eu gostaria de fazer um apelo pra que as autoridade, os políticos, os três poderes tentassem fazer alguma coisa, tem alguma coisa pra ser feita que não fizeram ainda, acredito.

ANEXO G – ENTREVISTA 7 – MARCOS (ESTUDANTE)

266. Pesquisador: Você já observou se aqui em Teixeira de Freitas têm pessoas que vivem nas ruas? Que dormem nas ruas? Conte um pouco sobre isso.

267. Marcos: Sim já observei, sou novo aqui na cidade, então não sei dizer muito locais onde realmente ficam, mas eu já vi algumas vezes.

268. Pesquisador: Se você precisasse explicar pra alguém que não tem conhecimento dessa circunstância que acontece no país, como você explicaria?

269. Marcos: Rapaz, é muito complexo.

270. Pesquisador: Por exemplo, chegou uma pessoa de fora aqui na cidade, né, passou aí e viu as pessoas em situação de rua, como é que você explicaria pra ela? Ela não sabe sobre o problema, é uma suposição.

271. Marcos: Ah, eu explicaria que é a questão da diferença da distribuição de renda onde poucos tem muito e a grande massa tem poucos pra sustentar muitos que pouco tem, é necessário entre muitas aspas, que as pessoas simplesmente vivam assim. E muitos também é resquício da questão escravocrata que o país teve na época colonial.

272. Pesquisador: Como seria uma sociedade sem esse problema?

273. Marcos: Não, uma sociedade com melhor distribuição de renda, onde desse a oportunidade verdadeira pra todos, acho que... uma sociedade onde todos pudessem ter acesso pelo menos ao mínimo.

274. Pesquisador: Por que esse problema existe?

275. Marcos: Eu acredito que são circunstâncias impostas pelo capitalismo e pela... pela... herança colonial. Pelo menos no Brasil.

276. Pesquisador: Quais são os motivos que você considera que leva o indivíduo à recorrer à rua como espaço de sobrevivência?

277. Marcos: Acredito que falta de perspectiva de vida, as pessoas não tem de onde que pode melhorar ou mudar o seu cenário em que tá inserido e acredito que a falta de perspectiva ou não ter nada a perder, leva as pessoas a esse caminho.

278. Pesquisador: Como você imagina que seja a rotina dessas pessoas nas ruas?

279. Marcos: Sinceramente eu não consigo nem imaginar, deve ser algo muito difícil, muito doloroso, não sei nem como responder essa questão porque realmente não tenho noção de como seria.

280. Pesquisador: Essas pessoas geralmente elas são daqui, ou elas vem de outro lugar?

281. Marcos: Não, não / não sei... pode ter dois tipos de pessoas aqui da região e pessoas que vieram, realmente eu não sei, deve ter estes dois tipos.

282. Pesquisador: Elas costumam ficar onde na cidade?

283. Marcos: Como eu te disse, eu sou novo na cidade, não sei aonde tem a maior concentração, mas eu consigo reparar alguns aqui na avenida Getúlio Vargas, nas portas dos bancos, aonde eu consigo ver é por aí, na porta dos bancos.

285. Pesquisador: O que elas mais fazem nas ruas?

286. Marcos: Quando eu estou as vendo, estão dormindo, mas não sei dizer, as vezes quando estou em Teixeira, infelizmente é um cenário de tá nesses locais.

287. Pesquisador: Como você se sente quando você vê essas pessoas?

288. Marcos: É um sentimento de... de impotência porque é muito triste ver a situação e sinceramente não poder fazer nada ou pouco do que pode fazer é algo circunstancial, não é algo que vai resolver o problema porque quem tem contato majoritariamente com e diariamente com essas cenas são pessoas que não têm um grande capital, não tem grande influência, de fazer algo efetivamente, acho que é mais o sentimento de impotência.

289. Pesquisador: Essa circunstância, as pessoas vivendo desse jeito, você acha que começou quando?

290. Marcos: Acredito que desde a época do fim da escravidão, começo do capitalismo porque essas pessoas que colonizaram que roubaram terras, as pessoas que foram escravizadas e não foram inseridas na sociedade creio que foi isso.

291. Pesquisador: Qual seria a solução para essa questão?

292. Marcos: Eu acredito que políticas de distribuição de renda, de... melhores condições na educação onde consiga inserir essas pessoas em um projeto de trabalho, perspectiva de melhores condições de vida, acho que sim.

293. Pesquisador: Quem deveria fazer isso?

294. Marcos: Na minha concepção seriam pessoas tanto politicamente ou pessoas com grande capital financeiro que possa investir nesses projetos, donos de empresas, pessoas com dinheiro e...

295. Pesquisador: Esse assunto, ele é abordado pelos meios de comunicação? Internet, TV, rádio?

296. Marcos: Eu acho... que... (como é abordado?) eu acho que é abordado de uma forma muito superficial, porque esses meios sim falam do problema, mas eu acho que eles falam o óbvio, falam que o problema existe e que todo mundo já sabe, agora o que de fato deveria ser pensado, seria uma solução para o problema, sobre o problema acho que todo mundo já sabe.

297. Pesquisador: E a administração pública, o governo, eles prestam assistência a essas pessoas? Se sim, quais tipos de assistência?

298. Marcos: Eu acho que... eles falam que não prestam assistência, eu não vou falar, mas é uma assistência muito pouco efetiva porque tem a questão das casas do Centro POP, das questões de tentar inserir essas pessoas em locais onde essas pessoas tenham pelo menos um lugar para dormir, pra almoçar, se alimentar, só que eu acho que é uma, é uma assistência muito falha que não é efetiva, é algo que vai ter a aderência de um com o tempo, mas não é algo que vai solucionar o problema, algo que vai só mascarar.

299. Pesquisador: A gente já tá caminhando pra fechar. Você acha que essas pessoas têm direitos assegurados?

300. Marcos: Sim, todas as pessoas, toda população teria, pelo menos no campo teórico seus direitos assegurados, agora se tem de fato, não acho que tem, mas de acordo tá no papel, realmente era pra ter.

301. Pesquisador: Existe preconceito contra elas?

302. Marcos: Com certeza.

303. Pesquisador: Por quê?

304. Marcos: Ah... é muito pelo o estereótipo do... de que as pessoas estão ali porque querem ou porque não quiseram mudar de vida, acham que a solução é que essas pessoas não querem trabalhar, sendo que geralmente essas pessoas não têm oportunidade, então é muito difícil, existe essa questão do julgamento, de tá ali porque querem, sem pensar no que levou essa pessoa a chegar nessa situação.

305. Pesquisador: Como podemos combater esse preconceito?

306. Marcos: Acho que com a informação, é... e trabalhando a questão da empatia com essas pessoas, as pessoas olham só com estereótipos, mas não levam ao que de fato levou a pessoa a chegar a esse ponto. Empatia e informação de fato.

307. Pesquisador: O que você espera do futuro como pessoa?

308. Marcos: Em relação a mim ou em relação a sociedade?

309. Pesquisador: Sociedade.

310. Marcos: Eu espero uma sociedade minimamente mais justa onde pelo menos que as pessoas que não têm todas as condições de... tenham pelo menos o mínimo com uma educação de qualidade, sistema de saúde, é... acesso ao trabalho com o mínimo de remuneração pra pessoa ter uma vida digna.

311. Pesquisador: Há algo a mais que você queira falar sobre esse assunto? Comentar mais alguma coisa, alguma coisa que eu não abordei?

312. Marcos: Eu acho... só reforçar que realmente é uma questão social que enquanto não olhar para o âmbito do problema em questões de solução efetivas, onde algo provisório não vai ser resolvido e tratar que as pessoas que estão nessa situação não estão porque querem, sim porque... circunstâncias as deixaram assim, as levaram a essa realidade.

ANEXO H – ENTREVISTA 8 – ANA (ESTUDANTE)

313. Pesquisador: Você já observou se aqui em Teixeira de Freitas têm pessoas que vivem nas ruas? Que dormem nas ruas? Conte um pouco sobre isso.

314. Ana: Sim, aqui em Teixeira tem muitos moradores de rua. Ao circular pelo comércio, é comum perceber que é um morador de rua. Às vezes, as pessoas se sentem ameaçadas, há discussões entre eles... andam em grupo, em dupla.

315. Pesquisador: Se você precisasse explicar pra alguém que não tem conhecimento dessa circunstância que acontece no país, como você explicaria?

316. Ana: Falaria que cada vez mais pessoas vão pra rua por questões familiares, psicológicas e financeiras.

317. Pesquisador: Como seria uma sociedade sem esse problema?

318. Ana: Seria uma sociedade mais justa, né? São pessoas que não têm o apoio da família porque a família não consegue dar aquele apoio necessário. O governo não ajuda a igreja, que não ajuda tanto quanto deveria, e as empresas privadas também não ajudam, então essas pessoas ficam desamparadas.

319. Pesquisador: Por que esse problema existe?

320. Ana: É triste, é uma culpa da família, do governo e dos empresários. É uma questão de saúde mental que deve ser tratada desde o início do ensino fundamental. É preciso ter acompanhamento para ver quem está mais precisando de fato seguir a linha de tratamento.

321. Pesquisador: Quais são os motivos que você considera que leva o indivíduo à recorrer à rua como espaço de sobrevivência?

322. Ana: Houve uma falha na administração pública e isso recai sobre a família, onde a pessoa é cobrada a ser o melhor, mas essa pessoa não tem apoio da família que a cobra e, conseqüentemente, do governo, ficando em situação de rua.

323. Pesquisador: Como você imagina que seja a rotina dessas pessoas nas ruas?

324. Ana: A rotina, pelo que percebo, é o dia. Eles procuram lugares onde há água para tomar um banho e lavar uma roupinha. Além disso, têm banheiros públicos que eles usam na praça. Quando é o horário de meio dia, pedem almoço pela manhã, pedem dinheiro para café. Em geral, tem um motivo para pedir. Outras vezes, vejo trabalhando na feira descarregando caminhão, levando compras. Algumas, nos faróis, também vendem doces e balas.

325. Pesquisador: Essas pessoas geralmente elas são daqui, ou elas vem de outro lugar?

326. Ana: A maioria é de fora das cidades, mas poucos vão pra outros lugares por causa dos parentes próximos, então acabam saindo de perto porque não querem convívio.

327. Pesquisador: Elas costumam ficar onde na cidade?

328. Ana: No terminal rodoviário da cidade daqui, tem uma barreira de proteção contra a chuva no shopping na marquise de banco, de lojas em locais que sempre oferecem banheiro por perto para eles e comida e pessoas para pedir. Onde as pessoas circulam, tem que ser esse lugar para elas.

329. Pesquisador: O que elas mais fazem nas ruas?

330. Ana: Eles ficam no centro onde tem muitas lanchonetes e restaurantes. Em Teixeira, são esses os lugares mais populares. Esses são os lugares. O banco é sempre um local.

331. Pesquisador: Como você se sente quando você vê essas pessoas?

332. Ana: Fico triste porque quero uma sociedade onde todos, na minha opinião, tivessem condições de estudar, assim como se diz que tem que estudar. Temos uma moradia com os requisitos necessários para a rede de esgoto e o direito à saúde, mas poucos têm.

333. Pesquisador: Essa circunstância, as pessoas vivendo desse jeito, você acha que começou quando?

334. Ana: Há mais de 60 anos, mas, a cada década, o número aumenta, infelizmente, no Brasil. Eu acho que está cada vez mais difícil para as pessoas estudarem e trabalharem. Hoje em dia os trabalhos são mais informatizados e muitas pessoas não podem estudar para chegar lá, então elas trabalham para manter a casa ou estudam.

335. Pesquisador: Qual seria a solução para essa questão?

336. Ana: É necessário que os governantes realizem um estudo para identificar onde começar a tratar essa questão. Primeiro, retirando-os da rua, criando um abrigo e, em seguida, instalando-o em um abrigo. Nesse abrigo, há apoio psicológico, escola e apoio financeiro para resolver a situação. É possível remover, pelo menos, metade da população da rua.

337. Pesquisador: Esse assunto, ele é abordado pelos meios de comunicação? Internet, TV, rádio?

338. Ana: Em pessoas em situação de rua, fala muito pouco. É abordado de forma muito sutil, de forma inabrange. Até a igreja não se envolve tanto. Faz uma campanha anual, mas não é o bastante.

339. Pesquisador: E a administração pública, o governo, eles prestam assistência a essas pessoas? Se sim, quais tipos de assistência?

340. Ana: Na minha cidade, Teixeira não tem esse local 100%, oferece um lanche, um café e um almoço. Não cuida da parte psicológica, não oferece condições para estudar, nada disso. Chegou, deu um lanche e já fez a parte deles.

341. Pesquisador: Existe preconceito contra elas?

342. Ana: Existe muito preconceito.

343. Pesquisador: E por quê?

344. Ana: Com receio de serem roubadas, procura se afastar ou, se tiver algum dinheiro, procura se separar logo para chegar e dar e sair fora. Não quer contato porque não tem estrutura para ajudar aquela pessoa.

345. Pesquisador: Como podemos combater esse preconceito?

346. Ana: É uma questão que, de alguma forma, envolve o governo, uma vez que se inicia na escola, influenciando os alunos, explicando a situação para eles e seus pais em casa.

347. Pesquisador: O que você espera do futuro como pessoa?

348. Ana: Espero que a sociedade valorize quem estuda, mas a maioria das pessoas não tem condições de estudar ou trabalhar em algo para sobreviver. Para ter uma casa simples ou estudar, as pessoas não conseguem se manter na escola, mesmo que falem que é fácil estudar. Se não conseguirem pagar por tudo, como passagens, materiais da escola e viagens da escola, é difícil.

349. Pesquisador: Há algo a mais que você queira falar sobre esse assunto? Comentar mais alguma coisa, alguma coisa que eu não abordei?

350. Ana: Posso afirmar que, para mudar o país, é o governo que precisa fazer isso, a base.